

IPV - ESEV |

# Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu



Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu





**INSTITUTO POLITECNICO DE VISEU**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE VISEU**

**DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA**

Neuza Santos Pimenta n.º 6820 do curso Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco declara sob compromisso de honra, que a dissertação/trabalho de projeto/relatório final de estágio é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 20 de maio de 2013

A aluna, \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Embora a realização do presente trabalho seja, pela sua finalidade acadêmica, um trabalho individual, há contributos de natureza diversa que não podem deixar de ser realçados. Desta forma, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos:

À professora doutora Emília Martins, pela qualidade da sua orientação técnica e científica. Pelo estímulo, disponibilidade, confiança e pertinência das suas críticas e sugestões, das quais me permitiram uma reflexão constante.

À Associação rede *ex-aequo* – associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes, pela colaboração e apoio na recolha de dados, que se verificaram essenciais no desenvolvimento de estudo.

A todos os que participaram neste estudo, quero manifestar o meu agradecimento pela disponibilidade e interesse demonstrado, tal como pela colaboração e participação no processo de recolha dos dados.

E por fim, à minha família, que sempre me deu todo o apoio, tolerância, compreensão e carinho durante todo o meu percurso académico.

## RESUMO

O bullying homofóbico é uma forma específica de assédio que ocorre quando a vitimização é motivada pelo preconceito homossexual. Os jovens alunos, lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais (LGBT), vítimas desta forma de bullying estão mais vulneráveis à exclusão social, isolamento e aquisição de comportamentos de risco.

O presente projeto de investigação pretende contribuir para a compreensão de questões relacionadas com os episódios de bullying em jovens LGBT, sempre na perspectiva da vítima e a percepção que esta tem da problemática. Neste sentido, apresentamos como principal objetivo verificar em que medida variam os episódios de bullying, relativamente à frequência, contextos de vitimização, tipos de bullying e estratégias utilizadas como forma de evitar/lidar com as agressões, em função de variáveis sociodemográficas, académicas, pessoais e institucionais.

Para responder a estes objetivos foram utilizados dois questionários, sendo um de Suporte Social (SSQ6), que se encontra aferido para a população portuguesa, e outro especialmente construído para a recolha dos dados de caracterização sociodemográfica, caracterização de aspetos relacionados com a orientação sexual, experiências de bullying e o impacto do bullying homofóbico. Foi realizado um pré-teste, sendo os resultados obtidos alvo de uma análise descritiva. Pode apurar-se que a principal forma de vitimização é verbal e relacional, o principal contexto de vitimização é o recreio e fora do espaço escolar, enquanto as principais estratégias para evitar/lidar com a vitimização, são a ocultação da identidade sexual e evitar pessoas e locais. O projeto aqui apresentado é para desenvolver num período temporal de 6 meses.

**Palavras-chave:** Bullying; orientação sexual; homofobia; vitimização.

## ABSTRAT

The homophobic bullying is a specific form of harassment that occurs when the victimization is motivated by homosexual prejudice. The Lesbians, gays, bisexuals and transgender (LGBT) young students victims of this bullying form are more vulnerable to social exclusion, isolation risk behaviors.

This research project aims to contribute to the understanding of issues related with bullying episodes in young the LGBT youth, always in the victim's perspective and her perception of the problem. In this sense, we present as main objective: Characterization of the bullying episodes (relative to the frequency, victimization context, bullying types and strategies used to avoid/deal with aggressions), according to sociodemographic, academic, personal and institutional variables.

For the data collection was used two questionnaires: the portuguese form of Social Support (SSQ6), and another one specially built for collecting sociodemographic data, characterization of sexual orientation related aspects, bullying experiences and the impact of homophobic bullying. The results of the descriptive and exploratory analysis of the pre-test showed verbal and relational as the main forms of bullying that occurs in the playground and outside of school, while the main strategies to avoid/deal with victimization, are sexual identity occultation and to avoid people and places. The project presented will be developed in 6 months.

**Keywords:** Bullying; sexual orientation; homophobia; victimization.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	3
1. CONCEPTUALIZAÇÃO DO TERMO BULLYING .....	3
1.1 <i>Tipos de bullying</i> .....	5
1.2 <i>Círculo de agressão do bullying</i> .....	6
1.3 <i>Principais características das vítimas e agressores</i> .....	7
2. HOMOSSEXUALIDADE, HOMOFOBIA E A SOCIEDADE .....	9
3. BULLYING HOMOFÓBICO .....	10
3.1 <i>Natureza do bullying homofóbico</i> .....	12
3.2 <i>Abordagem sócio ecológica em comportamentos de bullying homofóbico</i> .....	12
3.3 <i>Consequências do bullying homofóbico</i> .....	14
3.4 <i>Prevalência do bullying homofóbico</i> .....	15
3.5 <i>Contexto LGBT português</i> .....	17
4. RESPONSABILIDADE DA ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO .....	19
5. ORIENTAÇÕES PARA PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO/PREVENÇÃO DE BULLYING HOMOFÓBICO .....	20
6. O BULLYING EM LGBT: TRAÇOS DOMINANTES DA INVESTIGAÇÃO .....	23
<b>CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	28
1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	28
2. FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES.....	28
3. METODOLOGIA .....	30
3.1 <i>Definição das variáveis</i> .....	30
3.1.1 <i>Variável dependente</i> .....	30
3.1.2 <i>Variáveis independentes e a sua operacionalização</i> .....	30
3.2 <i>Sujeitos: população e amostra</i> .....	31
3.3 <i>Instrumentos</i> .....	31
3.5 <i>Procedimento</i> .....	35
3.6 <i>Técnicas de estatística e grau de confiança</i> .....	35
4. RESULTADOS.....	36
4.1 <i>Expectativas em relação aos resultados</i> .....	36
4.2 <i>Análise exploratória dos resultados do pré-teste do questionário de bullying</i> ....	37
4.3 <i>Análise exploratória dos resultados do pré-teste do Questionário de Suporte Social (SSQ6)</i> .....	52

<b>CONCLUSÃO</b> .....	54
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	56
<b>ANEXOS</b> .....	66
ANEXO A – CRONOGRAMA .....	67
ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE BULLYING .....	69
ANEXO C – QUESTIONÁRIO BULLYING (versão final).....	78
ANEXO D – QUESTIONÁRIO DE SUPORTE SOCIAL (SSQ6) .....	85
ANEXO E – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE SUPORTE SOCIAL (SSQ6) AOS RESPETIVOS AUTORES .....	89
ANEXO F - PEDIDO DE COLABORAÇÃO À ASSOCIAÇÃO REDE EX AEQUO.....	92

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Ações e princípios na abordagem do bullying homofóbico em instituições de ensino.....	22
Tabela 2 - Medidas de tendência central (amplitude total, média e desvio padrão) da variável independente idade.....	37
Tabela 3 - Distribuição dos sujeitos tendo em conta o género e a orientação sexual. .	38
Tabela 4 - Correlação entre a frequência na escola e as habilitações académicas.....	39
Tabela 5 - Frequência do número de reprovações.....	39

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Círculo do Bullying (adaptado de Olweus, 2001a, 2001b, cit. por Olweus & Limber, 2010). .....	7
Figura 2 – Figura representativa da abordagem sócio ecológica.....	13
Figura 3 - Distribuição de frequências relativas à necessidade da inclusão de aspetos no questionário.....	33
Figura 4 - Distribuição de frequências relativas à compreensão e clareza das questões. ....	33
Figura 5 - Distribuição de sujeitos da zona de residência habitual. ....	38

Figura 6 - Escolaridade parental (mãe/pai). .....	40
Figura 7 - Distribuição de frequências sobre quem sabe da orientação sexual. ....	41
Figura 8 - Distribuição de frequências relativas à aceitação da orientação sexual. ....	42
Figura 9 - Percentagens da percepção sobre a relação com grupo de pares. ....	42
Figura 10 - Percentagens das percepções de discriminação no espaço escolar. ....	43
Figura 11 - Distribuição de frequência pelos tipos de bullying. ....	43
Figura 12 - Distribuição de frequências por local da vitimização. ....	44
Figura 13 - Distribuição de frequências relativas aos principais responsáveis pela vitimização. ....	45
Figura 14 - Percentagem de vítimas que denunciaram e não denunciaram as agressões.....	45
Figura 15 - Distribuição de frequências das principais respostas da escola às agressões.....	46
Figura 16 - Distribuição de frequências por motivos das vítimas para não denunciarem as agressões.....	47
Figura 17 - Percentagem relativa à frequência de bullying percebido como homofóbico.....	48
Figura 18 - Distribuição das frequências relativamente ao impacto do bullying homofóbico no quotidiano das vítimas. ....	49
Figura 19 - Distribuição de frequências das estratégias utilizadas como forma de evitar/lidar com a vitimização.....	50
Figura 20 - Grau de satisfação relativamente às questões apresentadas no Questionário de Suporte Social. ....	52

## LISTA DE ABREVIATURAS

APA – American Psychological Association.

CRP – Constituição da República Portuguesa.

DSM - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders.

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente privilegiado de socialização, sendo que a violência perpetuada neste contexto assume-se como uma problemática social grave e de grande complexidade. A violência escolar é referenciada a nível internacional pelo termo bullying, que também podemos designar por comportamentos agressivos (Costa & Pereira, 2010).

Nas últimas décadas tem vindo a verificar-se um crescente interesse em temas relacionados com a homossexualidade e o estigma envolto com a população lésbica, gay, bissexual e transsexual (LGBT). A homofobia está intimamente relacionada com a prática de bullying. Sendo que o bullying homofóbico traduz-se por qualquer agressão, física, emocional ou social perpetrado contra qualquer pessoa cuja sua orientação sexual real ou percebida não é a comum para o seu género. Pesquisas revelam que a prevalência de bullying é significativamente maior entre jovens de minorias sexuais do que entre aqueles que se identificam como heterossexuais (Berlan, Corliss, Field, Goodman & Austin, 2010, cit. por Hong & Garbarino, 2012; Rivers, 2011; Rivers & Cowie, 2007).

Apesar de nos últimos anos terem surgido políticas com a vista à não discriminação e integração de pessoas homossexuais, não deixamos de nos confrontar regularmente com relatos de pessoas que foram agredidas pela sua orientação sexual, constituindo uma realidade dura e com consequências individuais e sociais significativas. Estudos do Observatório de Educação LGBT (2008; 2010; 2012) concluíram que “a escola ainda não é um espaço seguro para muitos jovens homossexuais, bissexuais e/ou transgéneros, ou percecionados como tal” (p.4). As vítimas LGBT, segundo o último relatório apresentado pelo Observatório de Educação LGBT (2012, p.4) “vivem sentimentos de exclusão, isolamento, baixa autoestima, segregação social, insucesso escolar, entre outros, no mais profundo silêncio”.

Neste sentido, o presente trabalho, no âmbito de um mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, insere-se na temática do bullying homofóbico e visa contribuir para desenvolver a investigação neste domínio. Como finalidade última, pretende-se atingir a promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida da criança e jovem, quer seja aos níveis pessoal, social, familiar e institucional, no contexto da complexa evolução das sociedades contemporâneas, onde todos são livres de fazer as suas próprias escolhas, permitindo uma multiplicidade de identidades e papéis.

Em suma, a pertinência do tema justifica-se pela necessidade de compreensão da própria sociedade no que se refere à homossexualidade e toda a desconstrução dos paradigmas criados em volta da orientação sexual e do que advém com a assunção da diferença. Ressalve-se, também, a importância do estudo do tema pela escassez de trabalhos nacionais, que no futuro possam sustentar planos adequados e eficazes de prevenção e intervenção em comportamentos agressivos, cujo motivo principal seja a orientação sexual.

Assim sendo, os objetivos traçados remetem para a compreensão/identificação das características sociodemográficas e da orientação sexual da população LGBT, para além das experiências de bullying e do impacto do bullying homofóbico no quotidiano das vítimas.

Este trabalho é composto por dois capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o enquadramento teórico da temática, onde procuramos fundamentar o estudo apresentado, como tal abordamos conceitos gerais de bullying na perspetiva de diversos investigadores, a identificação dos vários tipos de bullying, o círculo de agressão e as principais características inerentes a vítimas e agressores. Segue-se uma revisão conceptual sobre homossexualidade, homofobia e bullying homofóbico e o seu significado social. Apresentamos a problemática e prevalência do bullying homofóbico numa perspetiva socio ecológica, identificamos as principais consequências da vitimização, e caracterizamos o contexto LGBT português, onde são identificados os principais avanços no panorama político e legislativo. Terminamos este capítulo com uma apresentação das responsabilidades institucionais da escola, orientações para programas de intervenção/prevenção e por fim os traços dominantes da investigação no âmbito do bullying em LGBT.

No segundo capítulo, relativo ao plano de investigação, apresentamos a problemática do estudo, a formulação das hipóteses e a metodologia de investigação utilizada, são identificadas as variáveis em estudo, bem como a operacionalização das mesmas, definem-se os sujeitos da amostra, os instrumentos utilizados na recolha dos dados, os procedimentos adotados para o efeito, as técnicas de estatística e graus de confiança. Procedemos, ainda, a uma breve referência de resultados obtidos no pré-teste. A conclusão tem por base uma síntese do trabalho realizado, bem como as limitações identificadas e algumas pistas para o desenvolvimento do trabalho futuro.

## **CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

A violência nas escolas – bullying, é um fenómeno mundial tão antigo como a escola e consiste numa ação em que um ou mais indivíduos agridem física, verbal ou emocionalmente outro indivíduo. É um fenómeno reiterado, ou seja, tem um padrão repetitivo, cujo objetivo é provocar mal-estar, dominar e demonstrar poder perante a vítima e o grupo social (Pereira, 2008, cit. por Lourenço, Pereira, Paiva & Gebara, 2009). Todavia, durante muitos anos não foram feitos quaisquer esforços para compreender esta problemática, sendo muitas vezes assumida como normativa.

Somente na década de 70, o investigador norueguês Dan Olweus, desenvolveu os primeiros estudos sobre o fenómeno, apesar de na época ter sido um assunto com pouca relevância científica. Todavia, no final de 1982 ocorreu uma situação que chamou a atenção da sociedade e da própria comunidade científica para esta situação. Tal deveu-se ao facto de se identificarem suicídios em crianças vítimas de maus tratos por colegas de escola (Olweus, 1993, cit. por Lisboa, Braga & Ebert, 2009). Consequentemente, Olweus (1983) iniciou a sua investigação, tendo como objetivos verificar a incidência da problemática, a natureza, extensão e consequências para todos os que são reconhecidos neste fenómeno (Olweus, 1983, cit. por Barros, Carvalho & Pereira, 2009; Olweus & Limber, 2010).

### **1. CONCEPTUALIZAÇÃO DO TERMO BULLYING**

Ao tentarmos conceptualizar o termo bullying e definirmos a sua operacionalização é necessário compreender o termo em articulação com outros conceitos e fenómenos. Assim sendo, torna-se essencial definir conceitos como violência e agressividade, que diversas vezes estão diretamente associados.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a violência é hoje um problema de saúde pública em todo o mundo, devido às consequências que revela no desenvolvimento humano. Genericamente, esta organização entende que a violência perpetua a utilização intencional da força ou poder físico, contra si mesmo, contra outra pessoa ou grupo/comunidade, de onde poderão resultar ferimentos graves, morte, danos psicológicos, mau desenvolvimento ou privação (Organização Mundial de Saúde [OMS], cit. por Barros et al., 2009). Assim, a violência é “uma acção ou comportamento que vai causar dano a outra pessoa ou ser vivo. Nega ao outro a

autonomia, a integridade física ou psicológica e até mesmo o direito à vida” (Candau, Lucinda & Nascimento, 1999, cit. por Barros et al., 2009, p. 5739).

Vejam agora o conceito de agressividade que, observado pelo modelo psicanalítico de Freud (1920, cit. por Pereira, 2002), é um comportamento inato e não intencional. Por outro lado, para a teoria da aprendizagem social de Bandura (1973;1987, cit. por Pereira, 2002), o comportamento agressivo é socialmente aprendido, através de um processo de modelagem.

Neste seguimento, surge a preocupação com a temática da violência nas escolas - bullying, que pode abarcar diversos comportamentos como a agressão, vitimização, intimidação, ameaça, roubo, vandalismo, ofensa, entre outros. Considerando a sua etimologia, este vocábulo deriva do adjetivo inglês bully (valentão) (Chalita, 2008, cit. por Lisboa et al., 2009). Em Portugal, devido à dificuldade de encontrar uma designação que compreenda os diversos termos utilizados para referir esta problemática, tais como, agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, abusar, adotou-se a expressão inglesa (Pereira, 2002). Assim sendo, o bullying foi descrito por diversos autores como um “abuso sistemático do poder”, traduzindo-se em comportamentos agressivos entre pares, de forma continuada e intencional (Olweus,1993; Smith & Sharp, 1994, cit. por Pereira, 2002, p. 45).

Neste seguimento, Olweus (1993, cit. por Costa & Pereira, 2010, p. 1810) refere que, “um aluno está a ser vítima de bullying quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas”. Smith et al., (1999, cit. por Tarouca & Pires, 2010) definem bullying como uma subcategoria do comportamento agressivo, pois é dirigido com frequência a uma ou mais vítimas incapazes de se defenderem por si próprias. Na perspetiva de Pereira (2002), a designação do fenómeno deve englobar, simultaneamente, características de personalidade dos sujeitos e características dos comportamentos. Portanto, à semelhança de outros comportamentos agressivos, o bullying “identifica-se pela intencionalidade de magoar alguém que é vítima e alvo do acto agressivo, enquanto os agressores manifestam tendência a desencadear, iniciar, agravar e a perpetuar situações em que as vítimas estão numa posição indefesa” (Pereira, 2002, pp. 16-17).

No mesmo sentido, Carvalhosa, Lima e Matos (2001), apontam para determinados critérios na definição de bullying, tais como a intencionalidade do comportamento, ou seja, o comportamento tem o único objetivo de provocar mau estar e controlo sobre o outro. Assume que deve ser um comportamento reiterado ao longo do tempo, sendo que o agressor observa a vítima como um alvo fácil de controlar. Por

fim, outro aspeto em destaque é que o comportamento agressivo não é resultado de nenhuma provocação ou ameaça prévia.

Posto isto, bullying é o comportamento protagonizado por um ou mais agressores, ao qual uma criança ou adolescente pode ser exposta, por manifestações diretas ou indiretas, que ocorrem sem motivação aparente. Contudo, encerra intencionalidade e, particularmente, aponta para um desequilíbrio de poder, onde a vítima não possui qualquer capacidade em proteger-se da agressão (Olweus, 1993; Salmivalli et al., 1998, cit. por Lisboa et al., 2009).

### **1.1 Tipos de bullying**

Vários autores referem que o bullying pode manifestar-se de forma direta ou indireta, sendo mais ostensiva ou subtil e com variações quanto à sua gravidade. Consideramos como bullying direto todos os comportamentos que envolvam agressões físicas e verbais, como por exemplo bater, ameaçar, roubar ou extorquir. Já o bullying indireto revela manifestações mais subtis de vitimização, tais como a exclusão, indiferença, isolamento e difamação que geralmente podem ser mais dolorosas para as vítimas (Smith, et al., 2004, cit. por Lisboa et al., 2009). Neste sentido e para sistematizar os tipos ou formas de comportamentos de bullying surgiram várias categorizações.

Numa perspetiva mais comum de categorização, o bullying pode ser físico, verbal e relacional. A agressão física inclui todos os comportamentos violentos como bater, chutar e pontapear. A agressão verbal inclui provocações, insultos e ameaças; já o relacional refere-se essencialmente à exclusão social (Kristensen & Smith, 2003, cit. por Slonje & Smith, 2008).

Langevin (2000), por outro lado, identifica quatro tipos ou formas de bullying: físico, que por sua vez é mais fácil de identificar, pois resume-se a comportamentos como bater, empurrar e pontapear; verbal, pois são utilizadas palavras com o intuito de ferir e humilhar, através de insultos ou provocações; relacional, que consiste em espalhar boatos maldosos, excluir e difamar; e reativo, por referência a vítimas de bullying que se transformam em agressores (Langevin, 2000, cit. por Aluede, Adeleke, Omoike & Afen-Akpaída, 2008). Outros investigadores apontam para cinco formas de bullying que podem ser observadas, sendo elas a agressão física (empurrar, bater), a alienação social (exclusão, rejeição, coação), a agressão verbal (insultos, provocações), a intimidação (ameaças) e o bullying relacional (afeta diretamente as

relações fundamentalmente devido a boatos) (Garrity, Jens, Porter, Sager & Short-Camilli, 2001, cit. por Aluede et al., 2008).

Nos últimos anos, e consequência do desenvolvimento tecnológico e novas formas de acesso à informação e comunicação (essencialmente internet e telemóvel), emergiu um novo fenómeno que vários investigadores denominaram por cyberbullying (Faustino et al., 2008, cit. por Lisboa et al., 2009). Desta forma, o cyberbullying pode considerar-se uma extensão do bullying, diferenciando-se pelas suas formas de atuação. Neste sentido, o cyberbullying atua de forma indireta e não presencial, sendo que o agressor utiliza as tecnologias ao seu dispor para agredir a vítima, quer seja expondo-a, ameaçando-a ou chantageando-a (Prados & Fernández, 2007, cit. por Lisboa et al., 2009).

Segundo Fante e Pedra (2008, p. 65), “o cyberbullying é a forma virtual de praticar bullying”, sendo utilizados recursos como a internet e outras tecnologias de informação e comunicação (emails, blogs, facebook, entre outras ferramentas), mas sempre com o intuito de maltratar, humilhar e constranger. A categorização de Fernandes e Seixas (2012) já inclui o cyberbullying entre os seis tipos considerados, para além do físico, verbal, relacional, psicológico e sexual.

### **1.2 Círculo de agressão do bullying**

Ao trabalharmos as questões relacionadas com bullying, torna-se necessário identificar os principais papéis assumidos pelos intervenientes em casos de bullying, de forma a podermos definir e identificar as principais características inerentes a cada perfil. Importa destacar que apesar dos papéis que cada interveniente assume com o bullying, todos arrastam consigo consequências negativas, que poderão colocar em causa o desenvolvimento social, com influência nas decisões, atitudes, comportamentos desajustados, relação com os pares, podendo assim determinar todo o percurso futuro (Pereira, 2002; Barros et al., 2009). Assim, a violência na escola conceituada como bullying pode apresentar diversos participantes, geralmente alunos, que podem assumir diversos perfis, apresentando-se como agressores, vítimas, vítimas/agressores e espetadores (Pereira, 2002; Neto, 2006, cit. por Barros et al., 2009).

Na Figura 1 está representada a diferença de papéis que cada interveniente pode assumir, e o círculo de agressão mais comum entre alunos em contexto escolar (Olweus, 2001a, 2001b, cit. por Olweus & Limber, 2010). Podemos observar o círculo de bullying como um fenómeno grupal, pois os bullies (agressores) e as vítimas não

representam os seus únicos intervenientes. De acordo com o autor, também estão envolvidos: os seguidores do bully (agressor), que apesar de não iniciarem comportamentos violentos, tomam partido do agressor e participam no processo; os apoiantes que não se envolvem ativamente no bullying, mas apoiam o agressor incentivando-o; os apoiantes passivos, que observam todo o processo mas não se manifestam; os que assistem a estes comportamentos (espetadores), mas não tomam qualquer posição; os potenciais defensores, que não apoiam o agressor, mas também não ajudam a vítima; bem como os defensores, que consideram a prática de bullying condenável e têm uma atitude proactiva para com a vítima, auxiliando-a sempre que possível, em virtude da sua fragilidade e situação de desigualdade.

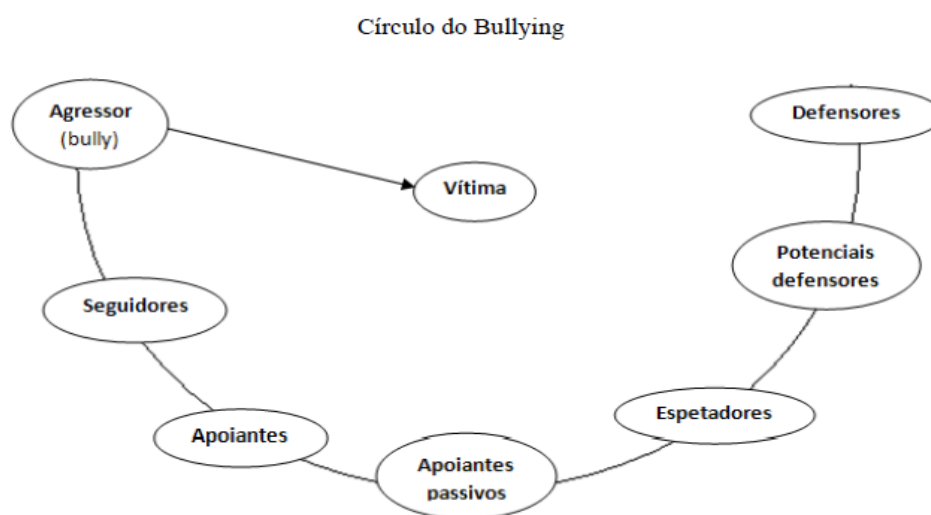


Figura 1 - Círculo do Bullying (adaptado de Olweus, 2001a, 2001b, cit. por Olweus & Limber, 2010).

### **1.3 Principais características das vítimas e agressores**

Qualquer que seja o comportamento de bullying, este existe porque há um indivíduo que o manifesta, a par de alguém que surge como alvo. Tal significa que estamos perante um envolvimento ativo de, pelo menos, um agressor e uma vítima. Ao longo dos tempos, vários investigadores têm-se debruçado sobre as principais características atribuídas a estes dois grupos. Portanto, todos os estudos realizados contribuíram para a diferenciação, quer das vítimas, quer dos agressores (Maliki, Asagwara & Ibu, 2009; Olweus & Limber, 2010; Unnever, 2005, cit. por Berger, 2007). Posto isto, quando nos referimos aos agressores e às vítimas, é fundamental

procedermos à sua caracterização, pois só assim poderemos compreender melhor este fenómeno em toda a sua complexidade.

Os agressores são dotados de confiança em si próprios e não têm medo, são fisicamente fortes e revelam comportamentos agressivos, quer com os seus pares, quer com adultos. São caracterizados, também, pela impulsividade e necessidade de dominar os outros, ou seja, têm uma grande necessidade de poder, sendo que coagem, provocam e agredem as vítimas para obter o que desejam (Olweus, 1993a, 1993b, cit. por Barros et al., 2009). Olweus (1978, 1987) salienta, ainda, o facto das crianças agressoras pertencerem a famílias que geralmente também o são, apresentando uma má relação com os pais, o que poderá fomentar ou estar na origem deste comportamento (cit. por Pereira, 2002).

No que se refere à incidência, esta é normalmente observada em meninos no papel de agressores e vítimas, principalmente no bullying direto. Já as meninas praticam bullying de forma mais indireta, facto que dificulta a sua identificação, pois não se torna tão explícita quanto as agressões físicas (Neto, 2005, cit. por Lisboa et al., 2009).

Considerando a definição de vítima na perspetiva de Boulton & Smith (1994), a "(...) vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arreliam, ou lhe fazem outras coisas desagradáveis (...)". Neste caso, verifica-se que as vítimas são mais deprimidas, têm dificuldades em fazer amizades, daí que tenham poucos amigos e sofram de alguma rejeição por parte dos seus pares (Boulton & Smith, 1994, cit. por Tarouca & Pires, 2010, p. 7). Conforme Olweus (1978, 1987), as crianças vítimas não são assertivas e não são dotadas de algumas competências sociais, tornando-se evidente o medo e a falta de confiança. Perante o grupo demonstram dificuldade em relacionar-se, sendo por isso muitas vezes excluídas socialmente (Olweus, 1993b, cit. por Pereira, 2002). No que se refere ao seu contexto familiar são caracterizadas pela educação de restrição e, por vezes, excesso de proteção por parte dos pais, sugerindo uma maior exposição à vitimização (Olweus, 1993, 1994, cit. por Tarouca & Pires, 2010). Por outro lado, também podem ser ao mesmo tempo agressoras, tendo um comportamento agressivo e provocatório, geralmente consequência da exclusão do grupo de pares (Lisboa, 2005, cit. por Lisboa et al., 2009).

Por fim, e numa observação geral, todo o desequilíbrio observado no bullying pode ser explicado pelas diferenças físicas, tais como a estatura, peso, orientação sexual, raça, bem como características emocionais e sociais entre agressores e

vítimas. Há autores que se referem ainda a aspetos económicos e culturais, assim como, características de personalidade enquanto fatores de risco nas manifestações de bullying (Salmivalli et al., 1998, cit. por Lisboa et al., 2009).

## **2. HOMOSSEXUALIDADE, HOMOFOBIA E A SOCIEDADE**

Ao longo da história da humanidade são vários os relatos de comportamentos homossexuais. A literatura revela que na própria mitologia existem registos de casos homossexuais, tal como Zeus e Garimedes. Também na Índia, o comportamento homossexual existe desde os tempos mais antigos, pois vários deuses da religião Hindu são descritos como hermafroditas ou travestis (Spencer, 1999, cit. por Venâncio, 2010).

Apesar de nos tempos mais antigos a homossexualidade ser encarada como algo de natural, sabe-se que em determinada altura da história da humanidade, tal comportamento deixou de ser aceite e passou a ser visto como errado e anormal. Esta mudança poderá ter como base a tradição judaico-cristã, assim como as interpretações das suas escrituras, passando-se a condenar qualquer forma de atividade sexual estéril, ou seja, que não fosse no sentido da procriação. Com isto, os homossexuais passam a ser vistos como pecadores, e por isso devem ser excluídos da sociedade (Naphy, 2004, cit. por Poeschl, Venâncio & Costa, 2012).

A partir da idade média, os comportamentos homossexuais foram incluídos na luta contra todas as formas de comportamentos não normativos. Nos últimos 500 anos o preconceito judaico-cristão do ocidente desenvolveu-se, acabando por se espalhar e sendo adotado pela maioria das culturas não ocidentais (Naphy, 2004, cit. por Poeschl et al., 2012). Todo o preconceito envolto nos comportamentos homossexuais determinou a classificação de patologia pela comunidade médica do séc. XIX, passando no início do séc. XX a ser incluída no ramo das doenças mentais, dando origem a clínicas especialistas em tratar “doentes homossexuais” (Herek, 2004).

É em 1972, que o psicólogo americano George Weinberg veio dar o nome ao sentimento de hostilidade e preconceito pelas pessoas homossexuais, designando-o por homofobia, enquanto medo irracional da homossexualidade e dos homossexuais. Desde então, com a passagem a visão patológica, o seu significado tem vindo a englobar formas de discriminação, intolerância, rejeição ou desprezo. O termo homofobia levou a que a homossexualidade deixasse de ser considerada nos Estados

Unidos como doença mental, sendo retirada do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) (Poeschl et al., 2012).

Com a definição do termo homossexual, referindo-se à atração sexual e/ou envolvimento amoroso e emocional por pessoas do mesmo sexo, surgem novos conceitos como bissexual e transsexual (American Psychological Association [APA], 2008, cit. por Oliveira, 2010). A bissexualidade consiste na atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas de ambos os sexos. Já o termo transsexual abarca indivíduos que se identificam como sendo do outro género que não o biológico de pertença (APA, 2008, cit. por Oliveira, 2010).

Assim, podemos considerar que a homofobia pode ser vista como um preconceito socialmente construído, perpetuado a partir das estruturas sociais de uma sociedade assente em normas sobre papéis de género, sexualidade e as relações interpessoais entre membros da mesma sociedade e de sexos opostos. Neste sentido, a homofobia pode ser entendida como “an irrational fear or disgust towards lesbians or gay men”, sendo definida pelo Crown Prosecution Service, como, “any incident which is perceived to be homophobic or transphobic by the victim or by any other person” (Warwick, Chase & Aggleton, 2004, p. 7). Portanto, como podemos verificar, que a homofobia não é uma característica universal do comportamento humano, é sim uma variação quanto à sua forma inicial, pois está associada a questões de personalidade, cultura e sociedade.

### **3. BULLYING HOMOFÓBICO**

Ao longo dos últimos anos têm sido várias as investigações sobre bullying nas escolas, verificando-se uma relação com outras áreas, como por exemplo o cyberbullying e a homofobia. Contudo, esta última tem sido pouco estudada, nomeadamente nos países do sul da Europa (Poteat & Espelage, 2007). Pesquisas realizadas a partir da década de 90 revelaram preocupações quanto ao assédio homofóbico no espaço escolar, ou seja os indivíduos eram selecionados pela sua orientação sexual, quer esta seja real ou percebida (Rivers, 2001). Por conseguinte, torna-se evidente a relação entre o bullying e a homofobia, visto que ambos se traduzem em elevados efeitos de vitimização durante o período da adolescência (Espelage, Aragon, Birkett & Koenig, 2008).

Apesar desta relação entre o bullying e a homofobia, ainda não foi possível apresentar uma definição operacional, que seja capaz de englobar os vários

elementos do assédio homofóbico, tais como a exclusão social, prejuízo percebido e real, ameaças verbais, violência física e discriminação percebida e real por indivíduos e comunidades devido à orientação sexual (Rivers, 2001). Tal dificuldade pode centrar-se na própria definição de bullying, que foi avançada pelo investigador Olweus (1993) e reflete acontecimentos com cerca de 20 anos, que podem não ter o mesmo reflexo na atualidade. Tal sugere-nos que os fenómenos de bullying são socialmente construídos, significando que as definições de assédio moral variam entre os diferentes grupos da sociedade, estando dependentes de variáveis como o género, etnia, idade e experiências culturais (Berger, 2007; Olweus, 1993).

Salientamos ainda, que o comportamento de bullying homofóbico pode ser direcionado quer para pessoas homossexuais, quer a pessoas heterossexuais, não pela sua orientação sexual; basta quebrar os estereótipos de género na nossa cultura para ser percecionado de forma diferente (Poteat & Espelage, 2007; Observatório de Educação LGBT, 2012). Neste sentido, Green (2008) exemplifica a situação anterior de modo muito simples: um rapaz que goste de dançar e uma rapariga que goste de jogar futebol pode ser motivo para que sejam alvos de bullying homofóbico. Neste caso, não pela sua orientação sexual, mas porque os papéis de género não se enquadram dentro do que é considerado tradicional (Green, 2008).

Várias investigações sugerem que a homofobia e o bullying homofóbico apontam para consequências negativas. Para O'Higgins-Norman (2008), o bullying homofóbico pode ser dividido em dois tipos, sendo estes, o bullying subjacente ao carácter hétero-normativo do ambiente escolar, relacionado com as expectativas do papel de género, e o bullying que tem por base a perseguição de pessoas com diferentes orientações sexuais, considerando lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais.

Apesar da definição de bullying homofóbico ser ainda um desafio quanto à sua conceptualização, parece existir um consenso no que respeita às consequências que poderão advir do assédio homofóbico, sendo estas elevados níveis de exclusão social, prejuízos percebidos e reais, ameaças verbais, violência física, bem como discriminação real ou percebida por indivíduos e pela comunidade devido à sua orientação sexual (Rivers, 2001).

Relativamente às instituições educativas, estas desempenham uma função crucial em termos de comunicação cultural, normas e valores, incluindo as relativas à sexualidade e género. A homofobia está profundamente enraizada na maioria das sociedades e pouco refletida, não obstante existem sociedades onde esses comportamentos são profundamente desencorajados, embora a heterossexualidade

ainda seja representada como um padrão desejável (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2012).

### **3.1 Natureza do bullying homofóbico**

Nas últimas décadas, temos vindo a assumir que a homossexualidade como uma orientação sexual tão válida e natural como a heterossexualidade (UNESCO, 2012). Segundo a UNESCO (2012), a diversidade sexual e as identidades de género potenciam uma variedade de respostas individuais e sociais, que poderão ir desde a hostilidade, perseguição até a diferentes graus de aceitação e integração. Sendo o bullying homofóbico, uma manifestação específica do comportamento homofóbico, este é observado como um fenómeno social e sistémico que ocorre particularmente no espaço escolar, instituições de ensino, universidades e outros locais de aprendizagem (UNESCO, 2012).

Assim, neste sentido, é de salientar que o comportamento homofóbico é aprendido e representa uma manifestação de violência e intimidação, impulsionada fundamentalmente pelo preconceito, originado por questões “tradicionais” e culturais, onde a heterossexualidade é vista como “normal e ideal” (UNESCO, 2012, p.8).

### **3.2 Abordagem sócio ecológica em comportamentos de bullying homofóbico**

A teoria dos sistemas ecológicos estabelece uma estrutura útil para determinar os fatores de risco e os fatores de proteção no assédio homofóbico no espaço escolar. Várias investigações determinaram características individuais associadas ao bullying, que tinham sido alvo de intervenção (Espelage, 2003, cit. por Espelage & Swearer, 2003). Estudos recentes tendem a demonstrar a importância de compreender o problema numa dimensão mais ampla, determinando fatores essenciais como os comportamentos e ações da família, amigos, professores e comunidade em geral, tal como características culturais que inibem ou promovem os comportamentos de bullying homofóbico nas escolas (Barboza, et al., 2009; Espelage & Swearer, 2010).

Considerando Bronfenbrenner (1977, 1979), a perspetiva ecológica dos sistemas refere que o bullying homofóbico é um fenómeno ecológico, que foi estabelecido e perpetuado ao longo do tempo, como resultado de complexas interações inter e intra individuais (Espelage & Swearer, 2010). As interações entre os quatro níveis do sistema (individual, micro, meso, macro) influenciam e determinam os comportamentos (Figura 2).

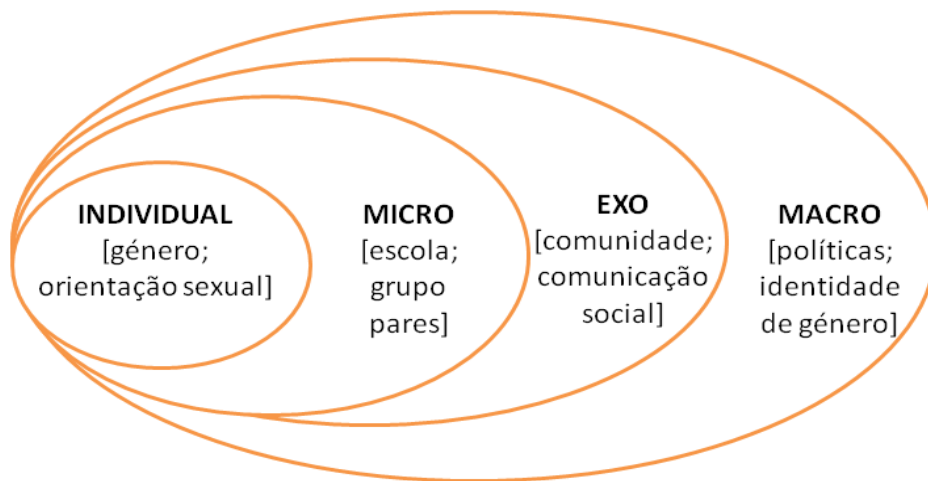


Figura 2 – Figura representativa da abordagem sócio ecológica.

Ao nível individual, o género revela-se importante, pois investigações apontam para diferenças significativas no que se refere à natureza das agressões, reação e consequências sociais resultantes da vitimização (Poteat & Espelage, 2007; Rivers, 2011). Contudo, também a orientação sexual tem sido apontada como um fator de risco nas investigações sobre bullying, verificando-se que as populações homossexuais apresentam um maior risco de vitimização que os indivíduos heterossexuais. Várias investigações indicam que minorias sexuais, apresentam um maior risco de depressão, comportamentos de risco e a utilização de substâncias (Hong & Garbarino, 2012).

Bronfenbrenner (1977;1988, cit. por Hong & Garbarino, 2012) refere-se ao micro sistema como o ambiente imediato ao sistema individual, tratando-se de ambientes como a escola e casa, compostos por uma rede social de relações interpessoais que envolvem interações várias. A família, colegas e a escolas são vários sistemas que dão origem ao micro sistema principal. No que se refere ao exo sistema, este não envolve diretamente os principais intervenientes (bully e vítima) no comportamento agressivo, no entanto inclui um sistema de protocolos que podem ter um impacto direto sobre eles. Questões como o ambiente escolar, políticas escolares, contexto em que se insere a comunidade escolar (elevados índices de pobreza, baixa escolarização), podem ser determinantes, com influência nas atitudes, crenças, relações interpessoais e normas da comunidade (Kosciw, 2009, cit. por Hong & Garbarino, 2012).

O macro sistema é definido como um modelo para a sociedade de uma determinada cultura e subcultura, entre outros contextos mais amplos

(Bronfenbrenner, 1989). Os modelos comportamentais e conceituais determinados no macro sistema são transferidos de geração em geração, através de instituições culturais como a família, escola e local de trabalho, entre outros que podem ser considerados intermediários nos processos de socialização (Bronfenbrenner, 1989; 2002, cit. por Hong & Garbarino, 2012).

A perspetiva ecológica permite-nos explicar a complexidade associada aos comportamentos de bullying homofóbico, tal como as influências ambientais, impacto e prevalência.

### **3.3 Consequências do bullying homofóbico**

O bullying, ao longo dos últimos anos tem vindo a ser reconhecido como uma problemática grave e que tem vindo a adquirir dimensões crescentes nos países mais desenvolvidos. De facto, ao estudarmos os aspetos relacionados com a problemática do bullying, percebemos que os impactos são evidentes para todos os envolvidos, independentemente da forma como possa ser praticado. Verificamos inevitavelmente a presença de aspetos culturais, sociais, políticos, económicos e individuais, que se revelam determinantes no estudo das variadas formas de bullying (Antunes & Zuin, 2008, cit. por Barros et al., 2009). Contudo, qualquer que seja a forma de bullying praticada pode afetar a criança ou jovem, provocando um desequilíbrio no seu bem-estar físico e emocional, como ainda desestruturar as suas interações sociais e relacionais.

Markow e Fein (2005) referem que a escola pode tornar-se num local perigoso para os alunos que se identificam como gays, lésbicas, bissexuais ou transsexuais. Como tal, os estudantes LGBT são recorrentemente vítimas de provocações, discriminação e assédio (Markow & Fein, 2005, cit. por Bacon, 2011). Alguns autores defendem que numa sociedade onde a homofobia é manifestada com comportamentos agressivos, insultos e ameaças, os jovens LGBT estão mais vulneráveis à vitimização, colocando em causa o seu desempenho académico e bem-estar psicológico (Swearer et al., 2008, cit. por Bacon, 2011). O comportamento de bullying homofóbico pode traduzir-se num impacto ainda mais grave sobre jovens LGBT, podendo apresentar repercussões graves a longo prazo. Com efeito, estes jovens, vítimas de homofobia, encontram-se a desenvolver a sua própria identidade e a descobrir a sua orientação sexual, sendo que este tipo de discriminação poderá afetar a sua autoestima e confiança. Tackacs (2006) afirma ainda que podem surgir impactos negativos sobre a saúde mental destes jovens, promovendo o aumento do

risco de depressão, automutilação, ansiedade e suicídio, para além de autoexclusão, abandono escolar e fraco aproveitamento académico. Rivers (2004; 2005) também aponta um conjunto de consequências da vitimização homofóbica, que englobam efeitos de ordem física e psicológica para os indivíduos LGBT, causados pela sua orientação sexual. Este investigador através dos seus estudos verificou que a vitimização homofóbica está associada a elevados níveis de ansiedade, comportamentos depressivos, isolamento, queixas somáticas e stress pós-traumático (Rivers, 2004; 2005, cit. por Poteat & Espelage, 2007).

Numa perspetiva a longo prazo, as experiências de vitimização homofóbica, podem dar origem a problemas relacionados com a saúde mental, como stress pós-traumático, suicídio, ansiedade, depressão ou problemas de adição, como o consumo de drogas e outras substâncias (D'Augelli, Pilkington & Hershberger, 2002). Contudo, os efeitos do bullying homofóbico vão também depender de fatores intrínsecos ao indivíduo, como sejam os seus mecanismos de defesa, sendo que cada pessoa vai responder de forma diferente.

### **3.4 Prevalência do bullying homofóbico**

Em Portugal, existem muitos estudos sobre a temática de bullying na sua essência geral, contudo, fala-se pouco sobre uma vertente de bullying associado à orientação sexual. Todavia, se observarmos o contexto internacional, existem amplos trabalhos sobre o bullying homofóbico em países como os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália (Berger, 2007). Estes estudos revelam que aqueles países demonstram as maiores taxas de exclusão, assédio e assaltos nas escolas, a jovens com orientações sexuais que não as convencionais ao seu género, quando comparadas com os seus pares heterossexuais. Estes jovens são ainda submetidos a assédio verbal, físico e sexual, bem como à rejeição e isolamento dos seus pares, a juntar à indiferença por parte de professores e administração escolar (UNESCO, 2012).

Nos Estados Unidos, e segundo dados apresentados por O'Higgins-Norman (2008), 45% dos gays e 20% das lésbicas já foi vítima de agressões físicas e verbais por parte de outros estudantes devido à sua orientação sexual. Já no Reino Unido, e num estudo promovido pela associação Stonewall, com uma amostra de 1100 adolescentes, verificou-se que 65% dos estudantes LGBT com menos de 18 anos já foram vítimas de bullying homofóbico direto, sendo que 95% foram expostos a agressões verbais de teor homofóbico, entre os quais 35% afirmam que não se

sentem seguros nem aceites na escola. No que respeita ao género, 62% das raparigas e 56% dos rapazes não relataram a situação a ninguém. Ainda no mesmo estudo, pode verificar-se que, entre os estudantes vitimizados, 92% foi alvo de bullying homofóbico verbal, 41% físico e 17% com bullying psicológico, com ameaças de morte (Stonewall, 2007).

Em Portugal, os estudos realizados sobre a temática do bullying homofóbico são escassos, mas resultados do Observatório de Educação LGBT (2008), com uma amostra de 92 indivíduos em idade escolar, revelaram que a maior concentração de situações de homofobia em ambiente escolar se registou no final da adolescência e início da idade adulta (15% jovens, com 18 anos e 15% com 20 anos). Os dados apresentados, assim como a maioria das queixas de vitimização homofóbica concentram-se em áreas geográficas urbanas, nomeadamente Lisboa (38% das queixas) e Porto (12% das queixas). Também no ano de 2008, Monteiro e seus colaboradores, concluíram que cerca de 34% dos inquiridos afirmam ter sido vítimas diretas de preconceito ou discriminação pelos seus pares no espaço escolar, tudo isto devido à sua orientação sexual. Ainda no âmbito deste mesmo estudo, é na escola e depois na família onde mais ocorre discriminação, daí que a revelação da orientação sexual é geralmente muito restrita (Monteiro, 2008, cit. por Danish Institute for Human Rights, 2009).

Uma das últimas investigações realizadas em Portugal refere-se ao ano de 2010, também protagonizada pelo Observatório de Educação LGBT, com uma amostra de 103 pessoas, sendo que os jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos (cerca de 37% da amostra) foram a faixa etária mais atingida por comportamentos homofóbicos. No que se refere aos relatos de agressões, estes incluem agressões físicas e psicológicas. Lisboa surge, mais uma vez, como a cidade que mais queixas homofóbicas recebeu (cerca de 43%), e em segundo lugar Setúbal com 12% das queixas (Observatório de Educação LGBT, 2010).

Contudo, importa salientar que o assédio homofóbico pode ser muito difícil de identificar, devendo-se ao facto das vítimas, na sua maioria, ainda não ter assumido a orientação sexual perante pais, professores e outros adultos (Welsh Government, 2011). Apesar da Lei nº 60/2009 incluir entre os seus objetivos, “o respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferenças sexuais”, assim como, a “eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual”, estes propósitos ainda estão longe de ser concretizados (p. 5097).

### **3.5 Contexto LGBT português**

O contexto LGBT português pode ser caracterizado pelos vários avanços e recuos durante as últimas décadas, nomeadamente no que se refere ao percurso legislativo dos direitos de pessoas LGBT. Em Portugal, apesar das transformações políticas após o 25 de abril de 1974, as questões relacionadas com a homossexualidade permaneceram como um assunto problemático e secundário.

Em 1981 a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa adota a recomendação para a condenação de qualquer discriminação legal e social contra a população homossexual. Contudo, em Portugal só um ano depois foi retirada do Código Penal a punição da homossexualidade entre adultos, revogando assim o artigo 71º do código de 1886 que “punia com medidas de segurança – internamento em manicómio criminal, casa de trabalho ou colónia agrícola, liberdade vigiada, caução de boa conduta e interdição do exercício de profissão” (Almeida, 2010, p. 47).

As preocupações políticas e legislativas com questões relacionadas com LGBT só se tornaram visíveis a partir da década de 90, resultantes essencialmente de influências normativas decorrentes da adesão à União Europeia, do desenvolvimento social e económico, e do crescimento do movimento social centrado na construção de comunidade, e no reconhecimento identitário ou na denúncia de situações de homofobia, para além da influência da pedagogia anti-homofóbica, sobretudo na exigência da igualdade de direitos (Almeida, 2010).

Em 1995, é formada a associação ILGA Portugal, uma associação de solidariedade social, cujo principal objetivo é a defesa dos direitos LGBT. Posteriormente, seguiram-se outras organizações como o Clube Safo e a Opus Gay. Ainda nesse mesmo ano, a associação ILGA apresenta uma proposta de revisão constitucional, no sentido de adicionar a expressão “orientação sexual” no nº2 do artigo 13º - princípio da igualdade, que contudo não foi aprovada (Almeida, 2010).

Após Portugal assinar o Tratado de Amsterdão em 1997, foi recomendado que todos os Estados-membros criassem legislação no sentido de eliminarem toda a discriminação em razão do sexo, raça ou origem étnica, religião ou crença, idade ou orientação sexual (European Communities, 1997). Todavia, a palavra homossexual só constou na lei portuguesa em 2002, nomeadamente no Código Penal (artigo 175º), que estabelecia o “crime homossexual com menores”. Nesta época o contexto internacional já era bem mais avançado, pois em países como a Bélgica estava garantida a igualdade de acesso ao casamento civil e, na Suécia determinada a capacidade para a adoção em casais do mesmo sexo (Almeida, 2010).

No ano de 2003, deu-se a revisão do Código Penal (Lei nº 99/2003), que veio garantir a punição da discriminação no trabalho e no emprego, com base na orientação sexual. No ano seguinte, e no âmbito da VI revisão constitucional, foi aprovada a redação do artigo 13º no nº2 da Constituição da República Portuguesa em que “ninguém pode ser discriminado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, (...) ou orientação sexual”. Nova revisão do Código Penal (Lei nº 59/2007) prevê punições para a discriminação com base na orientação sexual, para além de agravamentos penais para crimes cometidos com motivação homofóbica (Almeida, 2010).

Um momento histórico no âmbito legislativo português deve-se à alteração da lei do direito ao casamento por casais não heterossexuais, uma luta que decorria no parlamento desde 2008 e que termina com a aprovação na Assembleia da República da Lei nº 9/2010 de 31 de maio, que permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

No ano seguinte, e no âmbito do procedimento legislativo em curso, foi aprovada na Assembleia da República, uma proposta de Lei com o objetivo de criar o novo crime de violência escolar (crime público), justificado “pela protecção especial que deve ser dada à manutenção de um ambiente escolar seguro e salutar, que ao Estado compete garantir”, tornando-se assim possível combater com instrumentos do direito penal, o crescente fenómeno de bullying (Proposta de Lei nº46/XI/2ª). E prossegue com a consagração da violência escolar como novo crime público, que abrange “quem de modo reiterado ou não, e por qualquer meio, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais”, e que pode levar a uma punição do agressor com uma pena legal de 1 a 5 anos de prisão (artigo 152º-C). Todavia, a criminalização da violência escolar nunca foi consensual, despertando controvérsias entre vários estudiosos, para além de nunca ter passado de uma proposta de alteração do Código Penal, pois acabou por caducar com a queda do XVIII Governo Constitucional.

Já no panorama educativo, é de referir a Lei nº 51/2012 que aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar e pretende fomentar uma cultura de disciplina, esforço e mérito, na maior responsabilização de alunos, pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa, estabelecendo os direitos e deveres dos alunos dos ensinos básico e secundário. Realça-se, no artigo 10º (deveres dos alunos), o dever dos alunos em tratar com respeito qualquer membro da comunidade educativa, referindo ainda, que estes não podem discriminar “em razão

da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social, ou convicções políticas, ideológicas, filosóficas ou religiosas” (Lei nº 51/2012). Esta medida vai tentar combater a indisciplina nas escolas, introduzindo sanções para os pais de estudantes faltosos, para além de agravar castigos a alunos que infringem as regras.

#### **4. RESPONSABILIDADE DA ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO**

A violência nas escolas – bullying, é um fenómeno mundial tão antigo como a escola. Todavia, durante muitos anos não foram feitos quaisquer esforços para compreender esta problemática, sendo muitas vezes assumida como normativa.

Na sociedade contemporânea, a escola ocupa um lugar privilegiado no processo de socialização dos jovens. De facto, a escola é o espaço que a sociedade organiza, num contexto formal, informal e não formal, destinado à interação social das novas gerações (Pinto, 1995). Assim, citando Costa (1996), podemos referir que “a escola, enquanto organização, constitui seguramente, uma das áreas de reflexão do pensamento educacional que se tornou mais visível nos últimos tempos” (p.7). Neste seguimento, considerando a escola como um coletivo especializado que produz um serviço específico, tem de ser considerada uma organização, tendo em conta a sua estrutura, funcionamento e competências. Embora a escola seja vista como uma organização, não deve ser observada de forma isolada da sociedade na qual está inserida, sendo imperiosa a articulação entre ambas, “uma vez que os alunos são elementos da comunidade dentro da escola” (Canário, 1996, p.128).

Neste sentido, a escola tem deveres para com a sociedade, com um papel fundamental no combate a comportamentos de discriminação e preconceito, nomeadamente no que se refere ao bullying homofóbico, contribuindo assim para a sua supressão. Portanto, todos os profissionais de educação “devem criar instrumentos adequados que lhes permitam enfrentar os desafios relacionados com os direitos sexuais e diversidade sexual” (UNESCO, 2009, p.34). Contudo, é comum verificarem-se profissionais que declaram não saber como lidar perante uma situação de agressão relacionada com questões de orientação sexual, daí que seja essencial a importância de medidas voltadas, sobretudo, para a formação dos profissionais de educação, “estimular a pesquisa e a divulgação do conhecimentos acerca da homofobia, a sua extensão” (UNESCO, 2009, p.34), assim como formas de enfrentá-la.

Vários estudos efetuados revelam falta de formação tanto de docentes, como funcionários e órgãos superiores, na presença de comportamentos homofóbicos, sendo que tal se traduz numa incapacidade generalizada para atender às necessidades das vítimas e de toda a comunidade escolar (Warwick, Aggleton & Douglas, 2001, cit. por Hong & Garbarino, 2012). É conveniente que as escolas ensinem a problematizar e a subverter a homofobia, tal como outras concepções preconceituosas e práticas discriminatórias, embora que para tal, seja necessário aplicar pedagogias e medidas institucionais mais eficazes, políticas de reconhecimento, valorização e respeito pelas opções sexuais de cada um (UNESCO, 2009). Mais uma vez é espectável que a educação desempenhe um papel central na extinção de comportamentos homofóbicos e discriminatórios, pois é a escola que nos proporciona a construção de novos padrões de aprendizagem, convivência, transmissão de conhecimentos, valores, crenças, e todas as representações associados a preconceitos, discriminações e violências das mais variadas ordens (Rodkin, 2004, cit. por UNESCO, 2012). Assim, verificamos a pertinência de políticas humanizadoras voltadas para o respeito, valorização e igualdade de direitos, de forma a construirmos uma sociedade democrática e pluralista.

## **5. ORIENTAÇÕES PARA PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO/PREVENÇÃO DE BULLYING HOMOFÓBICO**

Estudos realizados a nível nacional e internacional sobre as principais características das crianças e jovens vitimizados, no sentido de identificar e compreender os fatores de risco que lhes estão associados, revelam que grupos minoritários, englobando as populações LGBT, são especialmente vulneráveis (Carvalhosa, et al., 2009).

Na intervenção do bullying, é essencial a compreensão em toda a sua dimensão e complexidade, pois trata-se de um problema de cariz social em que a escola e todos os que a partir desta desempenham um papel fundamental devem participar. Pesquisas sobre a intervenção no bullying focam aspetos fundamentais, tal como o facto deste, fazer parte de uma interação social e de uma cultura de pares (Smith, 2003, cit. por Berger, 2007). Com isto, pretendemos dizer que a estratégia é transformar os espectadores em defensores, sendo ideal que tal aconteça antes da puberdade (Salmivalli, 2005, cit. por Berger, 2007).

Considerando que o bullying ocorre principalmente em ambiente escolar, esta deve desempenhar um importante papel no que se refere à prevenção e intervenção no bullying homofóbico (Rodkin, 2004, cit. por UNESCO, 2012). Contudo, importa focar a existência de uma inter-relação entre vários fatores baseados numa perspetiva ecológica na construção de um plano de prevenção e intervenção (Espelage & Swearer, 2008). Moe et al. (2011, cit. por Hong & Garbarino, 2012) considera importante a implementação de programas que proporcionem o desenvolvimento pessoal/social e a aceitação de todos os alunos.

No âmbito da intervenção do bullying homofóbico (atuando com vítimas e agressores), o principal objetivo deve centrar-se em promover respostas eficazes de forma a impedir comportamentos agressivos. Na perspetiva na UNESCO (2012), idealmente, um programa anti-bullying deve incluir várias características, tais como: envolver as crianças, antes que adquiram atitudes e comportamentos baseados em juízos de valor; englobar pais, professores, alunos e a comunidade; englobar uma política clara de bullying homofóbico onde se adquiram vários componentes educacionais que promovam o conhecimento e melhorem as habilidades sociais; introduzir componentes sobre direitos humanos, habilidades de comunicação e gestão de conflitos, integrados no currículo escolar; vigilância no que se refere aos comportamentos violentos no espaço escolar; bem como focar estratégias globais ao nível da prevenção, que deve incluir análise curricular e formação de funcionários e professores. Portanto, podemos concluir que as respostas de intervenção devem atuar em áreas distintas e de modo articulado.

Esta abordagem apresenta uma serie de vantagens, pois baseia-se numa perspetiva educativa e engloba políticas educativas (formais e informais) e culturais, para além de incentivar ao desenvolvimento de ações concertadas. Todavia, tais ações apenas representam impacto a longo prazo e ainda que baseadas em princípios orientadores (UNESCO, 2012) devem ser ajustadas às necessidades e contextos de atuação.

Tabela 1- Ações e princípios na abordagem do bullying homofóbico em instituições de ensino.

<b>Direitos</b>	Fundamentado nos direitos mais relevantes, como a educação, segurança, dignidade, saúde, igualdade de oportunidades, liberdade e discriminação;
<b>Centrada nos alunos</b>	Responde às necessidades, preocupações e experiências dos alunos LGBT;
<b>Inclusivo</b>	Aborda a perspectiva e necessidades de todos os grupos de alunos;
<b>Sensível ao gênero</b>	Reconhece e promove todas as identidades de gênero, igualdade, desafios, discriminação de gênero e estereótipos;
<b>Baseada nas evidências</b>	Promover a informação e desincentivar o preconceito, essencialmente em relação à saúde sexual e identidade de gênero;
<b>Cultura</b>	Promover valores e entendimentos culturais, reconhecendo que a cultura é um paradigma dinâmico não estático e que várias subculturas (incluindo a homossexualidade) podem existir concomitantemente na mesma sociedade;
<b>Idade apropriada e específica</b>	Fornecer informação e apoio, consoante a idade cronológica e de desenvolvimento dos alunos;

Fonte: Adaptado de UNESCO, 2012.

A proposta da UNESCO, representada na Tabela 1, vem no mesmo sentido do anteriormente referido, com ênfase no trabalho preventivo, não descurando a intervenção ágil quando ocorrem comportamentos agressivos. São valorizados, ainda, atuações permanentes e contínuas, assegurando uma integração positiva de qualquer aluno nos mais diferentes contextos em que interage. Porém, na prevenção do bullying homofóbico, continuamos a ter um grande desafio que é a abordagem que a sociedade faz da heteronormatividade.

## **6. O BULLYING EM LGBT: TRAÇOS DOMINANTES DA INVESTIGAÇÃO**

Com base na pesquisa bibliográfica, podemos identificar algumas variáveis importantes no estudo do bullying e da homofobia, entre as quais se destacam:

### ***Género***

Género feminino e masculino estão relacionados com os papéis socialmente construídos, comportamentos, atividades e atributos que uma determinada sociedade considera como adequado para homens e mulheres (UNESCO, 2012). Vários estudos apontam para diferenças significativas entre os géneros, daí que este sejam um foco importante nos estudos sobre bullying e vitimização entre pares. Tais diferenças centram-se essencialmente quanto à natureza das agressões, frequência, reação e consequências sociais (Espalage & Swearer, 2003; Poteat & Espelage, 2007; Rivers, 2011).

### ***Idade***

No que se refere à idade, e embora as agressões sejam frequentemente descritas como estáveis ao longo da infância e da adolescência, há uma forte possibilidade que o bullying apresente uma trajetória um pouco diferente (Loeber & Stouthamer-Loeber, 1998, cit. por Espalage & Swearer, 2003). Considerando a perspectiva de desenvolvimento, observamos que há um aumento da violência durante o início da adolescência, reduzindo-se gradualmente nos anos seguintes (Brame, Nagin & Tremblay, 2001, cit. por Berger 2007; Nansel et al., cit. por Espalage & Swearer, 2003). Daí, que seja fundamental que as ações direcionadas para a prevenção sejam implementadas no período da infância, para se obter um maior sucesso a longo prazo.

### ***Orientação sexual***

A orientação sexual é geralmente categorizada em três dimensões: heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade. Por heterossexualidade entende-se a atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso em pessoas do sexo oposto. Já a bissexualidade consiste na atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas de ambos os géneros. A homossexualidade é a atração sexual e/ou envolvimento emocional ou amoroso por pessoas do mesmo sexo (APA, 2008).

Estudos realizados no Reino Unido, compararam as experiências de 1200 gays, lésbicas e bissexuais com 1200 heterossexuais e verificaram que estudantes homossexuais e bissexuais são intimidados com uma frequência de 30 a 35% superior aos estudantes heterossexuais (King & McKeown, 2003, cit. por Warwick, Chase & Aggleton, 2004).

### ***Etnia e cultura***

A etnia e a cultura também são uma preocupação especial, essencialmente em comunidades multirraciais (o que não é o caso predominante em Portugal) ou em países em que existem um aumento significativo da imigração, como por exemplo nos Estados Unidos (Smith, 2003, cit. por Berger, 2007), onde crianças imigrantes apresentam um maior risco de bullying.

### ***Urbanidade***

A questão da urbanidade surge como resultado de pesquisas em que adolescentes de minorias sexuais residentes em comunidades mais pequenas estão mais dispostos à vitimização pelos seus pares (Hong & Garbarino, 2012).

### ***Sucesso académico***

O sucesso académico, normalmente operacionalizado pelo número de reprovações é também referido nos estudos relacionados com as vítimas de bullying, pois estes, como é descrito na literatura, tendem a ter índices mais elevados de absentismo escolar e perceções mais negativas acerca da experiência escolar, sendo que tal poderá influenciar o seu sucesso académico, traduzindo-se assim numa maior tendência para o aumento do número de reprovações (APA, 2008; UNESCO, 2012).

### ***Habilidades sociais e cognitivas***

Apesar de nas investigações sobre a temática estarem sempre presentes o estudo das variáveis sociodemográficas, é evidente que não podemos descorar características individuais identificadas como determinantes (Espalage & Swearer, 2003). São elas, por exemplo, as habilidades sociais e cognitivas das vítimas, que podem ser utilizadas como forma de evitar a vitimização (Hyde, 2005, cit. por Berger, 2007). Um dos modelos explicativos da agressão sugere um défice da vítima no que respeita à resolução de problemas sociais, sendo que os agressores aproveitam o

facto, de esta apresentar tal vulnerabilidade que lhes permite adquirir certas vantagens (Espalage & Swearer, 2003).

### ***Escolaridade parental***

No que se refere à escolaridade parental, Kosciw et al. (cit. por Hong & Garbarino, 2012) após um estudo nacional e representativo da população, salientaram que, em comunidades onde a escolarização dos adultos é baixa, existe maior propensão a agressões a minorias sexuais, que em comunidades cujos moradores detenham maior grau académico.

### ***Contextos de vitimização***

No que se refere aos contextos de vitimização, os estudos indicam que os principais locais onde são perpetrados os maus tratos, estes se circunscrevem, em primeiro lugar, ao espaço do recreio e à sala de aula, seguindo-se de outros espaços comuns, como por exemplo corredores de acesso às salas, casas de banho, filas da cantina, espaços para a prática desportiva, não esquecendo os momentos de ida e vinda para a escola. De salientar que todos os espaços e áreas com reduzida supervisão são mais associados a eventos de natureza agressiva (Olweus, 1993; Smith & Pellegrini, 2000, cit. por APA, 2008; Whitney & Smith, 1993, cit. por Pereira, 2006b).

### ***Perceção da aceitação parental***

O facto de se assumir a identidade sexual aos pais é considerado um passo único e difícil, revelando geralmente ansiedade e alguma apreensão quanto às consequências negativas que poderão daí advir. Quer seja real ou percebida, a homofobia parental apresenta diversas consequências psicossociais nos jovens com diferentes orientações sexuais (Espalage, et al., 2008).

Nos últimos anos, várias investigações têm revelado que os estilos parentais têm um grande impacto no desenvolvimento dos jovens em geral, do qual a identidade sexual faz parte integrante (Parish & McCluskey, 1992, cit. por Elizur & Ziv, 2001). Neste sentido, diversos autores sugerem que o apoio, aceitação e reconhecimento da homossexualidade por parte da família podem constituir fatores preditores de uma boa adaptação psicossocial do jovem LGBT (Elizur & Ziv, 2001).

Assim, podemos concluir que a revelação da orientação sexual e a consequente aceitação por parte dos pais traduz-se num impacto mais significativo no

desenvolvimento de jovens LGBT, nomeadamente no que se refere ao ajustamento psicológico, perceção de suporte, vitimização e envolvimento em atividades sociais e comunitárias (D'Augelli, Grossman, Starks & Sinclair, 2010).

### ***Tipos de bullying***

Na agressão física, a vítima é controlada e magoada, podendo ser afetada a sua integridade física. Aqui se incluem comportamentos como bater, pontapear, empurrar, danificar pertences, entre outros. No que se refere à agressão verbal, compreendem-se repetidos comentários depreciativos, como insultos e piadas. A agressão psicológica manifesta comportamentos de exclusão, intimidação e ameaças. No âmbito das agressões de cariz sexual/homofóbico, consideram-se os comportamentos agressivos de teor sexual. Mais recentemente, surge o cyberbullying, que está intimamente ligado às novas tecnologias, recorrendo a estas para perpetuar diversas ações e comportamentos, de forma a agredir, expor ou chantagear as vítimas, com auxílio da internet, facebook, blogs, telemóveis, entre outros (Fante & Pedra, 2008; Olweus, 1993; Smith, Cowie, Olafsson, & Liefogle, 2002, cit. por Lisboa et al., 2009; UNESCO, 2012).

### ***Respostas da escola***

A escola como instituição, evidencia determinadas competências nos mais amplos domínios, quer sejam de natureza formal ou não formal. Portanto, deve assumir uma postura ativa no combate a todas as formas de bullying, incluindo o bullying homofóbico. As escolas devem adotar medidas para evitar os comportamentos de bullying, bem como responder adequadamente aos vários incidentes, quando estes ocorrem (Kosciw, Greytak, Bartkiewicz, Boesen & Palmer, 2012). Estudos realizados, apontam para o investimento na formação de professores, funcionários e órgãos dirigentes, como forma de prevenção/resolução de comportamentos homofóbicos entre alunos (Warwick, Aggleton & Douglas, 2001, cit. por Hong & Garbarino, 2012).

### ***Suporte social***

Como sabemos, o suporte social é um conceito que engloba variadas dimensões (emocional, psicológica, familiar, profissional, institucional, entre outras), cujo principal objetivo é proporcionar promover a entreatuda, apoio, confiança e estima entre os membros da rede pessoal e social (Stewart, Craig, MacPherson & Alexander, 2001,

cit. por Custódio, 2010). Perspetivas decorrentes de estudos atuais apontam a presença de fatores de risco e ausência de processos de proteção, inerentes à homofobia, impulsionando assim o aumento de problemas emocionais e comportamentais na população LGBT (Safren & Heimberg, 1999, cit. por Williams, Connolly, Pepler & Craig, 2005). Neste contexto, a vitimização de pares e a falta de apoio social podem desempenhar um papel importante na previsão psicossocial das dificuldades, reconhecendo aos jovens de minorias sexuais diferentes graus de dificuldade, mediante o suporte social disponibilizado. Neste sentido, contextos mais hostis podem influenciar negativamente o ajuste psicossocial do adolescente; enquanto contextos favoráveis podem atuar de forma mais positiva e harmoniosa (Williams, et al., 2005). Aqui são englobados aspetos como a confiança, proximidade e companheirismo, descrevendo-se a qualidade desses relacionamentos, quer sejam com familiares diretos, amigos e comunidade (Williams, et al., 2005).

### ***Comportamentos de risco***

A literatura refere que é frequente que os estudantes vítimas de bullying homofóbico se encontrem mais vulneráveis a comportamentos de risco. Tais comportamentos são alvo de vários estudos, com o objetivo de serem identificados e compreendidos (Espelage et al., 2008, cit. por Hong & Garbarino, 2012). Incluem-se nos comportamentos de risco, as depressões e outros problemas de saúde, absentismo escolar, isolamento, utilização de substâncias como o álcool e drogas, comportamentos sexuais de risco, automutilação e comportamentos suicidas (Hong & Garbarino, 2012).

## **CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO**

A metodologia de investigação utilizada é de tipo quantitativo, não experimental. Após a formulação do problema e das hipóteses, organizaram-se os aspetos metodológicos com a definição de variáveis, critérios de seleção da amostra, instrumentos a utilizar para a recolha dos dados, o procedimento e as técnicas estatísticas adequadas.

A sistematização das ações e atividades a realizar no estudo, encontra-se na calendarização, onde se referencia o planeamento das atividades e ações desde o início do projeto até ao seu término, num diagrama de Gantt, com recurso ao software Microsoft Project 2010 (Anexo A).

### **1. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA**

Em que medida variam os episódios de bullying (frequência, contexto, tipo, estratégias utilizadas) na perspetiva da vítima, em jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais), com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos, em função de variáveis sociodemográficas, académicas, pessoais e institucionais.

### **2. FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES**

Na pesquisa científica, após a formulação do problema é necessário construir as hipóteses, sendo que estas são consideradas uma previsão de resposta para o problema da investigação (Mendes, 2012).

Neste sentido, e tendo em consideração toda a informação resultante da análise da literatura sobre a temática desenvolvida, e já referida na síntese teórica precedente, apresentamos a formulação de um conjunto de hipóteses, sendo estas fundamentais para o trabalho de investigação a desenvolver.

Hipótese 1 – Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função do género.

Hipótese 2 – Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função do género.

Hipótese 3 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função do género.

Hipótese 4 – Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função do género.

Hipótese 5 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função da idade das vítimas.

Hipótese 6 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função da idade das vítimas.

Hipótese 7 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função da idade das vítimas.

Hipótese 8 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função da idade das vítimas.

Hipótese 9 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função da urbanidade.

Hipótese 10 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função da urbanidade.

Hipótese 11 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função da urbanidade.

Hipótese 12 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função da urbanidade.

Hipótese 13 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função da orientação sexual.

Hipótese 14 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função da orientação sexual.

Hipótese 15 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função da orientação sexual.

Hipótese 16 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função da orientação sexual.

Hipótese 17 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função do sucesso académico.

Hipótese 18 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função do sucesso académico.

Hipótese 19 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função do sucesso académico.

Hipótese 20 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função do sucesso académico.

Hipótese 21 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função da escolaridade parental.

Hipótese 22 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função da escolaridade parental.

Hipótese 23 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função da escolaridade parental.

Hipótese 24 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função da escolaridade parental.

Hipótese 25 - Existem diferenças significativas na frequência de bullying, em função do suporte social.

Hipótese 26 - Existem diferenças significativas nos contextos de vitimização, em função do suporte social.

Hipótese 27 - Existem diferenças significativas no tipo de bullying, em função do suporte social.

Hipótese 28 - Existem diferenças significativas nas estratégias utilizadas, em função do suporte social.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia apresenta-se como a operacionalização do método, por outras palavras, é todo um conjunto de atividades e procedimentos que são necessários para alcançar os objetivos propostos (Serrano, 2008).

#### **3.1 Definição das variáveis**

##### **3.1.1 Variável dependente**

Episódios de bullying sofridos, em termos de frequência, contextos de vitimização, tipo e estratégias utilizadas, na perspetiva das vítimas, operacionalizada através do questionário construído para o efeito (scores parciais e globais).

##### **3.1.2 Variáveis independentes e a sua operacionalização**

- Género (masculino; feminino);
- Idade, operacionalizada em 3 categorias, de acordo com o Observatório de Educação LGBT (2012): [16;18] [19;21] [22;24];
- Orientação sexual (heterossexual; homossexual (gay/lésbica); bissexual; transsexual);

- Urbanidade (sede de distrito; sede de concelho; sede de freguesia);
- Sucesso académico (número de reações);
- Escolaridade parental (sem escolaridade; 1ºciclo; 2ºciclo; 3ºciclo; ensino secundário; ensino superior);
- Suporte social percebido, operacionalizado a partir dos scores obtidos no questionário de suporte social (SSQ6), de Pinheiro e Ferreira (2000).

### **3.2 Sujeitos: população e amostra**

A amostra do estudo será constituída por um total de cinquenta inquiridos com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos. O método da amostragem será por conveniência recorrendo-se à colaboração das associações que representam a população LGBT em Portugal, no sentido de sensibilizarem os seus associados a participar no estudo a realizar.

De referir que será assegurado que as pessoas que participaram no pré-teste serão excluídas do estudo a realizar.

### **3.3 Instrumentos**

A seleção dos instrumentos a utilizar para a recolha de dados teve como base os objetivos específicos do estudo, bem como a revisão da literatura, contudo um aspeto fundamental na decisão final sobre que instrumento utilizar, deve-se ao facto da população alvo do estudo ser difícil de identificar e a temática a tratar ser particularmente sensível e delicada, por assumir contornos de natureza privada e íntima.

O presente estudo utilizou como instrumentos de recolha de dados inquiridos por questionário. Considera-se que o questionário é uma técnica de observação direta extensiva, especialmente adequada para conhecer determinadas características de uma população, sendo útil para se proceder à medição de variáveis (Marconi & Lakatos, 1996; Quivy & Campenhoudt, 1998). No caso particular, julgamos poder beneficiar das características protetoras deste tipo de instrumento, quer pela maior possibilidade de garantir anonimato e confidencialidade, quer pela maior predisposição à sinceridade.

### **Questionário de bullying**

A não existência de um instrumento validado e aferido para a população portuguesa, implicou a necessidade de elaboração de um questionário sobre bullying

relativo à informação necessária para a variável dependente definida (Anexo B). Assim, a revisão da literatura sobre a temática, permitiu-nos selecionar os conteúdos e identificar dimensões a incluir.

Este instrumento apresenta como principal objetivo a recolha de informação sobre as experiências de bullying e suas consequências psicossociais, percecionadas por jovens LGBT, com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos de idade.

O questionário é composto por vinte e oito questões repartidas em quatro grupos. O primeiro grupo destina-se à recolha da informação sociodemográfica. O segundo grupo pretende caracterizar aspetos relacionados com a orientação sexual, sendo que tem como base o Questionário de Avaliação da Revelação da Orientação Sexual (Costa, Pereira & Leal, 2012, cit. por Rita, 2012), cujo objetivo é fazer o levantamento da situação da revelação da orientação sexual a terceiros, tal como a sua aceitação. O terceiro grupo refere-se às experiências de bullying, evidenciando-se os tipos de agressão, os locais, os responsáveis e as respetivas frequências. Ainda neste grupo pretende-se identificar questões relacionadas com a denúncia e não denúncia, sendo que neste ponto foram adaptadas questões do Relatório da GLSEN – The 2011 National School Climate Survey (Kosciw, et al., 2012). Por fim, o grupo quatro pretende recolher informação sobre a vivência de experiências de bullying homofóbico, bem como o seu impacto na forma como a vítima vive e se relaciona com a família e grupo de pares.

Na elaboração do questionário, e como forma de medir /avaliar as dimensões da variável dependente (tipo, frequência, contextos de vitimização e estratégias para lidar/evitar a vitimização), foram utilizadas escalas de Likert. Assim, quanto ao tipo de bullying e a sua frequência, utilizamos uma escala de 1 a 5, em que 1 é “Nunca” e 5 “Muito frequente”, portanto a pontuação mínima será de 5 e máxima de 20 pontos. Os contextos de vitimização podem obter uma pontuação mínima de 10 e máxima de 50, numa escala de 1 a 5, onde 1 é “Nunca” e 5 “Muito frequente”. Por fim, as estratégias apresentam um score mínimo de 9 e máximo de 45 pontos, numa escala de um a cinco, onde 1 é “Nunca utilizo” e 5 “Utilizo frequentemente”.

O pré-teste, que é uma revisão formal do instrumento com o objetivo de aferir a clareza e inteligibilidade do mesmo, foi realizado com um grupo de 16 participantes, pertencentes à população em estudo. Assim, e tendo em consideração a avaliação do questionário realizada pelos participantes, foi efetuada uma reformulação do questionário (Anexo C), especificamente com a introdução de alguns exemplos, como

forma de clarificar aspetos relativos a alguns itens, nomeadamente no grupo de caracterização, relacionados com a orientação sexual.

### ***Análise da avaliação do instrumento (questionário de bullying)***

A primeira questão presente na avaliação do questionário sobre bullying, pretende perceber se existe algum aspeto importante que não foi abordado no instrumento. Assim, num total de dezasseis indivíduos da nossa amostra, catorze referem que não e dois referem que sim (Figura 3), sendo que os aspetos que identificam (distúrbios alimentares, xenofobia e misoginia) não se enquadram diretamente no presente estudo, daí não serem considerados.

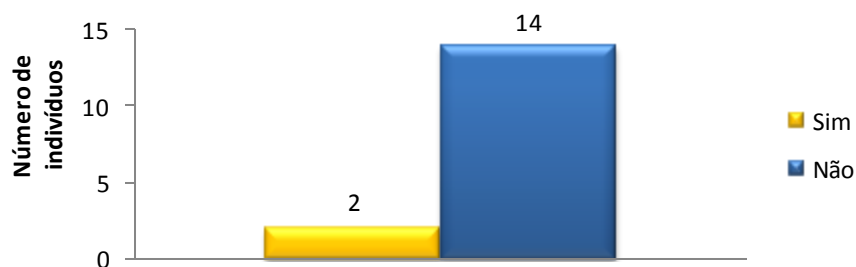


Figura 3 - Distribuição de frequências relativas à necessidade da inclusão de aspetos no questionário.

A segunda questão da avaliação remete para a compreensão e clareza das questões apresentadas. Neste sentido, e como podemos observar na Figura 4, nos dezasseis questionários respondidos, apenas dois inquiridos tiveram dificuldade na interpretação do instrumento, sendo que a dificuldade centrou-se nas questões de como se relacionam com a comunidade em geral (Grupo II – Caracterização de aspetos relacionados com a orientação sexual, perguntas 1 e 2).

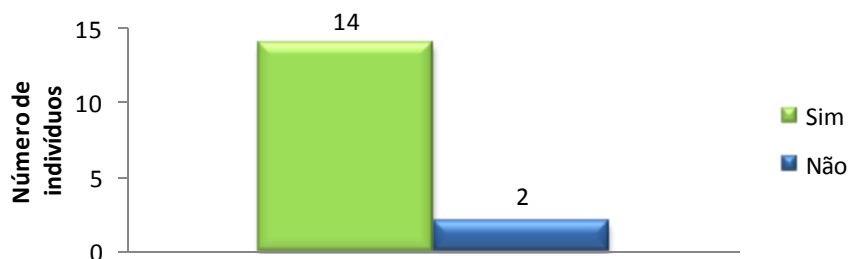


Figura 4 - Distribuição de frequências relativas à compreensão e clareza das questões.

### ***Questionário de Suporte Social (SSQ6)***

O suporte social é um conceito frequentemente utilizado em sentido lato, pois inclui várias dimensões como a integração social e redes sociais (Schwarzer & Rieckman, 2002, cit. por Custódio, 2010). Neste sentido, podemos conceptualizar o suporte social como a interação com familiares, amigos, profissionais e pares que providenciam informação, confiança, ajuda e estima (Stewart, Craig, MacPherson & Alexander, 2001, cit. por Custódio, 2010).

Todavia, mais importante do que analisar o suporte dado e recebido é o que o indivíduo avalia ou percebe como estando disponível em caso de necessidade. Assim, a satisfação com o suporte social tem sido definida como a avaliação cognitiva do tipo e/ou da qualidade do suporte social disponível. Vários autores referem que o suporte social está amplamente relacionado com a vitimização, sendo que os estudantes LGBT estão associados. Geralmente verificam-se, neste grupo, baixos níveis de suporte social, incluindo aqui o suporte parental (Espelage, et al., 2008).

No sentido de avaliar o suporte social percebido Saranson e colaboradores (1983) desenvolveram o Social Support Questionnaire (SSQ), focando-se em duas dimensões, sendo elas a disponibilidade e satisfação. Optámos, neste trabalho, por utilizar a versão portuguesa de Pinheiro & Ferreira (2000), baseado na versão reduzida do SSQ6 (Anexo D) (Pinheiro & Ferreira, 2000, cit. por Pinheiro, 2003).

O questionário é constituído por 6 itens, cada um deles com duas partes, as quais originam dois resultados parciais. O número de pessoas que cada indivíduo percebe como estando disponíveis para o apoiarem e ajudarem numa determinada situação é avaliado de forma interrogativa e apresentado na primeira parte do item. Os indivíduos podem referir um número máximo de 9 pessoas, tendo também a possibilidade de responder “ninguém”. O grau de satisfação com a globalidade do suporte percebido nessa mesma situação surge na segunda parte de cada item. Recorre-se a uma escala de Likert, de seis pontos: (1) muito insatisfeito; (2) insatisfeito; (3) algo insatisfeito; (4) pouco satisfeito; (5) satisfeito; (6) muito satisfeito (Pinheiro & Ferreira, 2002). As pontuações máximas e mínimas encontram-se entre os 36 pontos e os 6 pontos respetivamente.

Neste caso, e apesar do instrumento em questão já estar validado e aferido para a população portuguesa também foi feito o pré-teste do mesmo, como forma de identificar possíveis constrangimentos na aplicação do mesmo à população em estudo, com um grupo de 14 participantes.

### **3.5 Procedimento**

O primeiro procedimento prendeu-se com a formalização do pedido de autorização aos autores do Questionário de Suporte Social (SSQ6) (Anexo E).

Relativamente ao pré-teste, e numa primeira fase, contactou-se via email a Associação rede ex aequo (LGBT), através do qual foi enviado um pedido de colaboração na recolha de dados (Anexo F), com a aplicação dos dois instrumentos utilizados. Após a resposta afirmativa do pedido de colaboração, foram enviados os endereços eletrónicos dos questionários correspondentes, com a aplicação a decorrer de 14 de abril de 2013 a 12 de maio de 2013. Note-se que, no pedido de colaboração, foi explícito que os questionários se destinavam à recolha de informação sobre episódios de bullying em estudantes LGBT e que a colaboração de todos seria fundamental para a compreensão destes dois fenómenos, quer sejam de bullying ou homofobia, foi-lhes também assegurado que todos os dados obtidos seriam tratados de forma confidencial e anónima.

Neste sentido, os instrumentos utilizados na investigação foram feitos em formato online utilizando o software LimeSurvey. Este programa permite que o utilizador elabore os seus questionários e recolha as suas respostas para uma base de dados. Inclui um vasto leque de tipos de perguntas, permitindo também diversas opções flexíveis.

De facto, ao elaborarmos os questionários em formato online, revela-se uma grande vantagem, pois permite-nos chegar diretamente à população desejada num curto espaço de tempo, não sendo relevante a localização geográfica de cada indivíduo. Para além disso, torna-se mais económica a sua aplicação. Este método de aplicação de questionários também possibilita uma maior sistematização dos dados, verificando-se uma redução de tempo no tratamento e análise estatística dos resultados obtidos.

Quanto à realização do estudo, estabelecemos contacto com as associações que possam redirecionar os questionários para a recolha dos dados.

### **3.6 Técnicas de estatística e grau de confiança**

Para testar qualquer tipo de inferência estatística existem duas metodologias que permitem realizar este tipo de testes: testes paramétricos e não-paramétricos.

Os testes paramétricos para que possam ser utilizados devem obedecer a determinados parâmetros, são eles: a variável dependente deve ter uma distribuição normal ( $df \geq 50$ , aplica-se o teste de Kolmogorov-Smirnov;  $df \leq 50$ , aplica-se o teste

Shapiro-Wilk); as variâncias populacionais têm de ser homogêneas, ou seja, tem de verificar-se a homocedasticidade, para tal executa-se o teste de Levene, onde o grau de confiança é 0,05 ou 95%, utilizado no âmbito das ciências sociais e humanas ( $p$ -value  $>0,05$ , a variância é homocedástica, quer dizer que não existem diferenças significativas;  $p$ -value  $< 0,05$ , a variância é heterocedástica, ou seja, existem diferenças significativas); por fim, deve existir uma amostra superior a 30 elementos ( $N>30$ ). Quando pelo menos uma destas condições não se verifica, como alternativa são utilizados testes não-paramétricos (Maroco, 2010).

No sentido de proceder aos testes de hipóteses, após a verificação das condições de realização de técnicas paramétricas ou não paramétricas e atendendo à natureza dos dados obtidos, a opção será entre:

Testes paramétricos: Teste t de Student, para testar hipóteses sobre uma média populacional estimada a partir de uma amostra aleatória ou para comparação de duas médias populacionais, a partir de duas amostras aleatórias independentes; Anova (one-way), para testar diferenças entre diversas situações e para duas ou mais variáveis, caso existam diferenças significativas aplicar o teste post-hoc Bonferroni como forma de comparar médias duas a duas; t de pares para testar amostras emparelhadas em momentos diferentes.

Testes não paramétricos: Teste U de Mann-Whitney, que avalia duas amostras independentes; Teste Kruskal-Wallis, testa duas ou mais amostras independentes; Teste Wilcoxon quando se pretende comparar a medida de tendência central em amostras emparelhadas (Maroco, 2010; Pereira, 2006a).

Como forma de trabalhar estatisticamente os dados recolhidos, utilizamos o software aplicativo SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

## **4. RESULTADOS**

### ***4.1 Expectativas em relação aos resultados***

Os resultados de uma investigação são parte essencial de qualquer estudo, pois são através destes que respondemos aos objetivos a que nos propusemos, permitindo-nos discutir e confrontar as hipóteses com a literatura. Contudo, os resultados a obter no presente estudo não serão possíveis de generalizar à população, uma vez que a amostra selecionada é não probabilística e de conveniência, pelo que não é representativa da população, sendo que os resultados deverão ser interpretados com prudência.

#### **4.2 Análise exploratória dos resultados do pré-teste do questionário de bullying**

Na investigação empírica, o pré-teste é uma revisão formal do questionário e da metodologia de recolha de dados que lhe está inerente. Sempre que possível é benéfico realizar um estudo preliminar, de forma a verificar a relevância, clareza e compreensão das questões presentes no questionário (Tuckman, 1994).

Neste sentido, e não obstante a ausência de resultados nesta fase do projeto, foi realizada uma análise exploratória, meramente descritiva, a partir dos dados obtidos com os participantes no pré-teste, num total de dezasseis indivíduos, que se apresenta de seguida.

##### **- Caracterização sociodemográfica dos participantes**

**Idade:** A média das idades dos sujeitos é de 19,81, com uma idade mínima de 16 anos e máxima de 23 (Tabela 2).

Tabela 2 - Medidas de tendência central (amplitude total, média e desvio padrão) da variável independente idade.

<b>Descriptive Statistics</b>					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	16	16	23	19,81	2,228
Valid N (listwise)	16				

**Género e orientação sexual:** considerando a Tabela 3, podemos observar que num total de 9 indivíduos do género masculino 8 são homossexuais e 1 bissexual. Já no género feminino, num total de 7 indivíduos, 4 são homossexuais e 3 bissexuais. De referir que não foram inquiridos transsexuais.

Tabela 3 - Distribuição dos sujeitos tendo em conta o género e a orientação sexual.

**Género \* Orientação sexual Crosstabulation**

Count

		Orientação_sexual1		Total
		Homossexual	Bissexual	
Género	Masculino	8	1	9
	Feminino	4	3	7
Total		12	4	16

**Zona de residência:** através da análise da Figura 5, podemos verificar que 7 indivíduos residem em sede de distrito, 2 em sede de concelho e 7 em sede de freguesia.

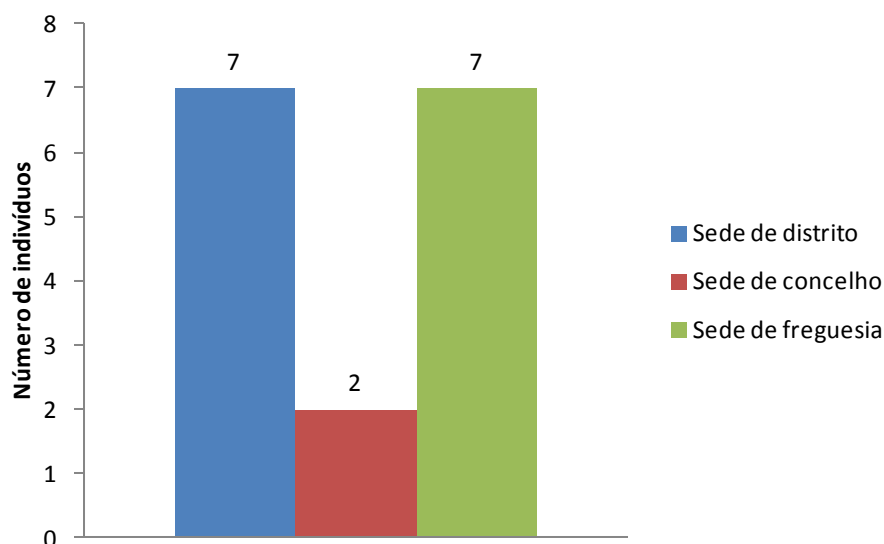


Figura 5 - Distribuição de sujeitos da zona de residência habitual.

**Frequência a escolar e nível académico concluído:** entre os participantes, 13 frequentam a escola (9 já concluíram o secundário, 1 tem o 3º ciclo, 1 o 10º ano e 2 o 11º anos de escolaridade), 3 não frequentam presentemente a escola, mas são titulares do ensino secundário (Tabela 4).

Tabela 4 - Correlação entre a frequência na escola e as habilitações académicas.

**Frequenta escola \* Habilitações Crosstabulation**

		Habilitações				Total
		Secundário completo	3ºciclo	10ºano	11ºano	
Frequenta escola	Sim	9	1	1	2	13
	Não	3	0	0	0	3
Total		12	1	1	2	16

**Reprovações:** quanto ao número de reprovações, verificamos que 87,5%, (14 inquiridos) nunca reprovou, 2 pessoas reprovaram uma vez (Tabela 5).

Tabela 5 - Frequência do número de reprovações.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0 reprovações	14	87,5	87,5	87,5
	1 reprovação	2	12,5	12,5	100,0
Total		16	100,0	100,0	

**Escolaridade parental:** relativamente às habilitações académicas da mãe e do pai dos inquiridos, salientamos que num total de 15 mães cerca de 68,8% das mães e num total de 16 pais, 56,3% têm habilitações iguais ou superiores ao ensino secundário (Figura 6).

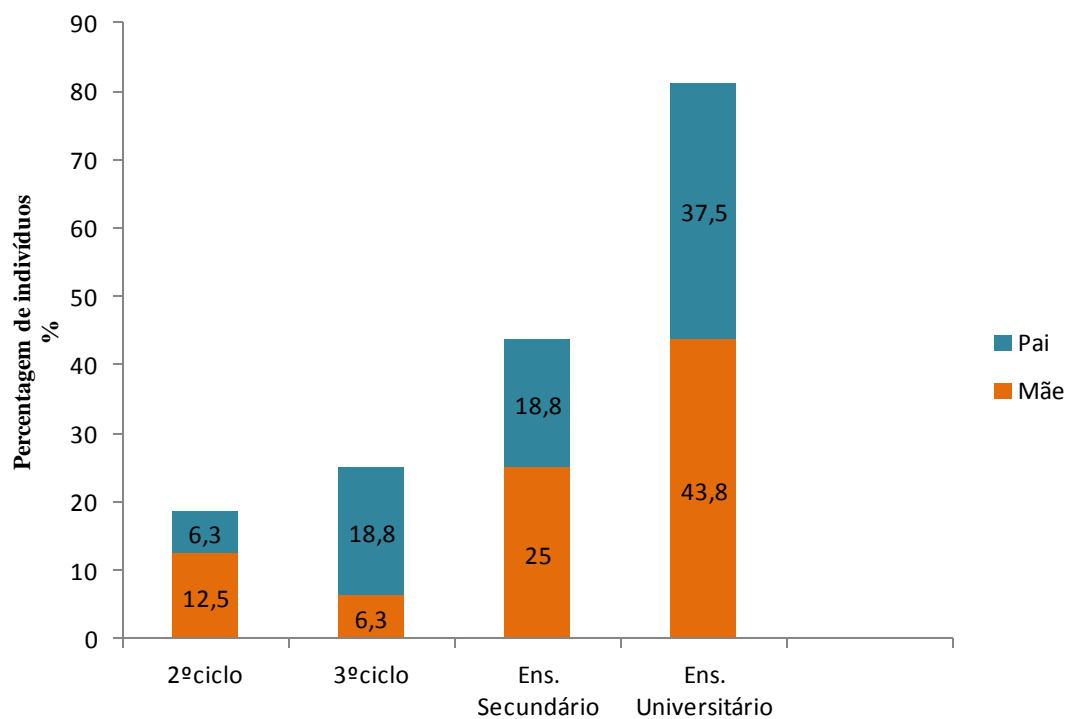


Figura 6 - Escolaridade parental (mãe/pai).

**- Caracterização de aspetos relacionados com a orientação sexual da amostra referente ao pré-teste**

**Quem sabe da orientação sexual:** Na Figura 7, podemos verificar que as principais pessoas a conhecer a orientação sexual dos inquiridos são os amigos (87,5%), seguindo-se os pais, os amigos em geral e os irmãos. Metade dos inquiridos (8) preferem não revelar a sua orientação sexual, nomeadamente à comunidade e à família alargada.

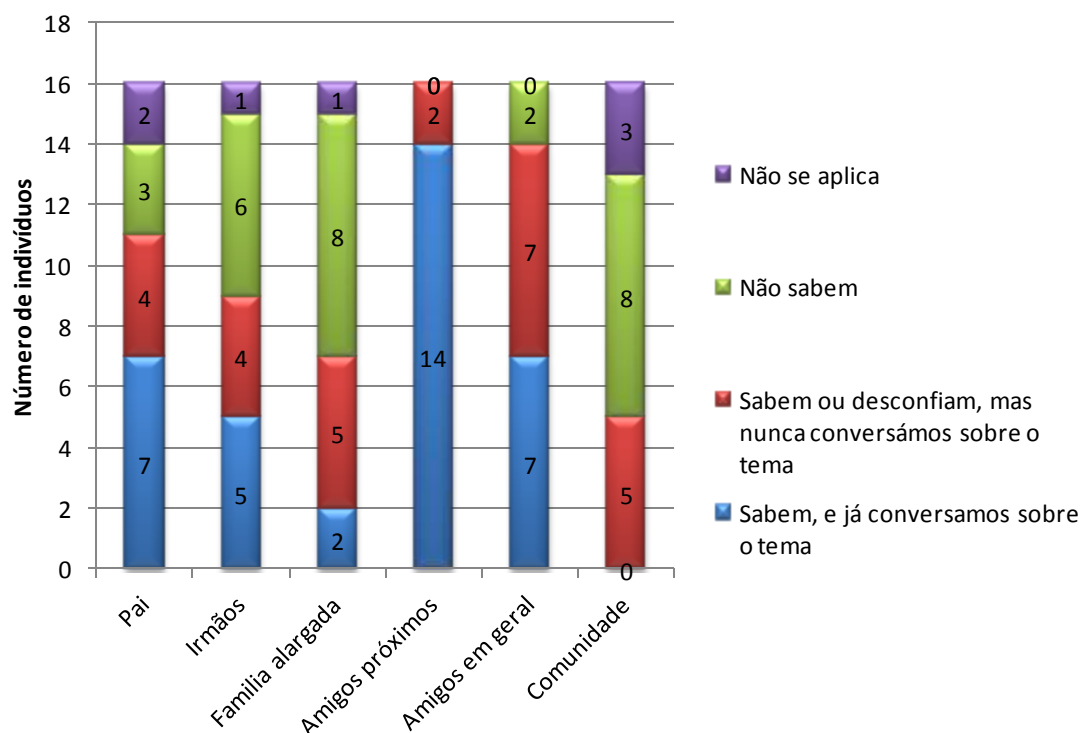


Figura 7 - Distribuição de frequências sobre quem sabe da orientação sexual.

**Aceitação da orientação sexual:** A Figura 8 refere-se aos resultados obtidos sobre a perceção dos inquiridos quanto à aceitação da sua orientação sexual. Destacamos que os membros da família (pai e mãe) apresentam dificuldade em aceitar e lidar com a orientação sexual dos filhos. Parece-nos, também, que os que melhor aceitam a orientação sexual são os amigos, seguindo-se os irmãos. A coluna que corresponde ao “não se aplica” está com muitos elementos, principalmente no que se refere à comunidade, tal pode dever-se ao facto de muitos inquiridos não revelarem a sua orientação sexual à comunidade, daí que não tenham a perceção de como esta irá reagir.

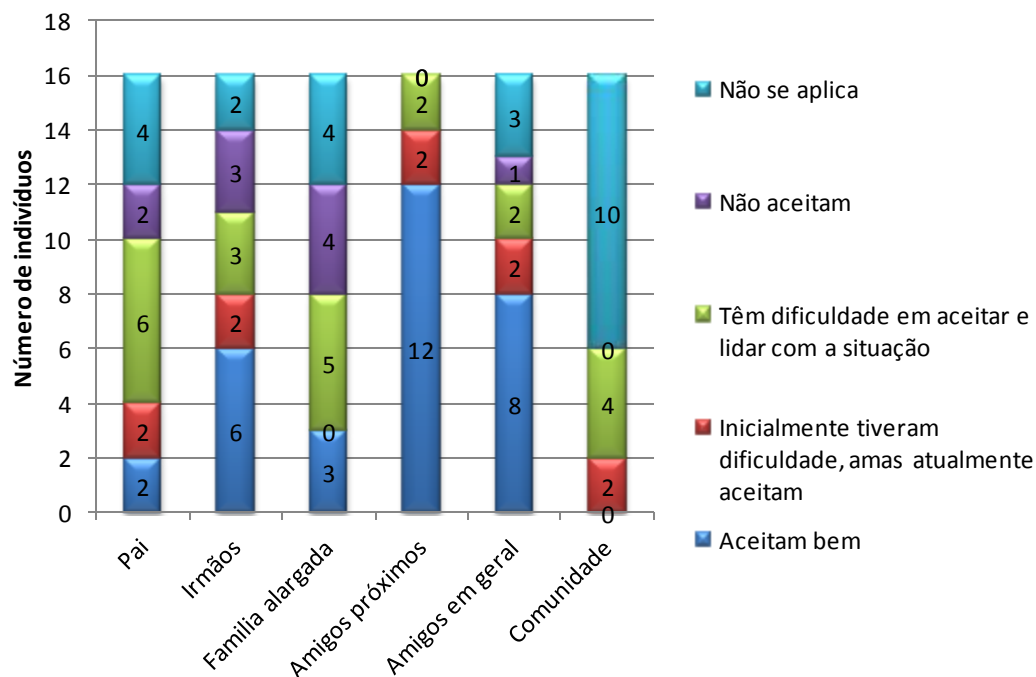


Figura 8 - Distribuição de frequências relativas à aceitação da orientação sexual.

### - Experiências de bullying

**Relação com grupo de pares:** tendo em conta a Figura 9, que apresenta as frequências da relação com pares, através de uma escala de Likert (excelente, boa, razoável, má, muito má), podemos verificar que entre os participantes, cerca de 3 (19%) indivíduos têm uma relação excelente com o grupo de pares, 8 (50%) têm uma relação boa, 4 (25%) razoável e 1 (6%) má.

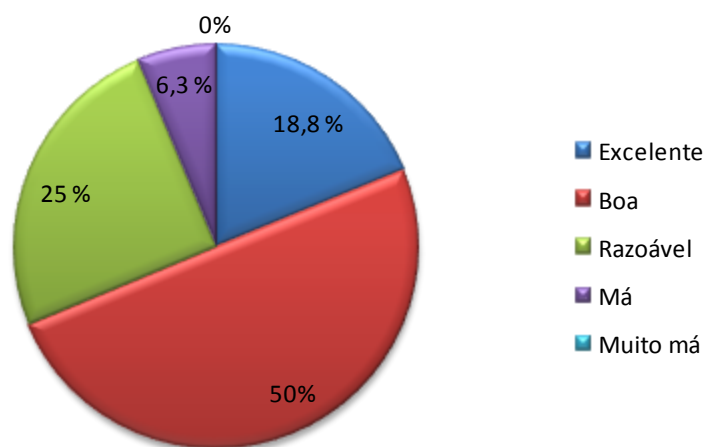


Figura 9 - Percentagens da percepção sobre a relação com grupo de pares.

**Discriminação no espaço escolar devido à orientação sexual:** em resposta a esta questão e de acordo com o apresentado na Figura 10, podemos apurar que 87,5% dos inquiridos (14 indivíduos), responderam já se terem sentido discriminados no espaço escolar devido à sua orientação sexual. Apenas 12,5% (2 indivíduos) dizem nunca terem sentido qualquer discriminação neste contexto.

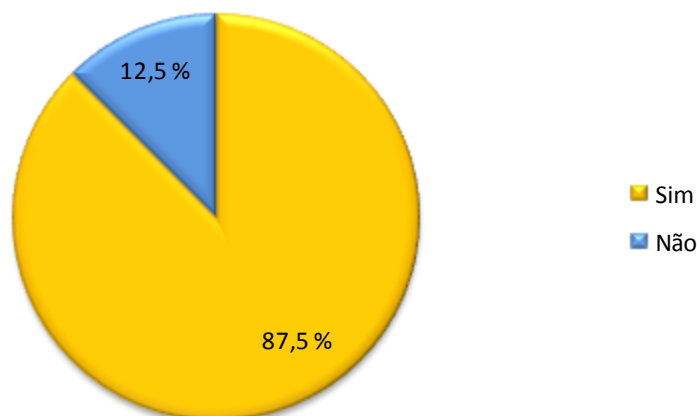


Figura 10 - Percentagens das perceções de discriminação no espaço escolar.

**Tipos de bullying:** quanto a esta questão, podemos apurar (Figura 11) que os tipos de bullying mais frequentes são o verbal e o relacional, num total de 8 inquiridos (somatório de 5 inquiridos “muito frequente” mais 3 “frequente”). Já os menos frequentes são o cyberbullying e o bullying físico, ambos com um somatório (“muito frequente” e “frequente”) de 12 inquiridos.

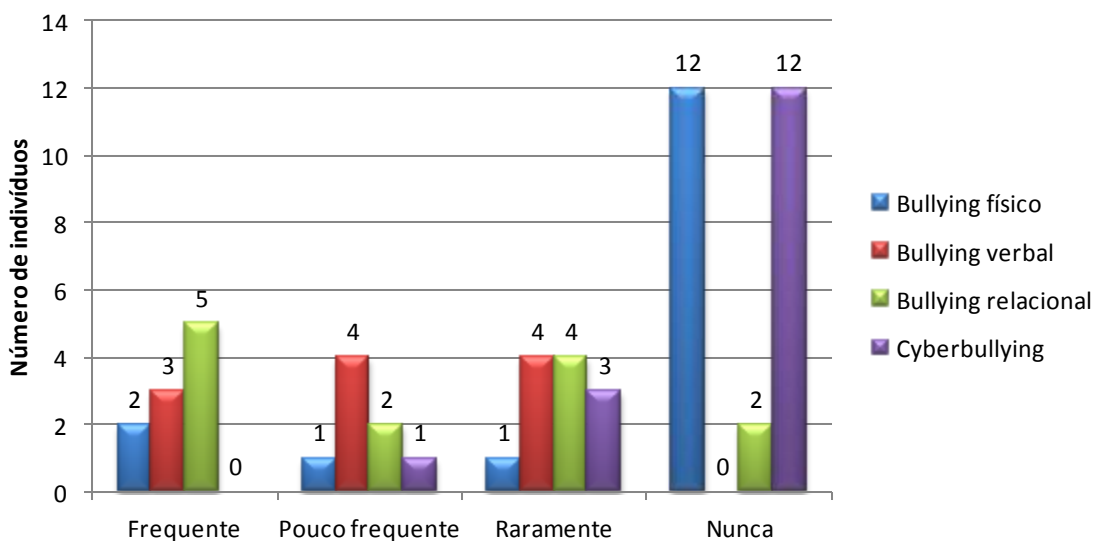


Figura 11 - Distribuição de frequência pelos tipos de bullying.

**Locais de bullying:** ao observarmos a Figura 12, constatamos que a frequência de vitimização é superior no recreio, no caminho escola/casa e casa/escola e fora da escola, enquanto na cantina, casas de banho e autocarro escolar, a frequência é menor.

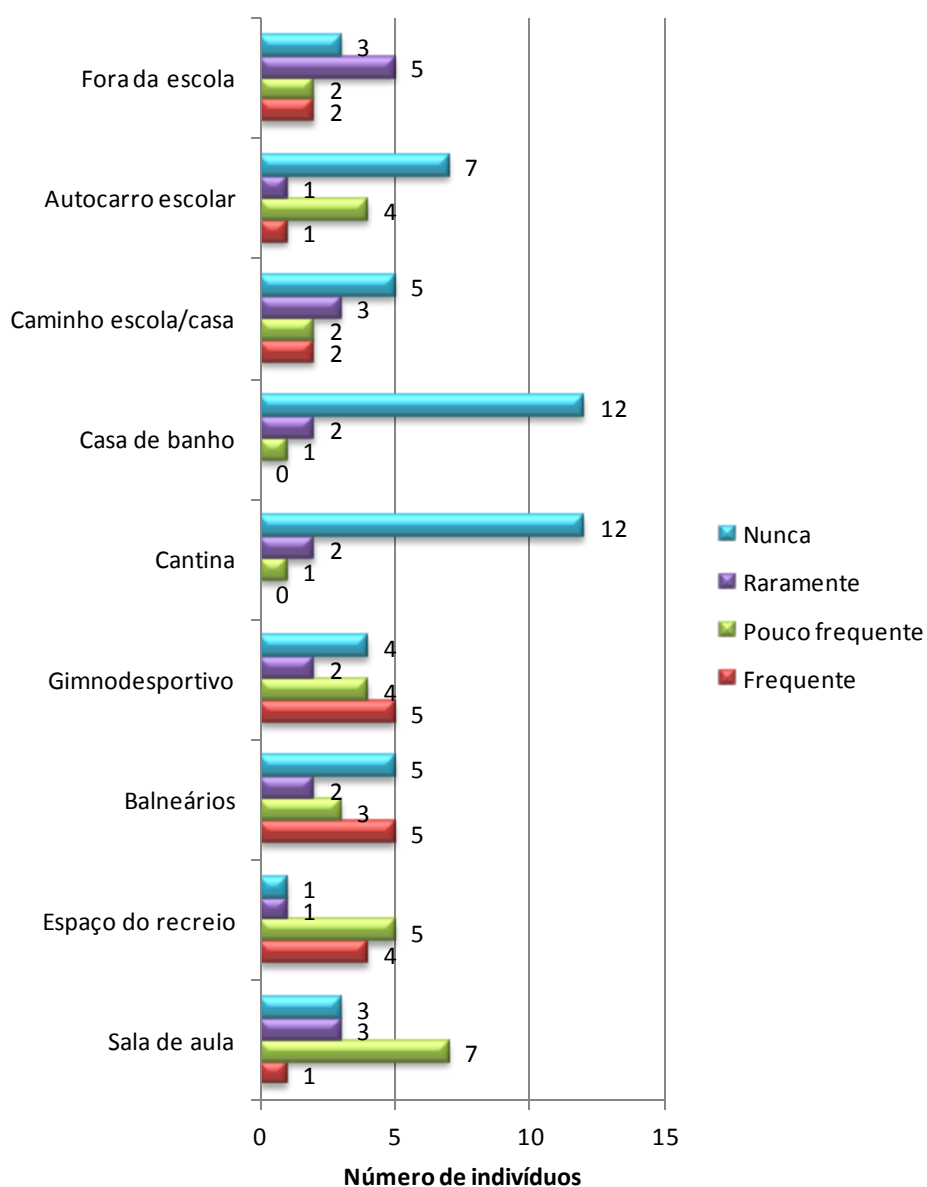


Figura 12 - Distribuição de frequências por local da vitimização.

**Principais responsáveis pelas agressões:** Os principais responsáveis pelas agressões são os colegas de escola, desconhecidos e os colegas de turma. De

salientar que os 3 indivíduos que responderam “outros”, atribuem aos professores a responsabilidade pela vitimização (Figura 13).

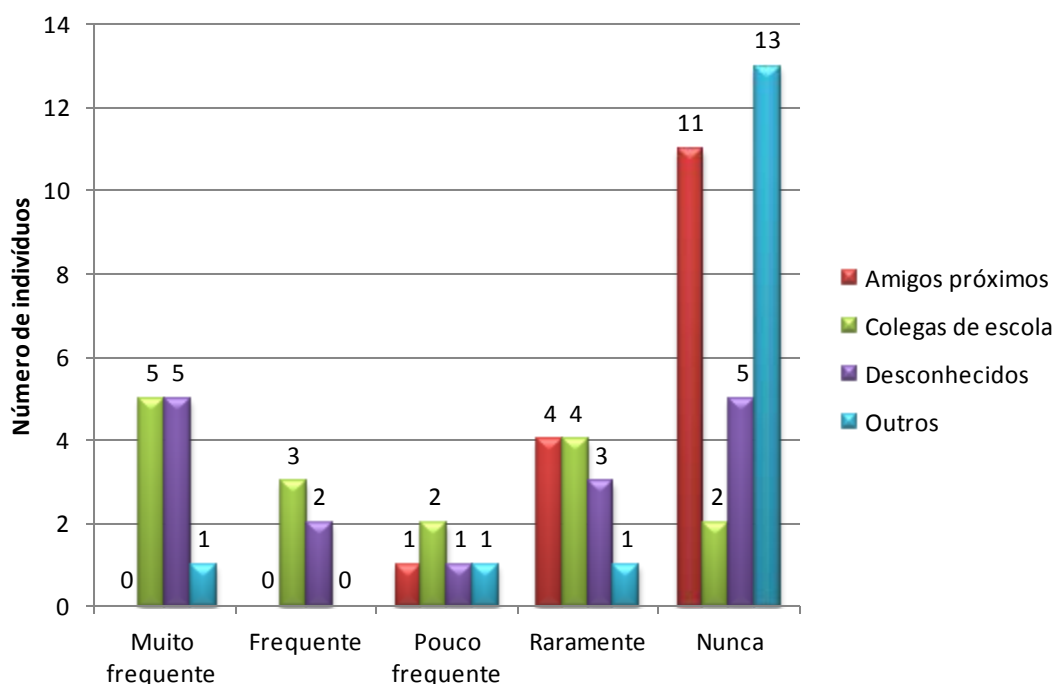


Figura 13 - Distribuição de frequências relativas aos principais responsáveis pela vitimização.

**Denúncia das agressões:** as agressões sofridas não foram denunciadas por 87,5% (14 participantes), sendo que 12,5% (2 participantes) fizeram denúncia, nomeadamente à direção escolar/professores (Figura 14).

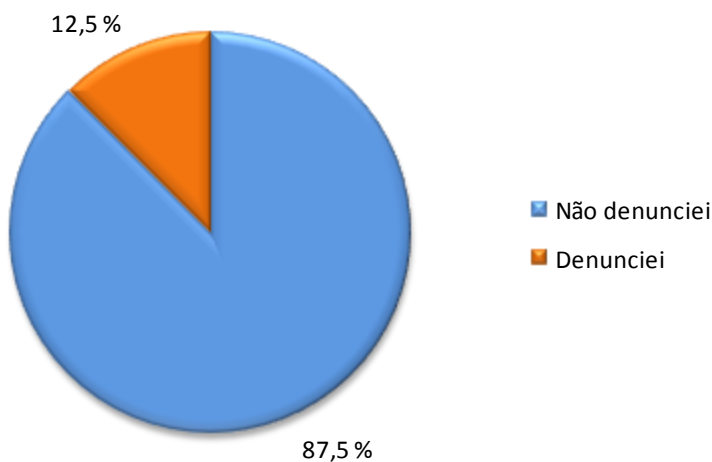


Figura 14 - Percentagem de vítimas que denunciaram e não denunciaram as agressões.

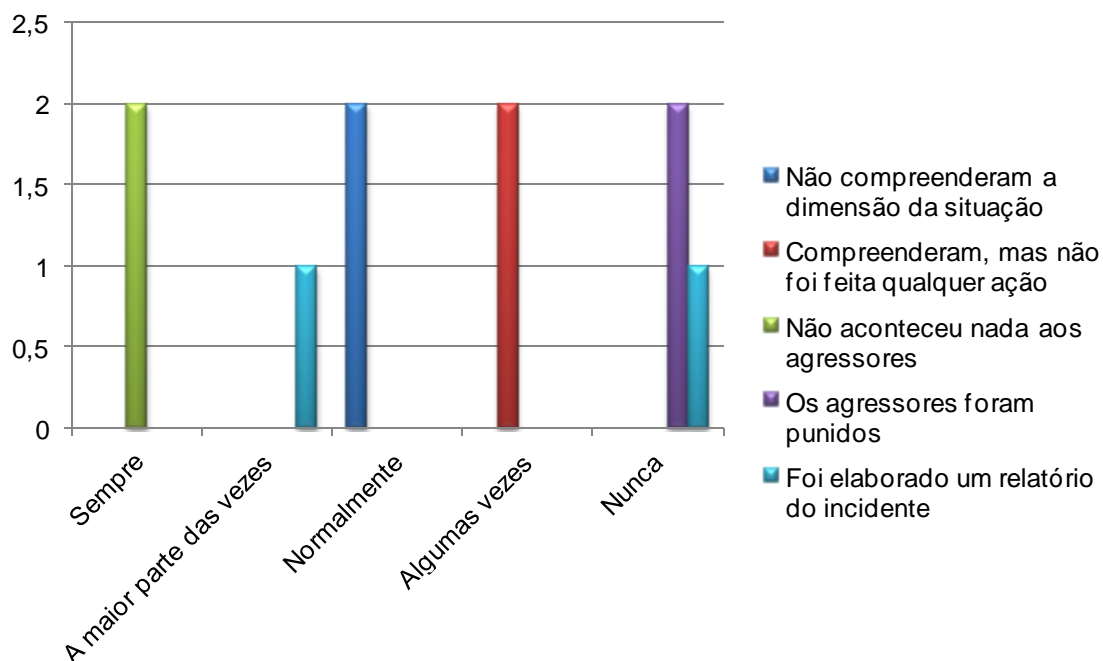


Figura 15 - Distribuição de frequências das principais respostas da escola às agressões.

Relativamente às respostas da escola perante a denúncia (Figura 15) e tendo em conta, apenas, as respostas dos 2 alunos que denunciaram, ambos referem:

- Quando houve denúncia, não aconteceu nada aos agressores;
- Normalmente não houve compreensão da dimensão da situação;
- Algumas vezes até compreenderam, de qualquer forma não foi feita qualquer ação;
- Os agressores nunca foram punidos pela vitimização;
- Um dos indivíduos refere que nunca foi elaborado um relatório do incidente, enquanto o outro refere que o foi na maior parte das vezes.

É importante verificar que, após a denúncia, num dos casos as agressões terminaram e no outro caso aumentaram.

## Motivos das vítimas para não denunciarem as agressões

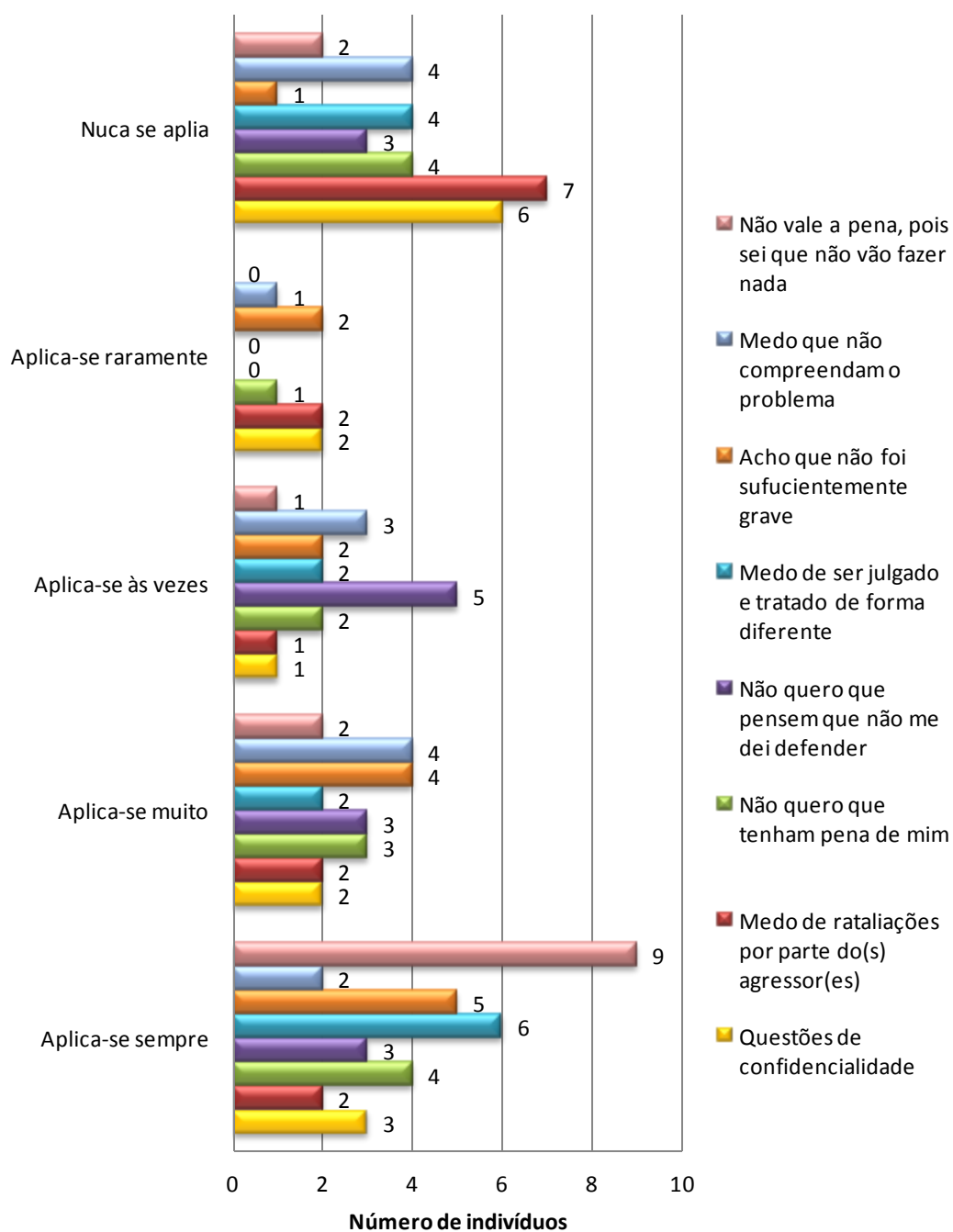


Figura 16 - Distribuição de frequências por motivos das vítimas para não denunciarem as agressões.

Através da análise da Figura 16, podemos apurar que os principais motivos das vítimas não procederem à denúncia, são:

- Sentimento de impotência perante a situação (11 indivíduos);

- Medo de serem julgados e tratados de forma diferente (8 indivíduos);
- Percepção de que a agressão não foi suficientemente grave para efetuarem denúncia (9 indivíduos);
- O facto de não quererem que tenham pena deles (7 indivíduos);

**Expressões de bullying homofóbico:** A forma como os inquiridos percecionam a relação entre as situações de vitimização por bullying e a sua orientação sexual (Figura 17) põe em evidência 6,3% que atribuem a totalidade das agressões à orientação sexual; 25% muitas vezes; 62,3% algumas e 6,3% referem que essa relação raramente se verifica.

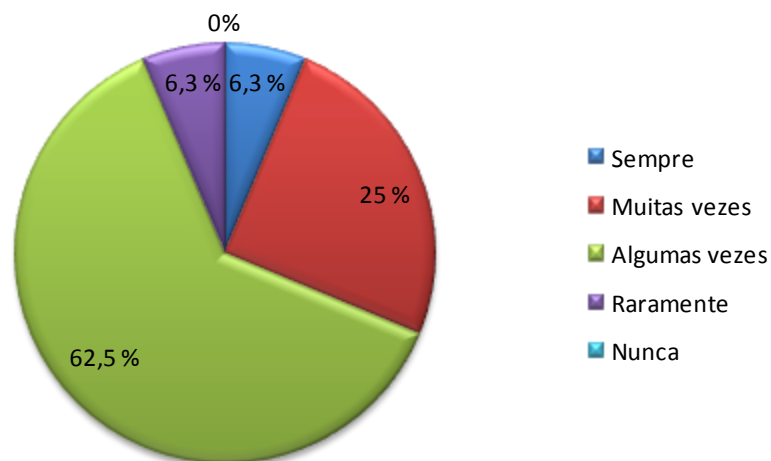


Figura 17 - Percentagem relativa à frequência de bullying percecionado como homofóbico.

## Impacto do bullying homofóbico no quotidiano das vítimas

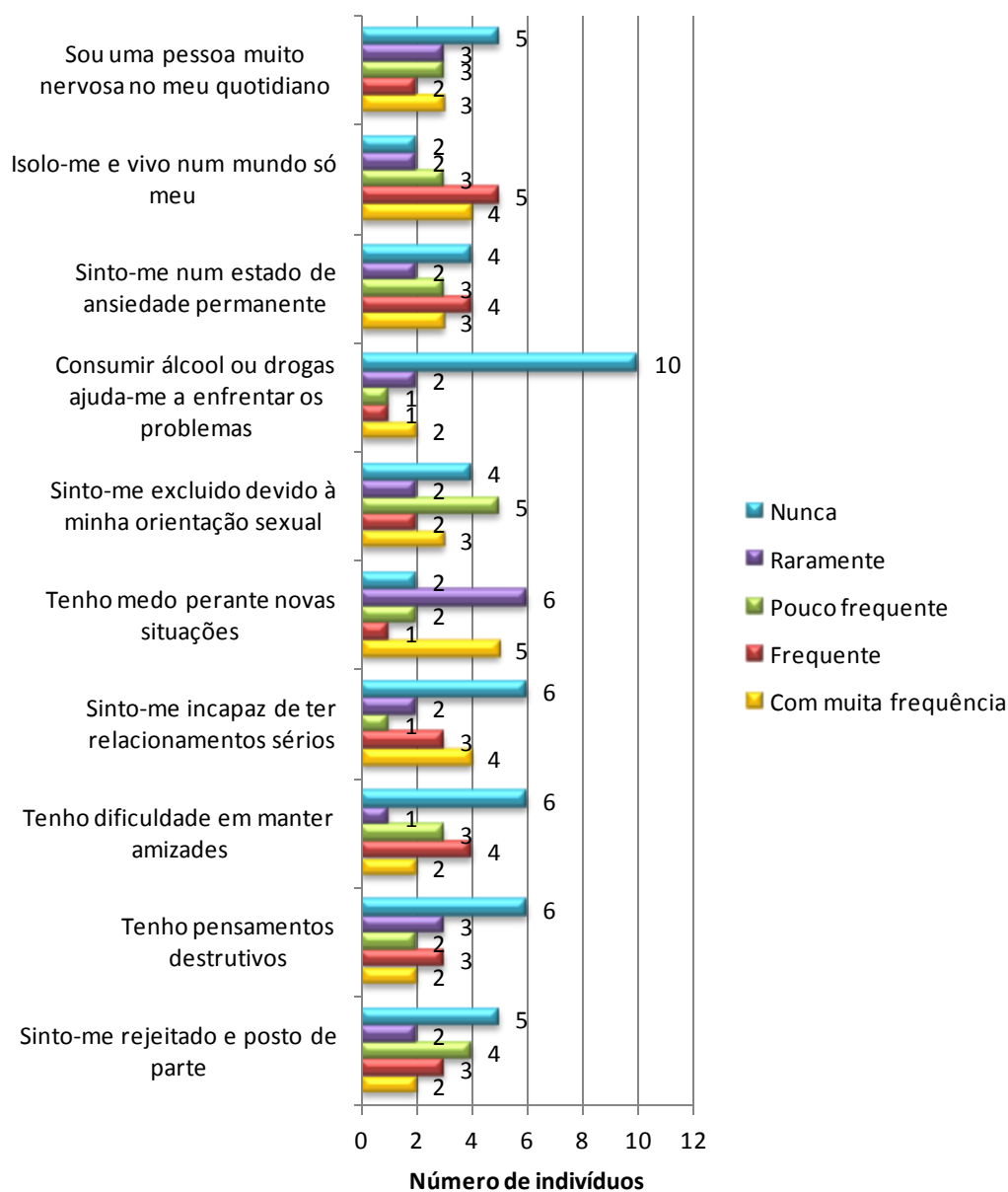


Figura 18 - Distribuição das frequências relativamente ao impacto do bullying homofóbico no quotidiano das vítimas.

Na sequência da análise da Figura 18, podemos apurar os principais constrangimentos no quotidiano das vítimas de bullying homofóbico:

- É muito frequente, ter medo perante novas situações (5 participantes);
- É muito frequente sentir-se incapaz em ter relacionamentos sérios (4 participantes);
- É frequente recorrer ao isolamento (5 participantes);

- É frequente ter dificuldade em manter amizades (4 participantes);
- É frequente ter medo perante novas situações (5 participantes);
- É frequente ter pensamentos destrutivos (3 participantes);
- É menos frequente (nunca e raramente) consumir álcool ou drogas (12 participantes), ter pensamentos destrutivos (9 participantes);

**Frequência das estratégias utilizadas como forma de evitar/lidar com a vitimização**

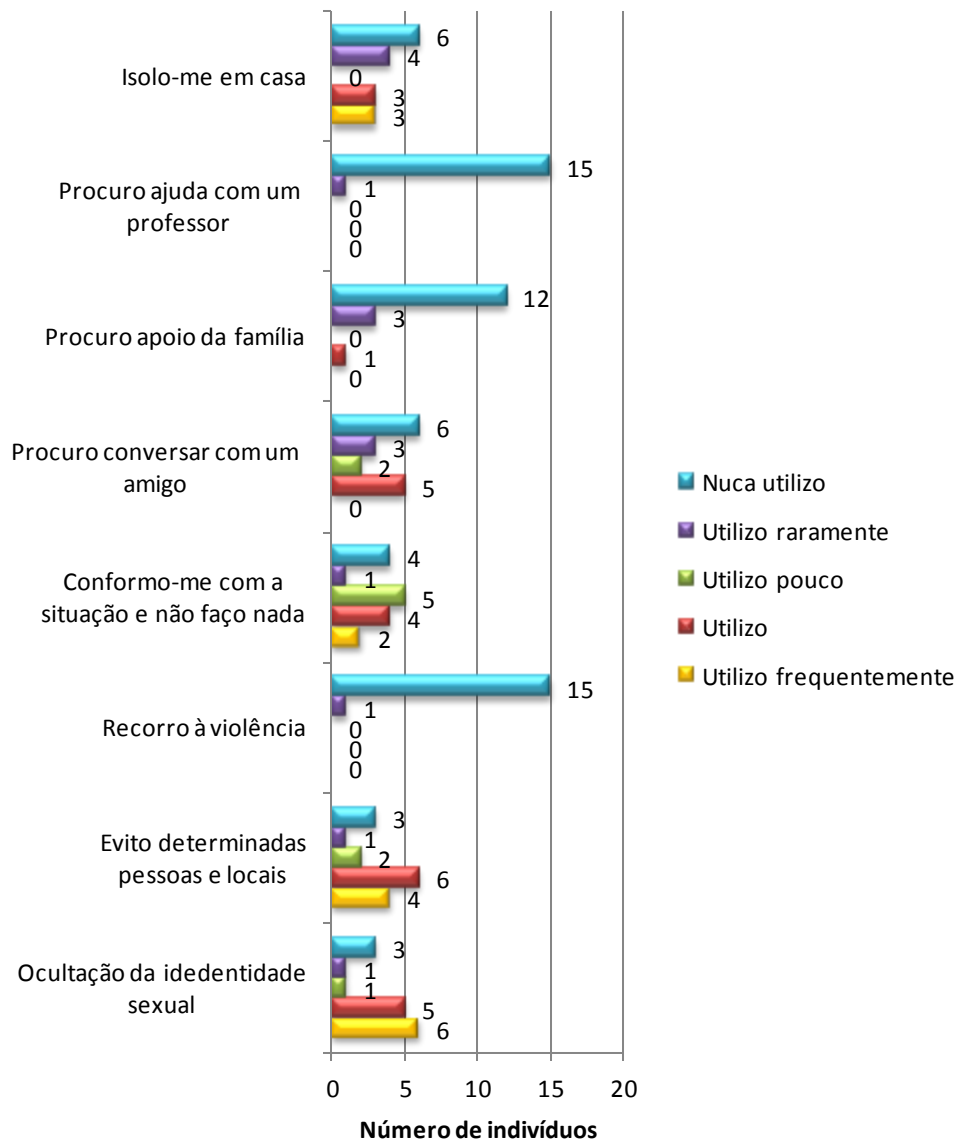


Figura 19 - Distribuição de frequências das estratégias utilizadas como forma de evitar/lidar com a vitimização.

Na sequência da observação da Figura 19, onde está apresentada a frequência das estratégias utilizadas pelas vítimas como forma de evitar/lidar com a vitimização, podemos verificar que:

- É muito frequente ocultar a identidade sexual (11 participantes);
- É muito frequente evitar determinadas pessoas e locais (9 participantes);
- É muito frequente conformarem-se com a situação e não fazer nada (6 participantes);
- É muito frequente isolamento em casa (6 participantes);
- É muito frequente procurar conversar com um amigo (5 participantes);
- Raramente ou nunca que recorrem à violência (16 participantes);
- Raramente ou nunca procuram ajuda com professores (16 participantes);
- Raramente ou nunca pedem o apoio da família (15 participantes);

### ***Análise de conteúdo***

Na pergunta aberta do questionário de pré-teste, pretendeu-se identificar quais as medidas que a população LGBT entende serem essenciais para a redução/extinção do bullying homofóbico em ambiente escolar. Esta questão não é de carácter obrigatório, no entanto nos 16 questionários respondidos, 14 pessoas participaram, contribuindo na identificação de várias medidas que entendem como essenciais.

Assim, as principais medidas apontadas são ao nível da formação de professores, funcionários, cargos diretivos e comunidade escolar (“que muitas das vezes por ignorância ou falta de formação, ignoram, ofendem e chegam a instigar toda a violência”) no âmbito da educação sexual, para que possa informar-se de forma clara e sem tabus sobre as diferentes orientações sexuais e identidades de género, dando especial atenção à promoção da tolerância e não-aceitação da exclusão ou diferenciação.

São sugeridas sessões de informação/sensibilização, para que seja possível debater-se a temática, incentivando à compreensão e ao diálogo de todos. Como resposta aos comportamentos agressivos, as medidas apontadas são a criminalização das agressões, penalizados os seus autores, como forma de dissuadir futuras investidas.

Por fim, referem que a escola deve ser o local indicado para se modificarem mentalidades, pois esta é o pilar de uma sociedade, sendo que deve ser no espaço escolar que se devem intensificar as iniciativas para a redução e futuramente a extinção de comportamentos homofóbicos com a população LGBT.

### 4.3 Análise exploratória dos resultados do pré-teste do Questionário de Suporte Social (SSQ6)

Na análise exploratória realizada ao Questionário de Suporte Social (SSQ6), o número de participantes é de 14. Perante as respostas às seis perguntas sobre todas as pessoas que conhece, com quem pode contar para o ajudar, a maioria dos participantes referiu em primeiro lugar amigos próximos, só depois os familiares diretos, pais e irmãos. Quanto ao grau de satisfação em relação à globalidade do apoio ou ajuda prestados (determinados para cada questão), os resultados encontram-se na Figura 20.

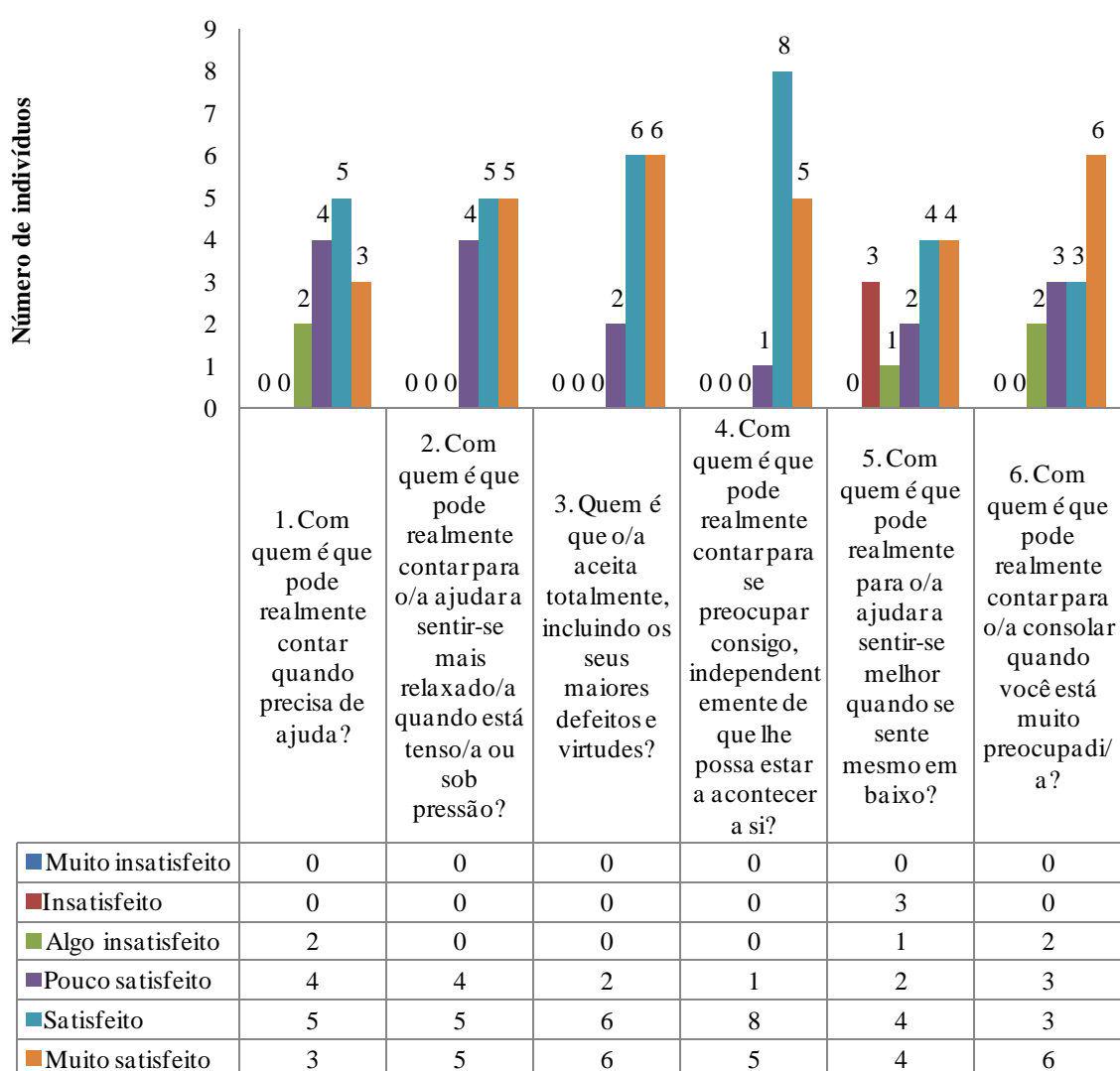


Figura 20 - Grau de satisfação relativamente às questões apresentadas no Questionário de Suporte Social.

Assim, podemos verificar que:

- Relativamente à primeira questão “Com quem é que pode realmente contar quando precisa de ajuda?”, o grau de satisfação pode considerar-se elevado, pois existem 3 participantes muito satisfeitos e 5 satisfeitos, o que perfaz um total de 8 participantes, mais de 50% dos inquiridos;

- Quanto à segunda questão “Com quem é que pode realmente contar para o/a ajudar a sentir-se mais relaxado/a quando está tenso/a ou sob pressão?”, o grau de satisfação é elevado, pois existem 5 participantes muito satisfeitos e satisfeitos, sendo que apenas 4 estão pouco satisfeitos;

- A terceira questão “Quem é que o/a aceita totalmente, incluindo os seus maiores defeitos e virtudes?”, apresenta um grau de satisfação elevado, com 6 participantes muito satisfeitos e satisfeitos. No entanto, 2 referem estar pouco satisfeitos;

- A quarta questão “Com quem é que pode realmente contar para se preocupar consigo, independentemente de que lhe possa estar a acontecer?”, evidencia níveis de satisfação aceitáveis em 13 participantes (5 dizem estar muito satisfeitos e 8 satisfeitos), todavia verifica-se 1 pessoa pouco satisfeita;

- A quinta questão “Com quem é que pode realmente contar para o/a ajudar a sentir-se melhor quando se sente mais em baixo?”, apresenta maiores discrepâncias no que se refere ao grau de satisfação, pois 4 participantes dizem estar muito satisfeitos e satisfeitos, 2 pouco satisfeitos, 1 algo insatisfeito e 3 insatisfeitos com este apoio;

- A sexta questão e última, “Com quem é que pode realmente contar para o/a consolar quando você está muito preocupado/a?”, tal como a questão anterior, esta também apresenta heterogeneidade de respostas, sendo que 6 participantes sentem-se muito satisfeitos, 3 satisfeitos, 3 pouco satisfeitos e 2 algo insatisfeitos;

## CONCLUSÃO

O fenómeno de bullying nas escolas portuguesas tem vindo cada vez mais a assumir maior visibilidade, facto que poderá dever-se a diversos acontecimentos que se tornaram públicos, ou corresponder a um aumento efetivo desta problemática. Falamos de bullying quando uma criança ou jovem está sistematicamente exposto a um conjunto de comportamentos agressivos, diretos ou indiretos, protagonizados por um ou mais agressores, que ocorrem sem motivo aparente mas de forma intencional.

A investigação tem revelado, entre outros fatores, que jovens de grupos minoritários são especialmente vulneráveis, quer seja pela sua etnia, género, contexto social ou orientação sexual, onde se destaca a população LGBT.

A homossexualidade é uma temática que tem vindo a suscitar bastante interesse nos últimos anos, fruto de uma maior abertura e entendimento da sociedade perante esta realidade. Neste sentido, é natural que surjam estudos relacionados com a vitimização motivada pela orientação sexual.

Assim, a partir da revisão da literatura sobre o bullying homofóbico, podemos verificar que este é um problema complexo, que envolve não só as minorias sexuais, mas toda a sociedade, pois a homofobia está profundamente enraizada nas culturas atuais. Note-se que o medo e a intimidação não podem ter lugar em contextos educativos, embora seja uma prática generalizada e recorrente, que pode afetar negativamente a saúde e o bem-estar das vítimas.

A investigação realizada neste âmbito procura dar respostas a algumas questões, como sejam a extensão e o impacto que o bullying tem para as vítimas, identificando a frequência, contextos de vitimização, tipos de bullying e estratégias utilizadas para evitar/lidar com episódios de bullying homofóbico.

Salientamos que uma das dificuldades principais num estudo desta natureza se centra ao nível da recolha de dados e tem por base duas razões fundamentais: a primeira refere-se à dificuldade em aceder à população LGBT, pois muitas destas pessoas evitam a exposição, pois trata-se de um assunto delicado e íntimo, muitas vezes não assumido publicamente. Por este motivo, foi essencial a colaboração da Associação rede ex aequo (associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgéneros e simpatizantes), de forma a obter um número satisfatório de participantes para preencherem os questionários relacionados com o pré-teste. Para além desta dificuldade, a amostra é de conveniência e, por isso, não representativa da população jovem LGBT portuguesa.

A metodologia de recolha de dados, através da aplicação de um inquérito por questionário via online, apesar de apresentar variadas vantagens, pode resultar em alguns constrangimentos, nomeadamente a exclusão indireta de parte da amostra para o pré-teste, visto que é um meio que pode não ser acessível a todos.

A partir da observação do pré-teste realizado à população LGBT, ficamos a conhecer algumas das características principais desta comunidade, tomando consciência do impacto que o bullying, em geral e, particularmente, de natureza homofóbica pode apresentar no quotidiano das vítimas. Nesse sentido, apontamos como principais recomendações, a implementação de políticas preventivas, com o objetivo de promover uma cultura de paz e respeito pela diferença. Porém, os resultados a obter com a implementação deste projeto permitirão fazer uma discussão num âmbito mais lato.

Terminamos assim, com a intenção de que o presente estudo seja um contributo para a investigação na área do bullying homofóbico, facilitando as interações sociais e promovendo a igualdade das minorias sexuais. O facto de ter sido elaborado, apenas, com jovens LGBT, contribui para algumas limitações que poderão ser superadas no futuro. É o caso da utilização de um grupo heterossexual, para podermos identificar singularidades da população homossexual no que respeita à vitimização por bullying. Acresce a importância de estudos de natureza qualitativa, para uma melhor compreensão do fenómeno em profundidade, ou mesmo a combinação de dois tipos de estudos (quantitativos e qualitativos).

## BIBLIOGRAFIA

- Adams, N., Cox, T., & Dunstan, L. (2004). 'I Am the Hate that Dare Not Speak its Name': Dealing with homophobia in secondary schools. *Educational Psychology in Practice*, 20, 259-269.
- Almeida, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. In C. Nogueira & Oliveira, J. M. (org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 45-90). Lisboa: Coleção de estudos de género 8.
- Aluede, O., Adeleke, F., Omoike, D., & Afen-Akpada, J. (2008). Review of the extent, nature, characteristics and effects of bullying behavior in schools. *Journal of Instructional Psychology*, 35 (2), 151-158.
- American Psychological Association (2008). *Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality*. Washington, DC: Author.
- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6ª ed.). Washington, DC: Author.
- Barboza, G. E., Schianberg, L. B., Oehmke, J., Korzeniewski, S. J., Post, L. A., & Heraux, C. G. (2009). Individual Characteristics and the Multiple Contexts of Adolescent Bullying: An Ecological Perspective. *Journal Youth Adolescence*, 38, 101-121. doi: 10:1007/s10964-008-9271-1.
- Bacon, L.A. (2011). *Study of effective strategies, programs, and policies for school leaders in protecting lesbian, gay, bisexual, and transgender youth from peer victimization* (Tese de mestrado não publicada). Southern University, Georgia.
- Barros, P. C., Carvalho, J. E., & Pereira, B. O. (2009, outubro). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. In *IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia*. PUCPR.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Grávida.

- Berger, K. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Birkett, M., Espelage, D.L., & Koenig, B. (2009). LGB and Questioning Students in Schools: The Moderating Effects of Homophobic Bullying and School Climate on Negative Outcomes. *Journal Youth Adolescence*, 38, 989-1000. doi: 10.1007/s10964-008-9389-1.
- Canário, R. (1996). *Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas*. Porto: Porto Editora.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (XIX), 523-537.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do Bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 13, 125-146.
- Costa, A. (1996). *Imagens organizacionais da escola*. Lisboa: Edições Asa.
- Costa, D. (2008). *As representações sociais da Homossexualidade e o papel da assumpção da identidade sexual e do sexo de pertença nas atitudes para com os homossexuais*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto.
- Costa, D. (2012). Recolha de dados: Técnicas Utilizadas. In H. Silvestre & J. Araújo (Coord.), *Metodologia para a Investigação Social* (pp. 141-170). Lisboa: Escolar Editora.
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar. In *I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos"*. Braga: Universidade do Minho.

- Coutinho, C. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Grupo Almedina.
- Custódio, S. (2010). *Stress, Suporte Social, Optimismo e Saúde em Estudantes de Enfermagem em Ensino Clínico* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Danish Institute for Human Rights (2009). *The social situation concerning homophobia and discrimination on grounds of sexual orientation in Portugal*. Vienne: European Union Agency for Fundamental Rights.
- D'Augelli, A. R., Pilkington, N. W., & Hershberger, S. L. (2002). Incidence and Mental Health Impact of Sexual Orientation Victimization of Lesbian, Gay, and Bisexual Youths in High School. *School Psychology Quarterly*, 17(2), 148-167.
- D'Augelli, A. R., Grossman, A. H., Starks, M. T., & Sinclair, K. O. (2010). Factors associated with parents' knowledge of lesbian, gay, and bisexual youths' sexual orientation. *Journal of GLBT Family Studies*, 6, 1-21.
- Elizur, Y., & Ziv, M. (2001). Family support and acceptance, gay male identity formation, and psychological adjustment: A path model. *Family Process*, 40, 125-145.
- Espelage, D. L., Aragon, S. R., Birkett, M., & Koenig, B. W. (2008). Homophobic teasing, psychological outcomes and sexual orientation among high school students: What influence do parents and schools have? *School Psychology Review*, 37(2), 202-216.
- Espelage, D. L., & Swearer S. M. (2003). Research on School Bullying and Victimization: What Have We Learned and Where do We Go From Here? *School Psychology Review*, 32(3), 365-383.
- Espelage, D. L., & Swearer S. M. (2008). Addressing Research Gaps in the Intersection Between Homophobia and Bullying. *School Psychology Review*, 37(2), 155-159.

- Espelange, D. L., & Swearer, S. M. (2010). *Bullying in North American Schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention*. New York: Routledge.
- European Communities (1997). *Treaty of Amsterdam amending the treaty on European Union, the treaties establishing the European communities and certain related acts*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Fante, C., & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, L., & Seixas S. (2012). *Plano Bullying: como apagar o bullying da escola*. Lisboa: Plátano Editora.
- Green, V. A. (2008). Bullying. In N. J. Salkind (Ed.) *Encyclopedia of Educational Psychology* (pp. 119-124). USA: Sage Publications.
- Herek, G. M. (2004). Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. *Sexuality Research and Social Policy*, 1 (2), 6-24.
- Hong, J. S., Cho, H., Allen-Mears, P., & Espelage, D. (2011). The social ecology of the Columbine High School Shootings. *Children and Youth Services Review*, 33, 861-868.
- Hong, J. S., & Garbarino, J. (2012). Risk and Protective Factors for Homophobic Bullying in Schools: An Application of the Social-Ecological Framework. *Educ Psychol Rev*, 24, 271-285.
- Horn, S. S., Kosciw, J. G., & Russell, S. T. (2009). Special Issue Introduction: New Research on Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth: Studying Lives in Context. *Journal Youth Adolescence*, 38, 863-866. doi: 10.1007/s10964-009-9420-1.

Kosciw, J., Greytak, E., Bartkiewicz, M., Boesen, M., & Palmer, M. (2012). *The 2011 National School Climate Survey. The Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth in Our Nation's Schools*. Washington, DC: the Gay, Lesbian & Straight Education Network [GLESEN].

Lei Constitucional nº1/2005 de 12 de agosto. Sétima revisão constitucional.

Lei nº 60/2009 de 6 de agosto. *Diário da República nº 151 – I Série*. Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

Lei nº 9/2010 de 31 de maio. *Diário da República nº 105 – I Série*. Permite o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo.

Lei nº 51/2012 de 5 de setembro. *Diário da República nº 172 – I Série*. Aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar.

Lisboa, C., Braga, L. L., & Ebert, G. (2009). O fenómeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2 (1), 59-71. doi: 10.4013/ctc.2009.21.07.

Lourenço, L., Pereira, B., Paiva, D., & Gebara, C. (2009). A Gestão Educacional e o Bullying: Um Estudo em Escolas Portuguesas. *Interações*, 13, 208-228.

Kosciw, J. G., Greytak, E. A., Bartkiewicz, M. J., Boesen, M. J., & Palmer, N. A. (2012). *The National School Climate Survey: The Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Youth in Our Nation's Schools*. New York: GLSEN.

Kruger, M. M. (2011). *Bullying in Secondary Schools: Teachers Perspectives and Experiences*. Master Thesis, Faculty of Education at Stellenbosh University, South Africa.

Maliki, A. E., Asagwara, C. G., & Ibu, J. E. (2009). Bullying Problems among School Children. *J Hum Ecol*, 25 (3), 209-213.

- Marconi, M. D., & Lakatos, E. M. (1996). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.
- Maroco, J. (2010). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS (3ªed.)*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Michaelis, W. (1998). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramento.
- Mendes, S. (2012). Teorias, Hipóteses e a Revisão da Literatura. In H. Silvestre & J. Araújo (Coord.), *Metodologia para a Investigação Social* (pp. 79-101). Lisboa: Escolar Editora.
- Observatório de Educação LGBT (2008). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia*. Lisboa: Autor.
- Observatório de Educação LGBT (2010). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia*. Lisboa: Autor.
- Observatório de Educação LGBT (2012). *Relatório sobre Homofobia e Transfobia*. Lisboa: Autor.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & Oliveira, J. M. (org.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-42). Lisboa: Colecção de estudos de género 8.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Lackwell.
- Olweus, D., & Limber, S. (2010). Bullying in school: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. *American Orthopsychiatric Association*, 1 (80), 124-134. doi: 10.1111/j.1939-0025.2010.01015.x.

- O'Higgins-Norman, J. (2008). Equality in the provision of social, personal and health education in the Republic of Ireland: the case of homophobic bullying? *Pastoral Care in Education*, 26 (2), 69–81.
- O'Higgins-Norman, J., Goldrick, M., & Harrison, K. (2010). *Addressing Homophobic Bullying in Second-level Schools*. Dublin: The Equality Authority.
- Pennington, J. (2011). *Homophobic Bullying in Secondary Schools: A Prejudice Worth Fighting About*. Master Thesis, Deakin University, Melbourne.
- Pereira, A. (2006a). *Guia Prático de Utilização do SPSS – Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia (6ªed.)*. Lisboa: Eduções Sílabo, Lda.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, B. (2006b). Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção. In Neto, J. & Nascimento, M., *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*. (pp. 43-51). São Paulo: Expressão e Arte Editora.
- Pereira, B., Silva, M., & Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educ. Curitiba*, 28 (9), 455-466.
- Pestana, M., & Gageiro, J. (2003). *Análise de dados para ciências sociais (3ª ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pinto, C. A. (1995). *Sociologia da escola*. Editora McGRAW-HILL de Portugal.
- Pinheiro, M. (2003). *Uma época especial: Suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao ensino superior* (tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

- Pinheiro, M. R., & Ferreira, J. A. (2002). O questionário de Suporte Social: Adaptação e validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6). *Psychologica*, 30, 315-333.
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, 1 (XXVI), 33-53.
- Poteat, V. P., & Espelage, D. L. (2007). Predicting Psychosocial Consequences of Homophobic Victimization in Middle School Students. *Journal of Early Adolescence*, 2(27), 175-191. doi: 10.1177/0272431606294839
- Proposta de Lei nº46/XI/2ª. Cria o crime de violência escolar e procede à 27ª alteração ao Código Penal.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.
- Rita, C. (2012). *Impacto da Satisfação do Suporte Social e da Autoestima no Conforto com a Orientação Sexual de Jovens Homossexuais e Bissexuais* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares, Almada.
- Rivers, I. (2001). Retrospective reports of school bullying: stability of recall and its implications for research. *British Journal of Developmental Psychology*, 19, 129–141.
- Rivers, I. (2004). Recollections of Bullying at School and their Long-Term Implications for Lesbians, Gay Men, and Bisexuals. *Crises*, 25 (4). doi: 10.1027/0227-5910.25.4.
- Rivers, I. (2011). *Homophobic bullying: research and theoretical perspectives*. New York: Oxford University Press.

- Rivers, I., & Cowie, H. (2007). Bullying and homophobia in UK schools: A perspective on factors affecting resilience and recovery. *Journal of Gay and Lesbian Issues in Education*, 3(4), 11-43.
- Rivers, I., Duncan, N., & Valerie, E. (2007). *A Handbook for educators and parents*. United States of America: Praeger Publishers.
- Rosario, M., Schrimshaw, E. W., Hunter, J., & Braun, L. (2011). Sexual Identity Development among Gay, Lesbian, and Bisexual Youths: Consistency and Change Over Time. *National Institute of Health*, 43 (1), 46-48. doi: 10.1080/00224490609552298.
- Seco, G., Pereira, M., Dias, M., Casimiro, M., & Custódio, S. (2006). Estudo de validação do Questionário de Suporte Social – versão reduzida (SSQ6): respostas obtidas com base numa amostra de alunos do Ensino Superior Politécnico. *VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Universidade de Évora.
- Serrano, G. P. (2008). *Elaboração de Projectos Sociais – Casos Práticos*. Porto: Porto Editora, LDA.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, 147-154. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.
- Stonewall (2007). *The School Report: The experiences of young gay people in Britain's schools*. UK: Stonewall.
- Tackacs, J. (2006). *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender people (LGBT)*. Brussels: ILGA-Europe and IGLYO.
- Tarouca, A., & Pires, P. (2010). Sobre o bullying nas escolas definimos. *InfoCEDI*, 24, 1- 51.

- Tuckman, B. W. (1994). *Manual de Investigação em Educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2009). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasil: Coleção Educação para Todos.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (2012). *Review of Homophobic Bullying in Educational Institutions: Prepared for the International Consultation on Homophobic Bullying in Educational Institutions Rio de Janeiro, Brazil, 6-9 December 2011*. Paris: UNESCO.
- Venâncio, J. (2010). *Homofobia e Consequências da (Não) Assumpção da Homossexualidade: Um estudo sobre a visão LGBT* (Tese de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto.
- Warwick, I., Chase, E., & Aggleton, P. (2004). *Homophobia, Sexual Orientation and Schools: a Review and Implications for Action*. London: University of London.
- Welsh Government (2011). *Respecting others: homophobic bullying*. País de Gales: Author.
- Williams, T., Connolly, J. Pepler, D., & Craig, W. (2005). Peer Victimization, Social Support, and Psychosocial Adjustment of Sexual Minority Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 24 (5), 471-482. doi: 10.1007/s10964-005-7264-x.
- Wright, L. W., Adams, H. E., & Bernat, J. (1999). Development and validation of the homophobic scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 21 (4), 337-347.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A – CRONOGRAMA**

Id	Modo da Tarefa	Nome da tarefa	Duração	Início	Término	Predecessoras	03-Set-12							10-Set-				
							S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T
1		Leituras prévias	44 dias	01-09-2012	31-10-2012													
2		Apresentação do tema do trabalho de projeto	1 dia	28-09-2012	28-09-2012													
3		Revisão e análise criteriosa da literatura nacional e internacional	327 dias	01-10-2012	31-12-2013	2												
4		Definição do problema	45 dias	01-10-2012	30-11-2012													
5		Contacto com a Associação rede ex aequo a fim de averiguar a disponibilidade para colaboração	1 dia	15-11-2012	15-11-2012													
6		Redação do enquadramento teórico	129 dias	01-11-2012	30-04-2013													
7		Elaboração do plano de investigação (definição da metodologia de investigação)	89 dias	01-10-2012	31-01-2013													
8		Construção dos instrumentos de recolha de dados (questionário)	108 dias	01-11-2012	31-03-2013													
9		Pedido de autorização para a utilização do Questionário de Suporte Social – SSQ6 aos autores	1 dia	25-03-2013	25-03-2013													
10		Formalização do pedido de colaboração com a Associação rede ex aequo	1 dia	10-04-2013	10-04-2013	5												
11		Construção dos questionários no software LimeSurvey	9 dias	03-04-2013	13-04-2013													
12		Aplicação do pré-teste	22 dias	14-04-2013	12-05-2013	11												
13		Análise dos dados relativos ao pré-teste	3 dias	13-05-2013	15-05-2013	12												
14		Apresentação dos resultados preliminares	3 dias	15-05-2013	17-05-2013													
15		Previsão e discussão dos resultados preliminares	3 dias	15-05-2013	17-05-2013													
16		Redação e revisão definitiva do projeto	2 dias	18-05-2013	19-05-2013	15												
17		Entrega do projeto	1 dia	20-05-2013	20-05-2013	16												
18		Aplicação dos inquéritos por questionário	45 dias	20-05-2013	19-07-2013													
19		Introdução dos dados no software SPSS	6 dias	19-07-2013	26-07-2013	18												
20		Tratamento e análise dos dados em SPSS	46 dias	29-07-2013	30-09-2013	18;19												
21		Discussão dos resultados e redação da conclusão	45 dias	30-09-2013	29-11-2013	20												
22		Elaboração do relatório final da investigação	23 dias	30-11-2013	31-12-2013	21												

Projeto: Cronograma  
Data: 17-05-2013

Tarefa Manual



Somente término

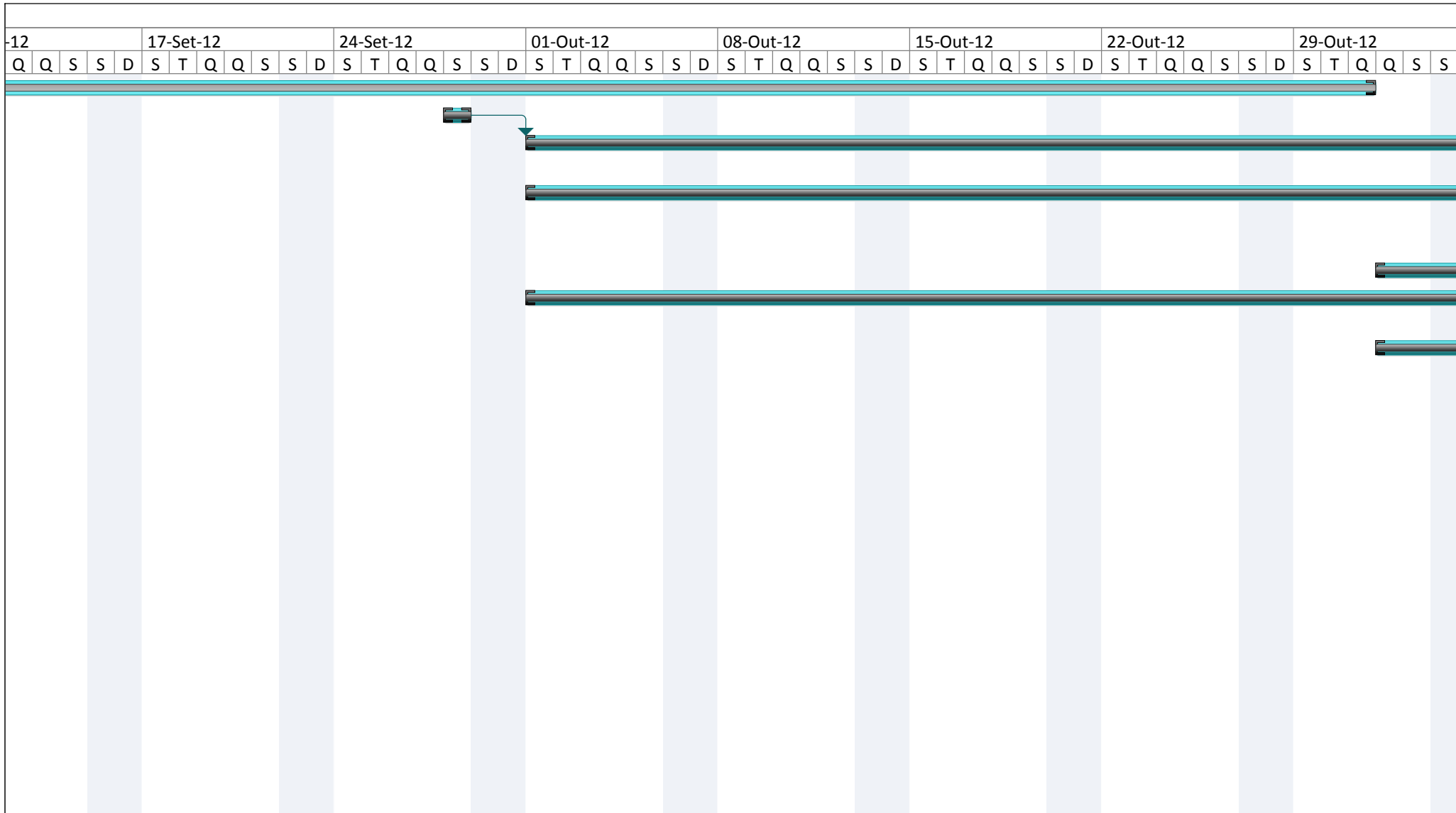


Somente início



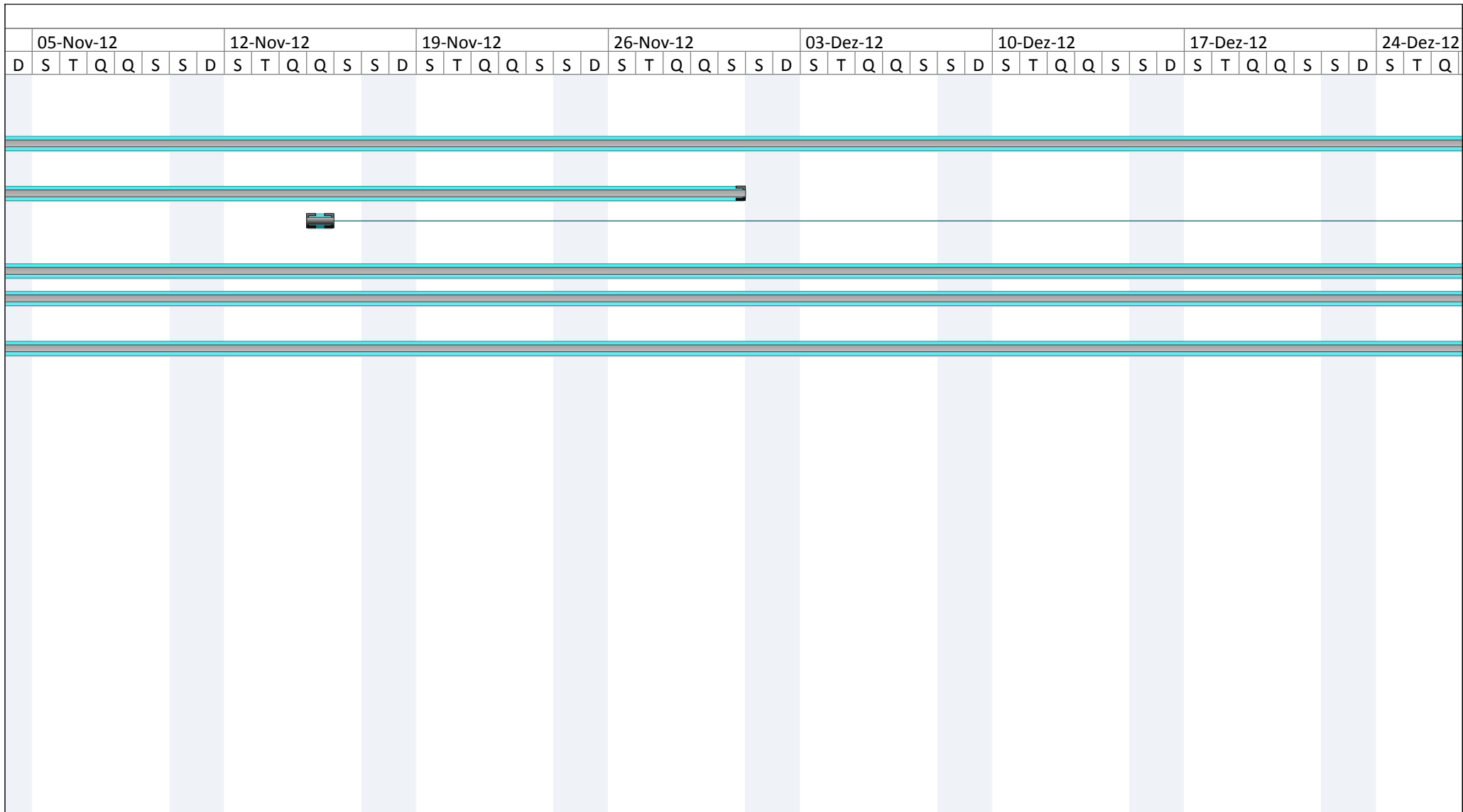
Andamento









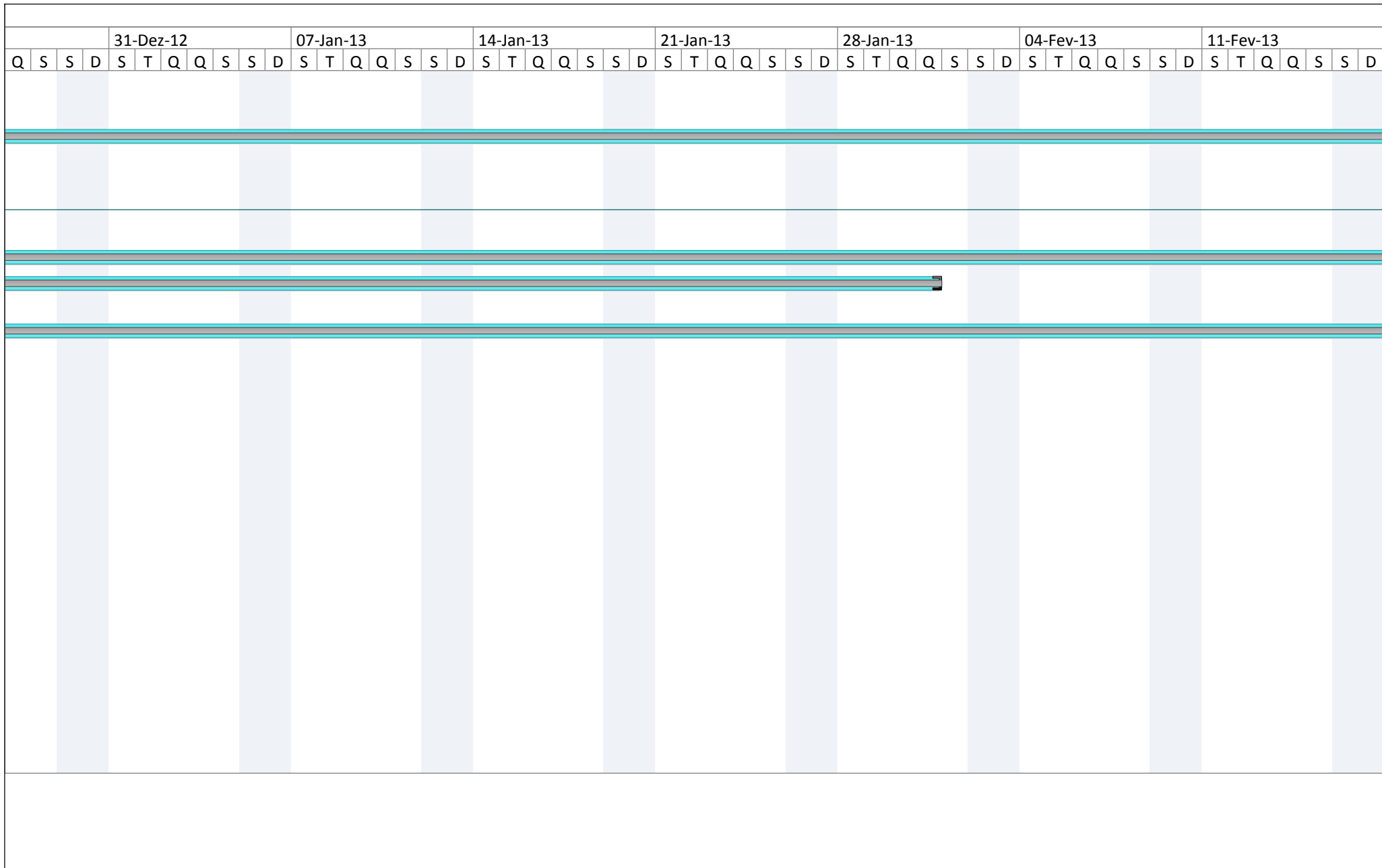
Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

Tarefa Manual  Somente término   
 Somente início  Andamento 




Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013


Tarefa Manual  Somente término   
 Somente início  Andamento 



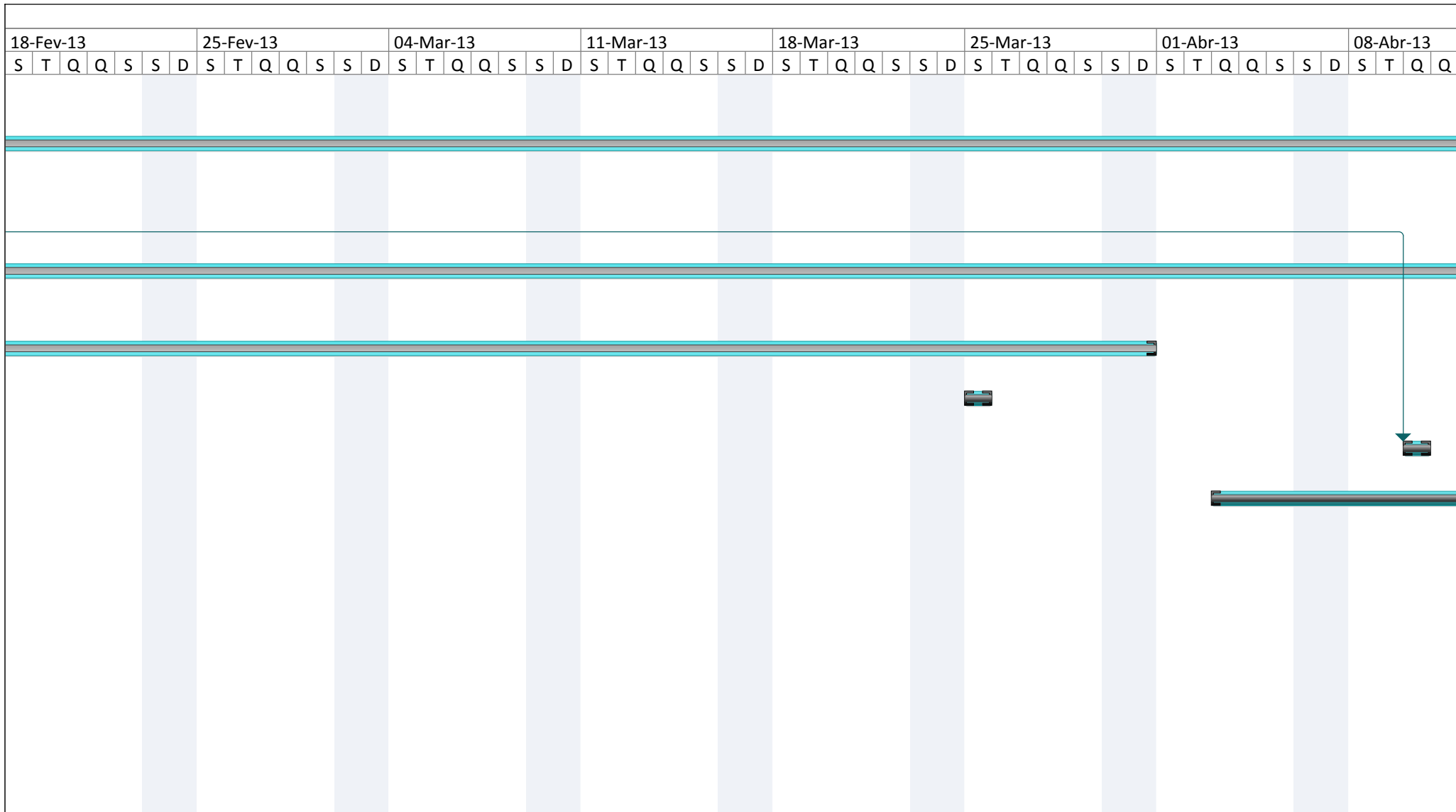
Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

Tarefa Manual 

Somente término 

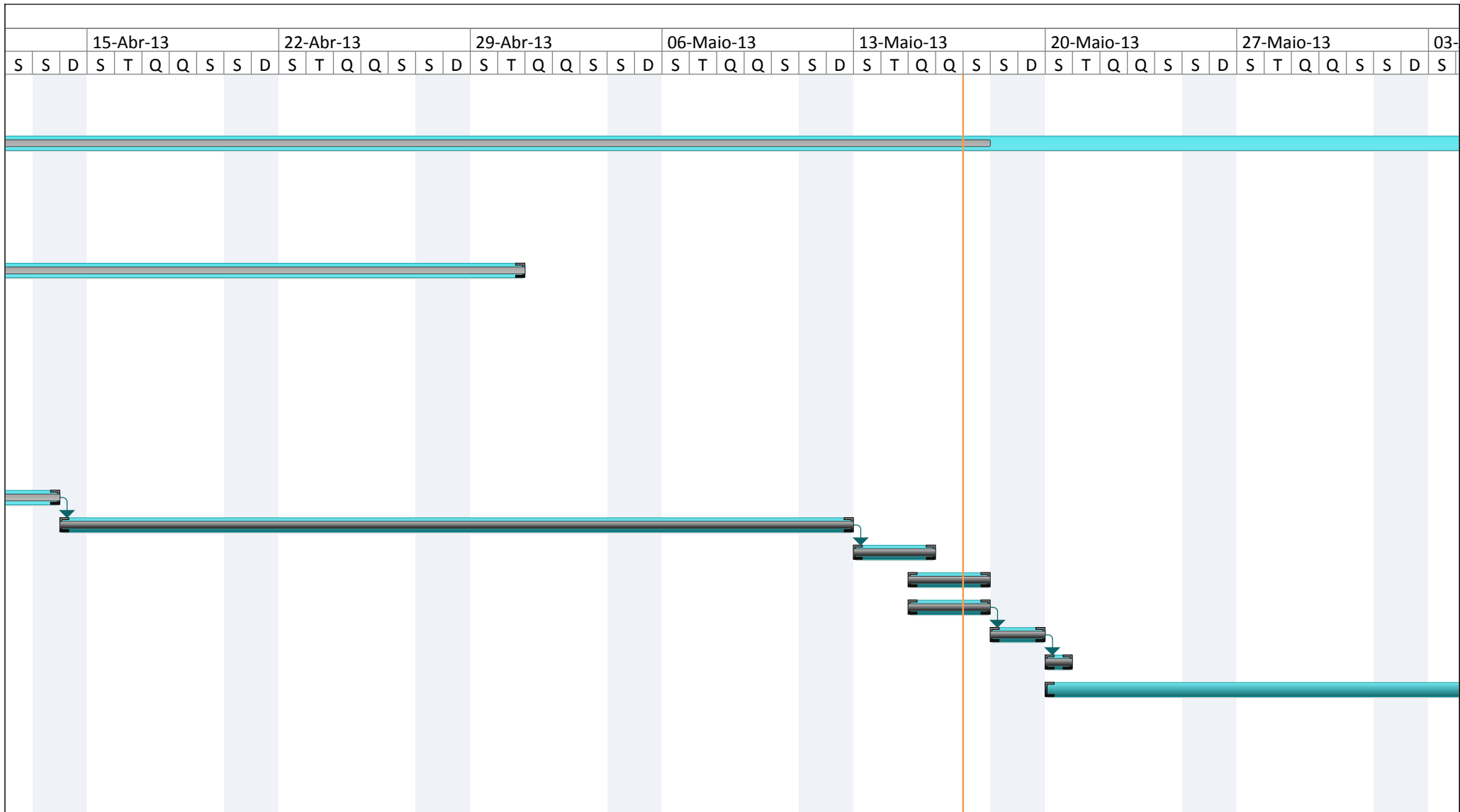
Somente início 

Andamento 







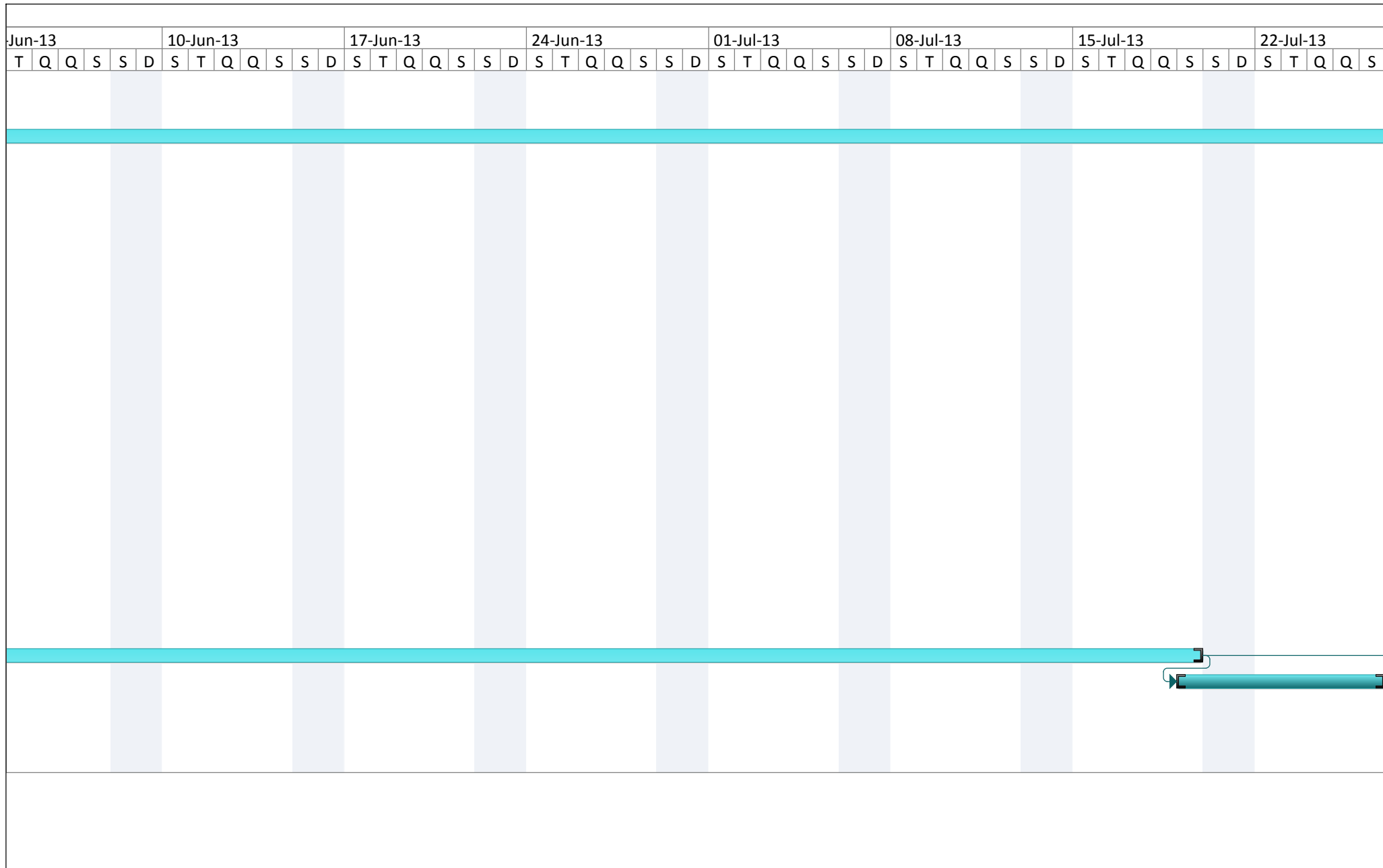
Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

- Tarefa Manual 
- Somente início 
- Somente término 
- Andamento 



Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

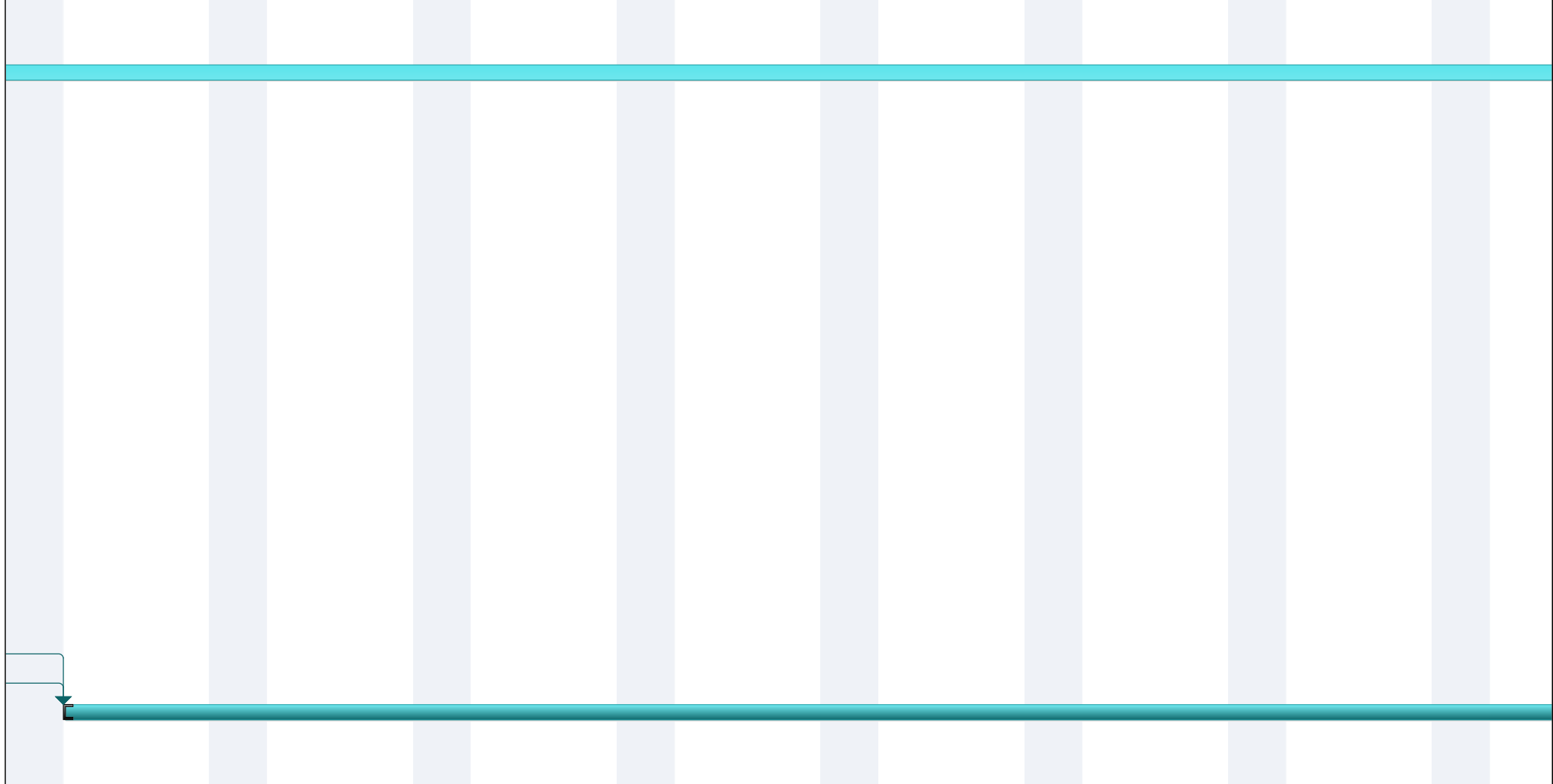
Tarefa Manual  Somente término   
 Somente início  Andamento 




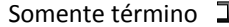


Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

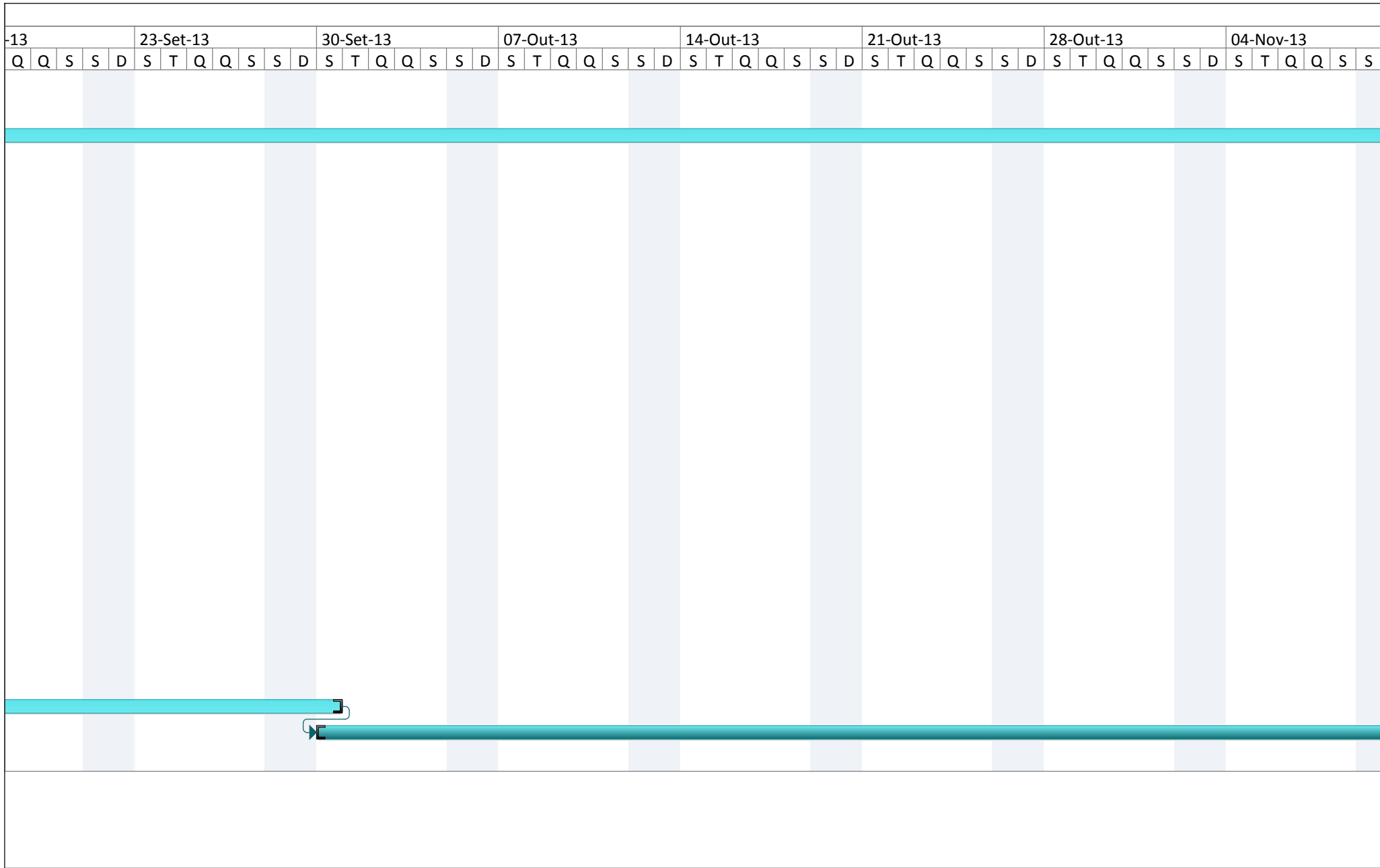
- Tarefa Manual Somente término
- Somente início Andamento

29-Jul-13				05-Ago-13				12-Ago-13				19-Ago-13				26-Ago-13				02-Set-13				09-Set-13				16-Set-13																	
S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T







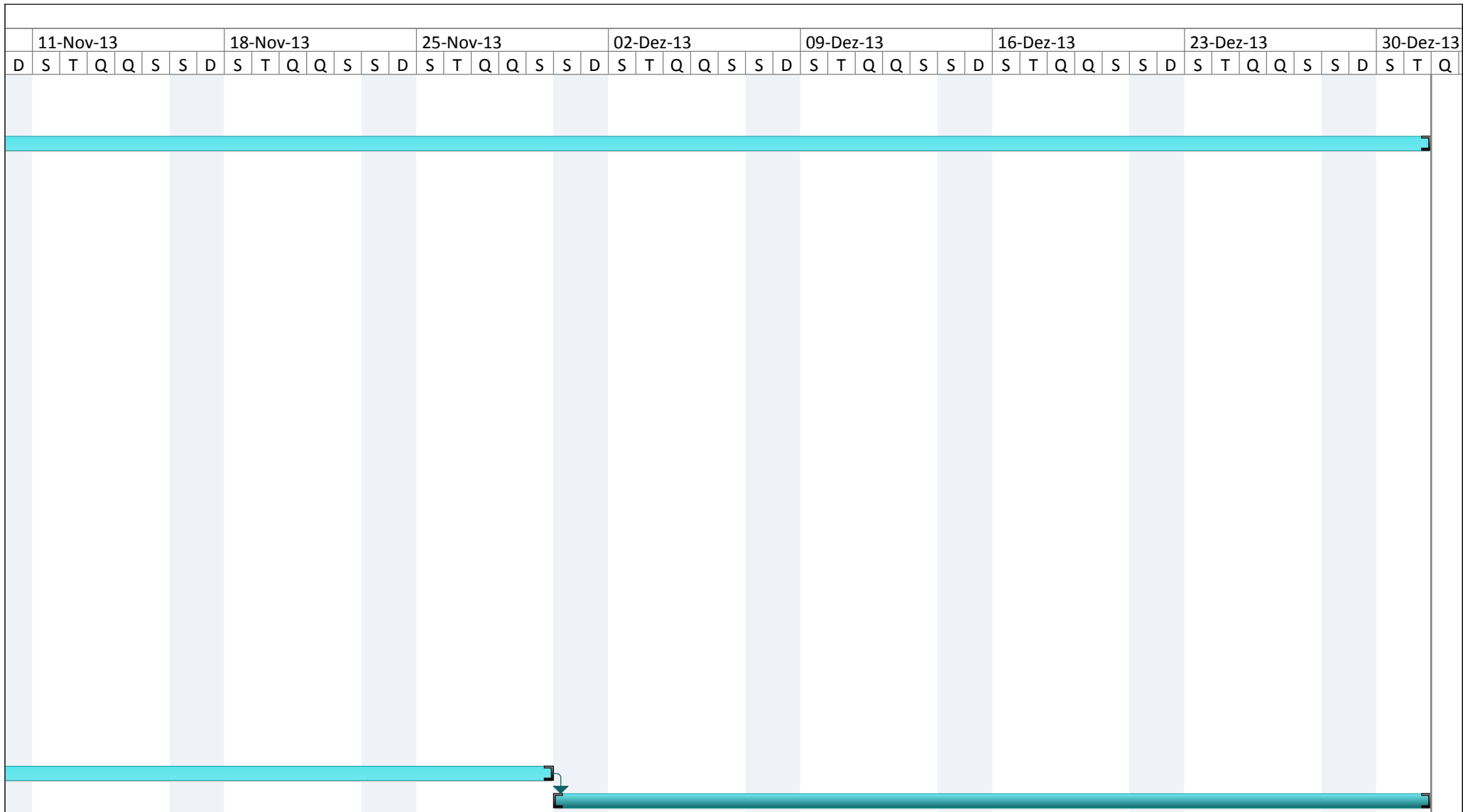
Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

Tarefa Manual  Somente término   
 Somente início  Andamento 



Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

Tarefa Manual  Somente término   
 Somente início  Andamento 



Projeto: Cronograma  
 Data: 17-05-2013

- Tarefa Manual Somente término
- Somente início Andamento

## **ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE BULLYING**

## QUESTIONÁRIO BULLYING

### **Objetivo geral**

O objetivo geral do presente questionário é recolher informação sobre experiências de bullying e identificar as consequências psicossociais percebidas por jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos de idade.

### **Objetivos específicos**

- Caracterizar os participantes LGBT no que se refere às características sociodemográficas;
- Caracterizar os níveis de impacto psicossocial do bullying na perspectiva da vítima;
- Identificar aspetos relacionados com a orientação/identidade sexual das vítimas LGBT;
- Identificar experiências de bullying homofóbico, bem como o tipo de bullying e frequência;
- Caracterizar as principais formas de agressão, tal como a sua frequência;
- Identificar os contextos em que os episódios de vitimização são mais frequentes;
- Identificar os principais responsáveis pelas agressões e a respetiva frequência;
- Perceber os principais motivos que levam à denúncia e não denúncia;
- Identificar as principais pessoas/organizações a quem se faz a denúncia;
- Identificar qual a natureza das respostas dadas pela organização escolar perante uma denúncia de assédio homofóbico;
- Identificar as principais estratégias utilizadas pela vítima para evitar a vitimização, bem como a frequência com que as utiliza;

### **População alvo**

Jovens LGBT, com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos de idade.

## Questionário

O presente questionário tem como objetivo recolher informação sobre o bullying homofóbico. Trata-se de um questionário anónimo e confidencial, apenas para fins académicos, e elaborado no âmbito de um projeto de mestrado a realizar na Escola Superior de Educação de Viseu. É pois da maior importância que responda às questões apresentadas com a máxima sinceridade.

### Grupo I – Caracterização sociodemográfica

**1. Idade** \_\_\_\_\_

**2. Género**

Masculino

Feminino

**3. Orientação sexual**

Heterossexual

Homossexual (Gay/Lésbica)

Bissexual

Transsexual

Não sei

**4. Zona habitual de residência**

Sede de distrito

Sede de concelho

Sede de freguesia

**5. Atualmente frequenta a escola?**

Sim

Não

**5.1 Se “Não”, qual a sua situação profissional/profissão?** \_\_\_\_\_

**6. Nível académico concluído** \_\_\_\_\_

**7. Alguma vez reprovou?**

Sim

Não  (Se a resposta foi “Não”, pode passar para a questão 8)

**7.1 Se “Sim”, em que ciclo de escolaridade?**

1º ciclo (até ao 4º ano)

2º ciclo (até ao 6º ano)

3º ciclo (até ao 9º ano)

Ensino secundário (até ao 12º ano)

**7.2 Número de reprovações?\_\_\_\_\_**

**8. Escolaridade dos pais?**

	Mãe	Pai
Sem escolaridade		
1º ciclo (Até ao 4º ano)		
2º ciclo (5º e 6º anos)		
3º ciclo (7º ao 9º ano)		
Ensino secundário (10º ao 12º ano)		
Ensino universitário		

**Grupo II – Caraterização de aspetos relacionados com a orientação sexual**

**1. Quem sabe da sua orientação sexual?**

	Não se aplica	Não sabem	Sabem ou desconfiam, mas nunca conversámos sobre o tema	Sabem, e já conversámos sobre o tema
Mãe				
Pai				
Irmãos				
Família alargada				
Amigos próximos				
Amigos em geral				
Comunidade em geral				

Adaptado de: Questionário de Avaliação da Revelação da Orientação Sexual (Costa, Pereira & Leal, 2012, cit. por Rita, 2012).

**2. Considerando as respostas da pergunta 1, como perceciona a aceitação da sua orientação sexual?**

	Não se aplica	Não aceitam	Têm dificuldade em aceitar e lidar com a situação	Inicialmente tiveram alguma dificuldade, mas atualmente aceitam	Aceitam bem
Mãe					
Pai					
Irmãos					
Família alargada					
Amigos próximos					

Amigos em geral					
Comunidade em geral					

Adaptado de: Questionário de Avaliação da Revelação da Orientação Sexual (Costa, Pereira & Leal, 2012, cit. por Rita, 2012).

### Grupo III – Experiências de bullying

#### 1. Qual é a sua relação com o grupo de pares/colegas de escola?

Muito má	Má	Razoável	Boa	Excelente
----------	----	----------	-----	-----------

#### 2. Em alguma ocasião se sentiu discriminado(a) no espaço escolar em função da sua orientação sexual?

Sim

Não

#### 3. Qual o tipo e frequência de bullying/agressão de que já foi ou é vítima?

Tipos de agressão	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Física (pontapear, bater...)					
2. Verbal (insultar, insinuar, comentários homofóbicos, racistas...)					
3. Relacional (excluir, ameaçar, difamar, humilhar)					
4. Cyberbullying (ações executadas com o auxílio de tecnologias, internet, facebook, telemóveis...)					

#### 4. Indique quais os locais onde foi vítima de bullying e respetiva frequência.

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Sala de aula					
2. Espaço do recreio					
3. Balneários					
4. Gimnodesportivo					
5. Cantina					
6. Casa de banho					
7. No caminho escola/casa ou casa/escola					
8. Autocarro escolar					
9. Fora da escola					
Outros,					

quais? _____ _____					
-----------------------	--	--	--	--	--

**5. Quem foram os principais responsáveis pelas agressões e com que frequência?**

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Colegas de turma					
2. Amigos próximos					
3. Colegas de escola					
4. Desconhecidos					
Outros, quem? _____ _____					

**5.1 As pessoas responsáveis pelas agressões foram na sua maioria:**

Género Feminino

Género Masculino

**6. Das vezes que foi vítima de bullying denunciou a(s) pessoa(s) que o agrediram?**

Denunciei  (Passe para a pergunta 6.1)

Não denunciei  (Passe para a pergunta 6.2)

**6.1 Se respondeu afirmativamente, a quem o fez e com que frequência?**

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Com muita frequência
1. Pais					
2. Direção escolar/professores					
3. Familiares					
4. Amigos próximos					
5. Associações de apoio					
Outros, quem? _____ _____					

**6.1.1 Se denunciou à direção escolar ou a professores, qual foi a natureza das respostas da escola?**

	Nunca	Algumas vezes	Normalmente	A maior parte das vezes	Sempre
1. Não compreenderam a dimensão da situação					
2. Compreenderam, mas não foi feita qualquer ação					
3. Não aconteceu nada ao(s) agressor(es)					
4. O(s) agressor(es) foram punidos					
5. Foi elaborado um relatório do incidente					
Outros, quais? _____ _____					

Adaptado de: The 2011 National School Climate Survey (Kosciw, Greytak, Bartkiewicz, Boesen & Palmer, 2012).

### 6.1.2 Após a denúncia dos incidentes de bullying:

Pararam as agressões

Aumentaram as agressões

Surgiram novos agressores

Outra, qual? \_\_\_\_\_

**6.2 Quais os motivos que o/a levaram a não denunciar?** (apenas responda a esta pergunta se denunciou).

	Nunca se aplica	Aplica-se raramente	Aplica-se às vezes	Aplica-se muito	Aplica-se sempre
1. Questões de confidencialidade					
2. Medo de retaliações por parte do(s) agressor(es)					
3. Não quero que tenham pena de mim					
4. Não quero que pensem que não me sei defender					
5. Medo de ser julgado e tratado de forma diferente					
6. Acho que não foi suficientemente grave					
7. Medo que não compreendam o problema					
8. Não vale a pena, pois sei que não vão fazer nada					
Outro, qual? _____					

Adaptado de: The 2011 National School Climate Survey (Kosciw, et al., 2012).

### 7. No seu entender, em que medida as expressões de bullying que sofreu tiveram como base a sua orientação sexual.

Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre

- Se a sua resposta foi “Nunca”, o questionário **termina** neste momento.

### Grupo IV – Impacto do bullying homofóbico

#### 1. Que impacto é que o bullying homofóbico tem sobre si e a sua forma de viver diariamente?

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Com muita frequência
1. Sinto-me rejeitado e posto de parte					
2. Tenho pensamentos destrutivos (tentativas de suicídio, automutilação...)					
3. Tenho dificuldade em manter amizades					
4. Sinto-me incapaz de ter relacionamentos sérios					
5. Tenho medo perante novas situações					

6. Sinto-me excluído devido à minha orientação sexual					
7. Consumir álcool ou drogas ajuda-me a enfrentar os problemas					
8. Sinto-me num estado de ansiedade permanente					
9. Isolo-me e vivo num mundo só meu					
10. Sou uma pessoa muito nervosa no meu dia a dia					
Outro, qual? _____ _____					

**2. Quais as estratégias que utiliza para lidar, ou até mesmo evitar a vitimização? E qual a frequência com que as utiliza?**

	Nunca utilizo	Utilizo raramente	Utilizo pouco	Utilizo	Utilizo frequentemente
1. Ocultação da minha orientação sexual					
2. Evito determinadas pessoas e locais					
3. Recorro à violência					
4. Conformo-me com a situação e não faço nada					
5. Procuro conversar com um amigo					
6. Procuro o apoio da família					
7. Procuro ajuda com um professor					
8. Isolo-me em casa					
Outro, qual? _____ _____					

**3. Para suprimir/reduzir o bullying relacionado com a orientação sexual no espaço escolar, que medidas entende como mais adequadas?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Avaliação do questionário*

**1. Existe mais algum aspeto que julga importante para ser abordado?**

Sim

Não

**1.1 Se a sua resposta foi “sim”, que aspetos?** \_\_\_\_\_

**2. Após o preenchimento do presente questionário conseguiu compreender com clareza todas as questões apresentadas?**

Sim

Não

**2.1 Se a sua resposta foi “não”, qual ou quais as questões que sentiu mais dificuldade na sua compreensão e clareza?** \_\_\_\_\_

*Obrigado pela sua colaboração.*

**ANEXO C – QUESTIONÁRIO BULLYING (versão final)**

## Questionário

O presente questionário tem como objetivo recolher informação sobre o bullying homofóbico. Trata-se de um questionário anónimo e confidencial, apenas para fins académicos, e elaborado no âmbito de um projeto de mestrado a realizar na Escola Superior de Educação de Viseu. É pois da maior importância que responda às questões apresentadas com a máxima sinceridade.

### Grupo I – Caracterização sociodemográfica

**1. Idade** \_\_\_\_\_

**2. Género**

Masculino

Feminino

**3. Orientação sexual**

Heterossexual

Homossexual (Gay/Lésbica)

Bissexual

Transsexual

Não sei

**4. Zona habitual de residência**

Sede de distrito

Sede de concelho

Sede de freguesia

**5. Atualmente frequenta a escola?**

Sim

Não

**5.1 Se “Não”, qual a sua situação profissional/profissão?** \_\_\_\_\_

**6. Nível académico concluído** \_\_\_\_\_

**7. Alguma vez reprovou?**

Sim

Não  (Se a resposta foi “Não”, pode passar para a questão 8)

**7.1 Se “Sim”, em que ciclo de escolaridade?**

1º ciclo (até ao 4º ano)

2º ciclo (até ao 6º ano)

3º ciclo (até ao 9º ano)

Ensino secundário (até ao 12º ano)

**7.2 Número de reprovações? \_\_\_\_\_**

**8. Escolaridade dos pais?**

	Mãe	Pai
Sem escolaridade		
1º ciclo (Até ao 4º ano)		
2º ciclo (5º e 6º anos)		
3º ciclo (7º ao 9º ano)		
Ensino secundário (10º ao 12º ano)		
Ensino universitário		

**Grupo II – Caraterização de aspetos relacionados com a orientação sexual**

**1. Quem sabe da sua orientação sexual?**

	Não se aplica	Não sabem	Sabem ou desconfiam, mas nunca conversámos sobre o tema	Sabem, e já conversámos sobre o tema
Mãe				
Pai				
Irmãos				
Família alargada				
Amigos próximos				
Amigos em geral				
Comunidade em geral (vizinhos, conhecidos...)				

Adaptado de: Questionário de Avaliação da Revelação da Orientação Sexual (Costa, Pereira & Leal, 2012, cit. por Rita, 2012).

**2. Considerando as respostas da pergunta 1, como perceciona a aceitação da sua orientação sexual?**

	Não se aplica	Não aceitam	Têm dificuldade em aceitar e lidar com a situação	Inicialmente tiveram alguma dificuldade, mas atualmente aceitam	Aceitam bem
Mãe					
Pai					
Irmãos					
Família alargada					
Amigos próximos					

Amigos em geral					
Comunidade em geral (vizinhos, conhecidos...)					

Adaptado de: Questionário de Avaliação da Revelação da Orientação Sexual (Costa, Pereira & Leal, 2012, cit. por Rita, 2012).

### Grupo III – Experiências de bullying

#### 1. Qual é a sua relação com o grupo de pares/colegas de escola?

Muito má	Má	Razoável	Boa	Excelente

#### 2. Em alguma ocasião se sentiu discriminado(a) no espaço escolar em função da sua orientação sexual?

Sim

Não

#### 3. Qual o tipo e frequência de bullying/agressão de que já foi ou é vítima?

Tipos de agressão	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Física (pontapear, bater...)					
2. Verbal (insultar, insinuar, comentários homofóbicos, racistas...)					
3. Relacional (excluir, ameaçar, difamar, humilhar)					
4. Cyberbullying (ações executadas com o auxílio de tecnologias, internet, facebook, telemóveis...)					

#### 4. Indique quais os locais onde foi vítima de bullying e respetiva frequência.

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Sala de aula					
2. Espaço do recreio					
3. Balneários					
4. Gimnodesportivo					
5. Cantina					
6. Casa de banho					
7. No caminho escola/casa ou casa/escola					
8. Autocarro escolar					
9. Fora da escola					

Outros, quais? _____					
----------------------	--	--	--	--	--

**5. Quem foram os principais responsáveis pelas agressões e com que frequência?**

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. Colegas de turma					
2. Amigos próximos					
3. Colegas de escola					
4. Desconhecidos					
Outros, quem? _____					

**5.1 As pessoas responsáveis pelas agressões foram na sua maioria:**

Género Feminino

Género Masculino

**6. Das vezes que foi vítima de bullying denunciou a(s) pessoa(s) que o agrediram?**

Denunciei  (Passe para a pergunta 6.1)

Não denunciei  (Passe para a pergunta 6.2)

**6.1 Se respondeu afirmativamente, a quem o fez e com que frequência?**

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Com muita frequência
1. Pais					
2. Direção escolar/professores					
3. Familiares					
4. Amigos próximos					
5. Associações de apoio					
Outros, quem? _____					

**6.1.1 Se denunciou à direção escolar ou a professores, qual foi a natureza das respostas da escola?**

	Nunca	Algumas vezes	Normalmente	A maior parte das vezes	Sempre
1. Não compreenderam a dimensão da situação					
2. Compreenderam, mas não foi feita qualquer ação					
3. Não aconteceu nada ao(s) agressor(es)					
4. O(s) agressor(es) foram punidos					
5. Foi elaborado um relatório do incidente					
Outros, quais? _____					

Adaptado de: The 2011 National School Climate Survey (Kosciw, Greytak, Bartkiewicz, Boesen & Palmer, 2012).

### 6.1.2 Após a denúncia dos incidentes de bullying:

Pararam as agressões

Aumentaram as agressões

Surgiram novos agressores

Outra, qual? \_\_\_\_\_

**6.2 Quais os motivos que o/a levaram a não denunciar?** (apenas responda a esta pergunta se denunciou).

	Nunca se aplica	Aplica-se raramente	Aplica-se às vezes	Aplica-se muito	Aplica-se sempre
1. Questões de confidencialidade					
2. Medo de retaliações por parte do(s) agressor(es)					
3. Não quero que tenham pena de mim					
4. Não quero que pensem que não me sei defender					
5. Medo de ser julgado e tratado de forma diferente					
6. Acho que não foi suficientemente grave					
7. Medo que não compreendam o problema					
8. Não vale a pena, pois sei que não vão fazer nada					
Outro, qual? _____					

Adaptado de: The 2011 National School Climate Survey (Kosciw, et al., 2012).

### 7. No seu entender, em que medida as expressões de bullying que sofreu tiveram como base a sua orientação sexual.

Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre

- Se a sua resposta foi “Nunca”, o questionário **termina** neste momento.

## Grupo IV – Impacto do bullying homofóbico

### 1. Que impacto é que o bullying homofóbico tem sobre si e a sua forma de viver diariamente?

	Nunca	Raramente	Pouco frequente	Frequente	Com muita frequência
1. Sinto-me rejeitado e posto de parte					
2. Tenho pensamentos destrutivos (tentativas de suicídio, automutilação...)					
3. Tenho dificuldade em manter amizades					
4. Sinto-me incapaz de ter relacionamentos sérios					
5. Tenho medo perante novas situações					

6. Sinto-me excluído devido à minha orientação sexual					
7. Consumir álcool ou drogas ajuda-me a enfrentar os problemas					
8. Sinto-me num estado de ansiedade permanente					
9. Isolo-me e vivo num mundo só meu					
10. Sou uma pessoa muito nervosa no meu dia a dia					
Outro, qual? _____ _____					

**2. Quais as estratégias que utiliza para lidar, ou até mesmo evitar a vitimização? E qual a frequência com que as utiliza?**

	Nunca utilizo	Utilizo raramente	Utilizo pouco	Utilizo	Utilizo frequentemente
1. Ocultação da minha orientação sexual					
2. Evito determinadas pessoas e locais					
3. Recorro à violência					
4. Conformo-me com a situação e não faço nada					
5. Procuo conversar com um amigo					
6. Procuo o apoio da família					
7. Procuo ajuda com um professor					
8. Isolo-me em casa					
Outro, qual? _____ _____					

**3. Para suprimir/reduzir o bullying relacionado com a orientação sexual no espaço escolar, que medidas entende como mais adequadas?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*Obrigado pela sua colaboração.*

## **ANEXO D – QUESTIONÁRIO DE SUPORTE SOCIAL (SSQ6)**

## Questionário de Suporte Social – SSQ6

(Sarason, I., Sarason, B. Shearin, E. & Pierce, G., 1987; Versão portuguesa de M. R. Pinheiro e J. A. Ferreira, 2000)

As questões que se seguem são acerca das pessoas que no seu meio lhe disponibilizam ajuda ou apoio. Cada questão tem duas partes. Na primeira parte, **indique**, não contando consigo, **todas as pessoas que conhece, com quem pode contar para o ajudar ou apoiar** nas situações que lhes são apresentadas. Para tal, em frente a cada número coloque as iniciais dos nomes dessas pessoas e escreva o tipo de relacionamento que têm consigo. (veja o exemplo, P.F.). A cada número deve corresponder apenas uma só pessoa.

Na segunda parte, indique, rodeando com um círculo, o número (de 1 a 6) que melhor traduz **o seu grau de satisfação em relação à globalidade do apoio ou ajuda** que tem (veja o exemplo, P.F.).

Se em relação a uma determinada questão não tem elementos de ajuda para referir, coloque uma cruz na expressão “Ninguém”, mas selecione sempre o seu nível de satisfação. Para cada questão o **número máximo de pessoas a indicar é nove**.

### Exemplo:

- Com quem é que pode realmente contar para o fazer sentir-se melhor quando está desiludido com alguma coisa?

Ninguém	1) M. (irmão)	4) N. (mãe)	7)
	2) T. (amigo)	5) J. (pai)	8)
	3) R. (amigo)	6) J. M. (namorado)	9)

- Qual o seu grau de satisfação?

1: Muito insatisfeito    2: Insatisfeito    3: Algo insatisfeito    4: Pouco satisfeito    5: Satisfeito    6: Muito satisfeito

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 1. Com quem é que pode realmente contar quando precisa de ajuda?

Ninguém	1)_____	4)_____	7)_____
	2)_____	5)_____	8)_____
	3)_____	6)_____	9)_____

- Qual o seu grau de satisfação?

1: Muito insatisfeito    2: Insatisfeito    3: Algo insatisfeito    4: Pouco satisfeito    5: Satisfeito    6: Muito satisfeito





**ANEXO E – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DO  
QUESTIONÁRIO DE SUPORTE SOCIAL (SSQ6) AOS RESPECTIVOS AUTORES**

Assunto: Pedido de Autorização para a utilização do Questionário de Suporte Social – SSQ6

Data: Seg, 25 Mar 2013 (15:10:36 WEST)

De: neuza santos pimenta pimenta <neuza\_s\_pimenta@sapo.pt>

Para: jferreira@fpce.uc.pt

Professor Doutor Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira

Chamo-me Neuza Pimenta e sou aluna do 2º ano do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Viseu.

Neste momento encontro-me a realizar um projeto de investigação com a temática bullying homofóbico, sob a orientação da Prof. Doutora Emília Martins, sendo que tenho a necessidade de utilizar, a par de outros instrumentos, o “Questionário de Suporte Social: Adaptação e validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6)” (Pinheiro, M. R.; Ferreira, J. A., 2002).

Como tal, venho por este meio solicitar autorização para a utilização do referido instrumento.

Certa da vossa atenção e compreensão, aguardo resposta, disponibilizando-me para esclarecimentos adicionais entendidos por conveniente.

Com os melhores cumprimentos,

Neuza Pimenta

neuza\_s\_pimenta@sapo.pt

Viseu, 25 de Março de 2013

Assunto: Pedido de Autorização para a utilização do Questionário de Suporte Social – SSQ6

Data: Seg, 25 Mar 2013 (15:08:24 WEST)

De: neuza santos pimenta pimenta <neuza\_s\_pimenta@sapo.pt>

Para: pinheiro@fpce.uc.pt

Professora Doutora Maria do Rosário Moura Pinheiro

Chamo-me Neuza Pimenta e sou aluna do 2º ano do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Viseu.

Neste momento encontro-me a realizar um projeto de investigação com a temática bullying homofóbico, sob a orientação da Prof. Doutora Emília Martins, sendo que tenho a necessidade de utilizar, a par de outros instrumentos, o “Questionário de Suporte Social: Adaptação e validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6)” (Pinheiro, M. R.; Ferreira, J. A., 2002).

Como tal, venho por este meio solicitar autorização para a utilização do referido instrumento.

Certa da vossa atenção e compreensão, aguardo resposta, disponibilizando-me para esclarecimentos adicionais entendidos por conveniente.

Com os melhores cumprimentos,  
Neuza Pimenta

neuza\_s\_pimenta@sapo.pt

Viseu, 25 de Março de 2013

**ANEXO F - PEDIDO DE COLABORAÇÃO À ASSOCIAÇÃO REDE EX AEQUO**

## **[Pedido de Colaboração] Bullying homofóbico**

**Nome:** Neuza Santos Pimenta

**Contacto:** [neuza\\_s\\_pimenta@sapo.pt](mailto:neuza_s_pimenta@sapo.pt)

**Estabelecimento de Ensino:** Escola Superior de Educação de Viseu

**Disciplina:** Projeto de mestrado

**Orientador:** Doutora Emília Martins

**Objetivo:** Em que medida variam os episódios de bullying na perspetiva da vítima (frequência, contexto, tipo, estratégias utilizadas), em jovens LGBT, em função de variáveis sociodemográficas, académicas, pessoais e institucionais.

**Pedido:** Olá a todos, encontro-me a desenvolver um projeto de investigação no âmbito do mestrado em intervenção psicossocial com crianças e jovens em risco e necessito da ajuda de todos para responderem a dois questionários, sobre bullying e suporte social. A vossa colaboração é fundamental e como tal, agradeço o tempo que disponibilizaram no preenchimento dos seguintes questionários:

<http://inqueritos.estv.ipv.pt/limesurvey/index.php?sid=84987&lang=pt>

<http://inqueritos.estv.ipv.pt/limesurvey/index.php?sid=64696&lang=pt>

**Prazo**

12 de maio de 2013